



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Bruno Cesar Santos de Souza

O processo de institucionalização do Grêmio Recreativo Escola de Samba

Unidos do Porto da Pedra

São Gonçalo

2017

Bruno Cesar Santos de Souza

O processo de institucionalização do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Porto da  
Pedra

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Mestrado Profissional em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Joana D'Arc do Valle Bahia

São Gonçalo

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHD

S729 Souza, Bruno Cesar Santos de.  
O processo de institucionalização do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra / Bruno Cesar Santos de Souza. – 2017.  
180f.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Joana D'arc do Valle Bahia.  
Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Carnaval – Teses. 2. Escolas de samba – São Gonçalo (RJ) – Teses. I. Bahia, Joana D'arc do Valle. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CDU 394.25(815.3)

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Bruno Cesar Santos de Souza

**O processo de institucionalização do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do  
Porto da Pedra**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Mestrado Profissional em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Aprovada em 4 de julho de 2017.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Joana D'Arc do Valle Bahia (Orientadora)  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof. Dr. Nilton Silva dos Santos  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr. Luiz Felipe Ferreira  
Instituto de Artes – UERJ

---

Prof. Dr. Martin Christoph Curi Spörl  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

São Gonçalo

2017

## DEDICATÓRIA

De todo o amor que eu tenho, metade foi tu que me deu. Salvando minh 'alma da vida, sorrindo e fazendo o meu eu.

Para Helena Laranjeira Santos

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é talvez um dos momentos mais complicados da obra. Lembrar-se de todos, rememorar os nomes daqueles que me auxiliaram nessa empreitada, sem deixar faltar um é missão muito difícil, quase impossível. Tenho em mente que necessitaria de escrever um sem número de páginas para poder abranger todos e todas que durante esse período em que estive voltado para a pesquisa me demandaram seu tempo, sua atenção e seus ensinamentos. Infelizmente, não o posso fazer. Todavia, buscarei, tal como um historiador, formular uma linha do tempo com o intuito de me lembrar de todos aqueles que, ao longo desses dois anos me auxiliaram de qualquer maneira que seja.

Sendo assim, parto do princípio para agradecer imensamente aos meus pais Claudia Helena e Felix Teixeira por toda a educação, amor, conselhos e, principalmente pelo caminho ensinado. Ao meu avô Uberlando por tido tanta paciência em me ajudar nos deveres de casa, quando eu ainda era criança e também depois de velho. Eis, com toda certeza, meu espelho. A minha amada avó Helena, que quando recebeu a notícia de que seu neto havia passado para o mestrado ficou tão orgulhosa que “não conseguia caber dentro de si”. Hoje, tenho certeza, ela está comemorando lá do céu à vitória do seu neto. Valeu Vó, conseguimos! A minha irmã Daniella, ao meu primo Caio e a querida Camila Cupti pelo carinho e fé depositados. Um espaço especial para o mais amado dos amados, meu príncipe. Aquele que me ensina a simplicidade da vida através de brincadeiras. O molequinho que me faz levantar da cama todo dia com uma enorme vontade de conquistar o mundo: Heitor Paiva de Souza, meu filho.

Aos amigos Vinicius Ferreira, Leonardo Alves, Juan Bolão, Romário Ferreira, Diego Cesar, Arthur Guetten e Higor Brito por sempre estarem comigo desde a infância e, que nessa fase de minha vida compreenderam que, por conta dos estudos, tive que me ausentar. Contudo, continuaram a me inspirar perguntando sobre o trabalho. Além disso, meus sinceros agradecimentos por me fazer entender – talvez sem intenção - que um trabalho acadêmico tem a necessidade de ser alcançado por todos.

Agradeço imensamente a minha orientadora Joana Bahia por todos os ensinamentos, conselhos e créditos dados a essa pesquisa. Obrigado professora por abrir meus horizontes, me fazendo conhecer novos autores, novas perspectivas e novas maneiras de enxergar o mundo. Sem a senhora esse trabalho não seria possível.

Ao professor Martin Curi, pelas excelentes exposições onde misturava história e antropologia e demonstrava que não existe limite para os nossos objetos e objetivos. A

professora Daniela Calainho pelas didáticas e acolhedoras aulas. A professora Iza Quelhas pela compreensão de que história e literatura muito dialoga. A Professora Hebe Matos por esclarecedores debates. Ao professor Felipe Ferreira por mostrar, de maneira apaixonante que, o carnaval é muito mais do que uma festa, é história, é geografia, é sociologia, é arte. Muito obrigado aos meus mestres.

Reconhecimento máximo os professores e professoras da UERJ FFP, sejam eles do período da graduação ou mesmo do Programa de Pós-Graduação em História Social. Ensinarão-me com amor e dedicação a pesquisar, escrever e mais o importante: sempre se deve ampliar o conhecimento para aqueles que o buscam.

Aos amados Eduardo Gomes e Gilson Felipe, por estarem desde o início da graduação, mostrando que além da parte acadêmica, a faculdade também é um ótimo lugar para se fazer amigos. A Mariana Rodovalho, de maneira especial, pelo carinho e amor dedicado. Obrigado por escutar minhas incertezas, ler o trabalho a ponto de se tornar especialista na história da Porto da Pedra e, além de tudo dizer a palavra certa no momento certo. Meu muito obrigado. Meu agradecimento ao irmão Diego Deziderio que mesmo quando eu iniciava essa caminhada de maneira tímida e sem grandes pretensões, me ajudou como se ajuda a um irmão. Jamais esquecerei, eis com toda certeza um grande amigo. Para Emanuelle Diniz por todas as leituras atentas e por me mostrar que mesmo nas dificuldades existem pessoas boas e dispostas a ajudar. A Denise Almeida pelos auxílios, conselhos e por mostrar como um verdadeiro professor deve caminhar. Para os inseparáveis Allan Dermier, Ivo Mendonça Felipe Badu e Rogério Medeiros.

Aos funcionários do PPGHS, em especial a senhora Andrea, que tanto nos auxiliou em documentos, todas as vezes se mostrando disposta a fazer o melhor.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por proporcionar o fomento durante esses dois anos de mestrado. Demonstrando que a pesquisa e o ensino só se desenvolvem com investimento.

Aos amigos de turma do mestrado no PPGHS/UERJ de 2015/1 pelos debates acalorados e boas aulas que tanto somaram à minha pesquisa e para a minha vida. Em especial aos amigos da pós Guilherme Cavotti, Sonja Ribeiro, Jonatas Roque, Sayonara Sisquim, Luciana Pinto, José Vinicius, Luiza Sarraff com os quais convivi mais de perto, seja nas aulas, nos cafés, nos encontros e nas risadas.

Agradeço aos meus entrevistados Seu Jorair Ferreira, Dona Ana Maria, Pedro Celestino, Paulo Chaffin, Pedro Luís, Sebastião Bergara, Jorginho do Império, Dona Gilce de

Oliveira, Mauro Quintaes, Miguel Sobrinho, Fabio Montebelo, Jaime Cezario, Maurício Pinheiro e Cristiano Pereira. Vocês são história viva, uma fonte de água límpida que espero immortalizar com minhas humildes letras. Esse trabalho também é uma homenagem a vocês que proporcionaram ao povo tantas alegrias.

A todos os amantes do carnaval, em especial a comunidade e construtores dos festejos anuais do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra. Obrigado por nunca desistirem e mostrarem que todo novo ano é uma nova oportunidade para obter a vitória. Por fim, agradeço a Jorge Lambel e Sérgio de Oliveira. Sem eles, com certeza, não haveria trabalho, Escola de Samba e um orgulho tão especial de ser Porto da Pedra.



Eu vi sair, de um pavilhão em São Gonçalo, loucuras vindas de imaginários, tão loucos quanto os que a gente já cantou.

*Vadinho, Carlinho e Pinto*

## RESUMO

SOUZA, Bruno Cesar Santos de. *O processo de institucionalização do Grêmio Recreativo Unidos do Porto da Pedra*. 2015. 180f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015.

A presente dissertação analisa, a partir da ótica da história social, os processos de institucionalização existentes no cerne da Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra entre os anos de 1973 e 1995. Compreendemos que, tais procedimentos acabaram por resultar no crescimento, ressignificação cultural / social e na popularização da escola nas cidades de São Gonçalo, Rio de Janeiro e adjacências. Neste sentido, utilizamo-nos de fontes orais, a fim de analisar as narrativas dos personagens que construíram tal coletividade. Além disso, ponderamos sobre os grupos sociais implicados com as transformações ocorridas no seio desta instituição ao longo do tempo/espaço, visando também explicar os impactos causados pela Porto da Pedra na vida social dos lugares por onde esta se estabeleceu. Por fim, buscamos entender as redes de sociabilidade que haviam no lugar, faz-se isso com intuito de alcançar e analisar os conflitos existentes na constituição dessa agremiação e por seguinte, de grande parte da população local.

**Palavras-chave:** Carnaval. Escolas de Samba. Porto da Pedra. São Gonçalo.

## ABSTRACT

SOUZA, Bruno Cesar Santos de. *The institutionalization processes of Grêmio Recreativo Unidos do Porto da Pedra*. 2015. 180f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2015.

This dissertation seeks to analyze the institutionalization processes that happened to the Porto da Pedra Carnival Institution within the years of 1973 and 1995, using the methodology of social history. This work presents the understanding of how these processes resulted in Porto da Pedra's growth, cultural resignification and popularization in the cities of São Gonçalo and Rio de Janeiro. Oral sources were used to analyze the stories of the characters who built the association. Also, the social groups involved with the transformations that took place in this carnival institution over time were considered, aiming to explain the impacts caused by Port of Pedra in the social life of the places where it was established.

**Keywords:** Carnival. Samba School. Porto da Pedra. São Gonçalo.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
1	<b>DE BLOCO CARNAVALESCO À ESCOLA DE SAMBA: A INSTITUCIONALIZAÇÃO, CRESCIMENTO E TRANSFORMAÇÃO DA PORTO DA PEDRA EM SÃO GONÇALO (1973- 1985)</b> .....	23
1.1	<b>O nascimento da agremiação Porto da Pedra</b> .....	23
1.2	<b>A Porto da Pedra e o carnaval gonçalense</b> .....	45
2	<b>DAS CINZAS ÀS CORES MAIS LINDAS: O RESSURGIMENTO DO G.R.E.S UNIDOS DO PORTO DA PEDRA (1985 -1993)</b> .....	60
2.1	<b>O fim do carnaval gonçalense e seus motivos</b> .....	61
2.2	<b>O show tem que continuar</b> .....	33
2.3	<b>O patrocínio da empresa COMTROL S/a e o ressurgimento da G.R.E.S Unidos do Porto da Pedra na década de 1990</b> .....	82
3	<b>“O CARNAVAL DE SÃO GONÇALO FICOU PEQUENO”: A IDA PARA O CARNAVAL CARIOCA E A REESTRUTURAÇÃO DO GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DO PORTO DA PEDRA</b> .....	99
3.1	<b>De São Gonçalo para o mundo</b> .....	100
3.2	<b>De São Gonçalo para o carnaval do Rio de Janeiro: Transformações e disputas no seio do GRES Unidos do Porto da Pedra</b> .....	121
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	154
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	161
	<b>ANEXO</b> .....	166

## INTRODUÇÃO

Objetiva-se enquanto pesquisa a análise do processo de institucionalização, organização e produção cultural do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra, entre os anos de 1973 e 1995, bem como seus efeitos políticos, culturais e sociais. Este trabalho está relacionado à dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em História Social da UERJ.

Entendendo que houve mudanças em nosso objeto de estudo ao longo do tempo analisado, verifica-se igualmente as estratégias utilizadas pelos organizadores da agremiação a fim de entender seu processo de criação, organização e consolidação dentro do carnaval gonçalense. Ademais, investiga-se a pausa que a mesma sofreu em meados da década de 1980 e, como, anos mais à frente (1993) ressurgiu para o cenário carnavalesco da cidade de São Gonçalo. Por fim, pondera-se sobre as mudanças - simbólicas e estruturais – promovidas no cerne da instituição que, a partir de 1993 passou a se associar a ligas carnavalescas na cidade do Rio de Janeiro e a desfilar um dos principais carnavais do mundo.

Para tal, investiga-se a construção histórica e cultural do bairro com o intuito de apreender as raízes sociais do lugar de onde surgiu a Porto da Pedra. Atrelado a isto pesquisa-se a biografia da instituição para que possamos compreender quem são as pessoas e/ou grupos envolvidos na edificação da mesma; como esta agremiação se modificou e se consolidou ao longo dos anos; por quais motivos ela tanto se transformou; quais os reais impactos que a mesma causou na população que a cerca. Paralelamente, discute-se sobre as disputas acerca da narrativa oficial e os conflitos internos e externos trazidos pelas modificações do caráter da instituição.

Averigua-se ainda as maneiras e métodos que levaram o GRESU Porto da Pedra a deixar de ser uma agremiação desconhecida no cenário carioca para conseguir em quatro carnavais (1993 – 1996), o feito de desfilar entre as principais agremiações do carnaval da cidade do Rio de Janeiro.

Para que esses objetivos fossem alcançados, foi necessária a seleção de alguns tipos de fontes. A primeira dessas ferramentas foi à consulta a periódicos que retratam a época em que a Porto da Pedra se constituía, primeiro enquanto bloco e depois enquanto escola de samba (1973 até 1993). Dentre os jornais escolhidos estão O Fluminense e O São Gonçalo. Estes periódicos são regionais e mostram um panorama próximo da criação e do desenvolvimento

da instituição carnavalesca Porto da Pedra. Vale dizer que ambos possuem edições dedicadas ao carnaval conforme as celebrações se aproximam.

Outro tipo de fonte amplamente utilizada nesses escritos são os relatos orais. Sabe-se que estes possuem um cunho social emancipador e, se bem utilizados, nos dão condição aumentar a voz daqueles que são sujeitos históricos, possuem importantes narrativas sobre a constituição de uma comunidade, mas muitas vezes não tem suas memórias utilizadas em uma pesquisa histórica.

Essas memórias são divididas entre entrevistas concedidas a mim, tendo em vista meus questionamentos, hipóteses e objetivos; e as aquelas que foram conferidas por integrantes da Unidos do Porto da Pedra a jornais, a sites e a arquivos públicos ligados ao carnaval.

Nossa primeira entrevista foi concedida por Paulo Chaffin. Este foi comerciante do bairro (1977), fundador do Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra (com oficialidade 1978), comprador do G.R.E.S.U. Porto da Pedra (1993-95), diretor de apoio do G.R.E.S.U Porto da Pedra (97-2012). Seu Paulinho, como é conhecido pelas ruas do bairro, nos mostrou como eram as atividades comerciais, sociais e culturais do lugar e da agremiação ao longo das décadas de 1970 e 1980. Além disso, nos presenteou com documentos de suma importância para a história da Porto da Pedra, tais como atas de fundação, registros oficiais em cartório e diários oficiais.

Outra importante conferência nos foi prestada por Jorair Ferreira, que era jogador do Unidos do Porto da Pedra Futebol Clube (time que ajudou a fundar o bloco carnavalesco), fundador do Bloco carnavalesco Unidos do Porto da Pedra (sem oficialidade 1973-75), fundador do Bloco carnavalesco Unidos do Porto da Pedra (com oficialidade 1978) e ex-presidente entre os anos de 1993 e 1997. Seu Jorair foi um dos sujeitos que mais contribuiu para esse trabalho, seja nas entrevistas ou mesmo no empréstimo de alguns documentos, tais como foto da época, atas de reuniões, estatuto do bloco (1978) e da escola de samba (1993).

Pedro Celestino, o Cabrinha, foi jogador do Aranha Futebol Clube (Time do bairro que ajudou a fundar o bloco Carnavalesco), fundador do Bloco (sem oficialidade 1973-75) e diretor Social do G.R.E.S.U. Porto da Pedra (1993-1997). Concedeu-nos duas entrevistas onde narrou o cenário existente no logradouro no período anterior a construção do bloco, em 1973. Contou-nos também sobre como se deu a gênese do Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra e como os times de futebol do bairro ajudaram a fundar a agremiação. Além

disso, nos narrou os primeiros anos da Porto da Pedra. Este também nos cedeu fotos da época bloco ainda sem registro oficial.

Jorge Antônio Carlos (Jorginho do Império) foi um importante diretor de carnaval do período. Ele foi o principal mediador da ida do GRESUPP para o carnaval do Rio de Janeiro. Foi a partir do contato com esse senhor que foi possível vislumbrar o crescimento da Porto da Pedra durante o início da década de 1990. Jorginho do Império também foi diretor de carnaval da Porto da Pedra entre os anos de 1993 e 1997 e nos mostrou o olhar externo de um conhecedor das práticas carnavalescas.

Mauro Quintaes foi carnavalesco do GRESU Porto da Pedra entre os anos de 1994 e 1997. Ele nos contou sobre a estruturação, métodos, políticas e coligações feitas pela agremiação em seus primeiros carnavais em solo carioca. Discursando enquanto sujeito estranho ao bairro, nos mostrou suas percepções acerca do lugar e das pessoas que lá residiam. Além disso, evidenciou, a partir de suas memórias, as gradativas mudanças ocorridas na escola de samba e no bairro.

Maurício Pinheiro (Maurição): Diretor de Harmonia do GRESU Porto da Pedra (1994-1999) nos revelou os bastidores da construção do carnaval da escola durante os anos de 1994 e 1995. Por ser residente do bairro e atuante no mundo do carnaval, Maurição, como também é conhecido, nos expôs como foram os primeiros contatos dos habitantes do lugar com os sujeitos não-moradores.

Fábio Montebelo, atual presidente da agremiação, vivenciou e nos falou sobre as modificações ocorridas na Porto da Pedra a partir de 1985 e por conta disso nos auxilia no entendimento acerca do período.

Pedro Luís, ou simplesmente Pedro Gordo é comerciante, folião e morador do bairro. Por estes desígnios pôde nos retratar, através de sua vivência, as relações presentes na construção e nas constantes modificações ocorridas em nosso objeto de estudos. Sendo ele amigo particular de Jorge Lambel e Sergio de Oliveira (patronos da agremiação a partir de 1993) nos trouxe importantes relatos acerca dos primeiros anos de década de 1990.

Também amigo de Jorge Lambel e Sergio de Oliveira, além de estar ligado ao carnaval do bairro, Sebastião Bergara nos auxiliou na compreensão do processo de criação da “nova” Porto da Pedra a partir de 1993. Seus relatos nos mostram outra narrativa que não a oficial, o que nos faz confrontar e entender que sempre existem histórias marginais a oficial. Tião Bergara nos foi de extrema utilidade ao passo que nos narrou acontecimentos importantes que ocorreram dentro da direção da Porto da Pedra em princípios dos anos 1990.

Cristiano Pereira apareceu para nossa pesquisa como uma grata surpresa concedendo a nós uma curta, mas esclarecedora entrevista. Nela explica a importância da Porto da Pedra para o bairro e arredores, demonstrando a relevância que a agremiação tinha para outros segmentos culturais do lugar. Cristiano, também conhecido como Carequinha, era um dos organizadores de grupos folclóricos da região e nos contou que a Porto da Pedra doava tecidos, fantasias, pessoal para essas quadrilhas juninas.

Katia Lambel é filha de Jorge Lambel, um dos patronos da escola de samba e nos concedeu alguns dados sobre a estrutura e sobre a constituição da Porto da Pedra. Além disso, nos contou algumas das ideias e desejos de seu pai.

Por fim, se faz referência a algumas entrevistas feitas em caráter sigiloso, onde alguns entrevistados tiveram seus nomes preservados, sendo inclusive suprimidos ou modificados. Tais providências foram tomadas a pedido dos informantes e acatada por nós haja visto a delicadeza de alguns dos temas abordados ao longo da pesquisa.

Por conta desses relatos, faz-se menção à importância da memória dos sujeitos entrevistados, bem como a oralidade, que nos serviu como ferramentas para essa obra. Sem ambas (a memória e a vontade de narrar os fatos) não haveria maneira de se pesquisar o processo de institucionalização da Unidos do Porto da Pedra.

Pierre Nora ao analisar a memória e as inúmeras redes que ela aciona, inaugura a expressão “lugares de memória” que seriam, primeiramente, lugares em uma tríplice acepção: são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são lugares funcionais porque têm ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são lugares simbólicos onde essa memória coletiva – vale dizer, essa identidade - se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória.

Para o autor, os dias de hoje trouxeram consigo uma mudança significativa no olhar relativo aos grupos sociais em relação ao que conservavam tradicionalmente com o passado. Nora entende que uma das discussões mais importantes para a cultura contemporânea se situa no entrecruzamento entre a veneração ao passado, seja ele real ou imaginário e o sentimento de pertencimento a um dado grupo; entre a consciência coletiva e a preocupação com a individualidade; entre a memória e a identidade.

Conceitua-se os lugares de memória como, antes de tudo, um misto de história e memória, pois não há mais como se ter somente memória:



Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais.<sup>1</sup>

Halbwachs alcança que as lembranças seriam incorporadas pela história à medida que fossem deixando de existir ou à medida que os grupos que as sustentavam deixassem de existir. Nora, por outro lado, entende de forma mais ampla que a categoria memória deixou de existir porque passou a ser reivindicada pelo discurso histórico. Para a pesquisa referente a Porto da Pedra, essas memórias foram pensadas como construções coletivas, “uma corrente de pensamento contínuo que retém do passado somente o que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém”.<sup>2</sup>

As memórias marginalizadas, que são entendidas também como “memórias subterrâneas” abriram novas possibilidades no terreno fértil da História Oral. Segundo o pensamento, não se trata de historicizar memórias que já deixaram de existir, e sim, trazer à superfície memórias “que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível” e que “afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados”.<sup>3</sup> É por isto que se pode afirmar que a “história da memória tem sido quase sempre uma história das feridas abertas pela memória”.<sup>4</sup>

Outra discussão importante que está entrelaçada com o resgate da memória é a construção da História Oral, que tem seu nascimento nos anos 1950, tendo o crescimento durante as décadas de 1970 e 1980, chegando ao Brasil com mais força durante os anos de 1990.

Para Thompson:

A história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos.<sup>5</sup>

---

<sup>1</sup> NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. In: Projeto História. Nº 10. São Paulo: PUC, 1993. P.12.

<sup>2</sup> HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 1990.p. 81-82.

<sup>3</sup> POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. In Revista Estudos Históricos, vol. 02. 1989. PP 3-15.

<sup>4</sup> ROUSSO, Henry. *A memória não é mais o que era*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos e abusos da história oral. 5. Ed. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 2002. p. 93-101.

<sup>5</sup> THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: história oral*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1992, p. 17.

A História Oral serviria assim, para a melhor compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro que comprovariam a veracidade do discurso. As entrevistas auxiliariam ao pesquisador a ter mais contato com o passado.

Além disso, a oralidade e a técnica da entrevista possibilitam ao historiador compreender como indivíduos experimentam e interpretam determinados acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou sociedade em geral, o que tornaria o estudo mais bem baseado e concreto, trazendo fatos já acontecidos para o presente e assim clamando aos mortos que nos contém as suas histórias, trazendo para as gerações futuras o melhor entendimento das experiências vividas por outros.

Algo parecido com que é feito por Ginzburg que analisa em *O Queijo e os Vermes* a micro história como uma prática baseada na redução da escala da observação em uma análise microscópica e em um estudo intensivo do material documental. Busca-se nesse trabalho uma diminuição escalar, para que possamos olhar mais atentamente - assim como Ginzburg - para os sujeitos que construíram o carnaval de bairro no Porto da Pedra, o que deu margem para a construção da agremiação, por exemplo.<sup>6</sup>

Para além dessas fontes e conceitos, opto também pelas publicações destinadas ao grande público do carnaval como um dos sustentáculos para o presente trabalho. Faz-se isso, pois as Escolas de Samba do Estado do Rio de Janeiro têm sido desde 1950 alvo de questionamentos, estudos e teorias elaboradas por jornalistas, cientistas sociais, historiadores, estudiosos de artes, antropólogos, entre outros das mais diversas áreas.

Estes buscaram entender as mais diversas peculiaridades que essa manifestação cultural apresentou ao longo de sua existência. Alguns desses autores escreveram suas pesquisas mais ou menos no mesmo tempo em que os fatos relativos a Porto da Pedra, aqui estudados, ocorreram. Com isso, entende-se que seus livros sobre a história do carnaval constituem uma espécie de memória dos autores citados

O jornalista e pesquisador *Sérgio Cabral* nos traz um panorama histórico, social e cultural das escolas de samba cariocas. De seus trabalhos buscou-se captar a formação de algumas importantes agremiações carnavalescas, as quais a Unidos Porto da Pedra se inspirou para institucionalizar-se. Além disso, aproveitamos sua análise sobre os primeiros anos destas instituições para entender suas coligações, constituição e de que maneira ocorriam os diálogos diários entre a sociedade e as escolas de samba.

---

<sup>6</sup> GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. S. Paulo: Cia das Letras, 1987.

Ao dissertarmos sobre o carnaval enquanto uma estrutura histórica e econômica, utilizamos o olhar de *Hiram Araújo*. As transformações analisadas pelo autor são ponto de partida para alguns entendimentos, tais como a reverberação do festejo na vida social de um lugar. Além disso, utilizamos seus escritos para dissertar sobre as modificações estruturais e simbólicas das instituições carnavalescas a partir da década de 1970.

Dentre as mudanças supracitadas está a implementação da figura do coreógrafo, do carnavalesco e de artistas, tais como ferreiros, engenheiros hidráulicos, pintores, entre outros, que, por serem sujeitos estranhos ao convívio social das comunidades que envolviam estas escolas de samba, acabaram por causar estranhamento, trocas sociais diárias e conflitos com aqueles que ali já estavam. Décadas à frente, mais precisamente no ano de 1993, a Porto da Pedra passou por um processo parecido, onde foram empregados trabalhadores oriundos de outros lugares que não o próprio bairro, como ocorria desde a fundação da mesma. Nesse sentido, Araújo nos deu base para pensar de que maneira se deu a entrada desses trabalhadores, como ocorreu e os conflitos que gerou para a agremiação.

Buscando dar continuidade a esta linha de raciocínio, apreendemos em nossa obra as pesquisas de Nilton Santos sobre a inserção de determinados sujeitos no mundo carnavalesco e suas diversas funções. Observou-se como estes encarnam o papel de mediadores culturais de uma agremiação carnavalesca, fazendo a ponte entre a instituição e o mundo que a cerca.

A fim de obter um panorama acerca do carnaval carioca ao longo do século XIX e XX, bem como entender os impactos causados pela modificação do caráter de algumas instituições carnavalescas, sejam elas blocos ou escolas de samba, sua formação social, os possíveis conflitos gerados nas mesmas e os movimentos artísticos presentes na festa empregamos algumas das análises feitas por *Felipe Ferreira*. A obra do autor ainda nos conferiu a possibilidade de compararmos a constituição da Porto da Pedra com a de outras agremiações carnavalesca, por exemplo. Além do mais, utilizou-se dos escritos de Ferreira para compreendermos artisticamente o nosso objeto de estudos. Faz-se isso pois, sabe-se da importância da indumentária para um desfile. Por fim, utilizaremos o texto *Escolas de Samba: uma organização possível* para entender a construção de um carnaval, observando a Porto da Pedra como elemento articulador do passado e do presente.

Ainda buscando contrapontos para analisar a história da Porto da Pedra (bairro e agremiação), fomos até a obra de *Eneida de Moraes* para alcançarmos, em um primeiro momento, a construção do carnaval na cidade do Rio de Janeiro ao longo do século XX. Entendendo as redes de influências existentes no Rio de Janeiro, usou-se a percepção da

autora para analisarmos as manifestações culturais presentes na cidade de São Gonçalo. Esses dados nos serão úteis a partir do momento que dissertamos sobre a formação e mobilização cultural do bairro em questão.

*Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti* nos ajuda a entender os ritos ocorridos dentro de uma instituição carnavalesca como Porto da Pedra e, também nos auxilia na compreensão do tempo cronológico existente no carnaval. É através de seus entendimentos que refletimos sobre algumas das transformações ocorridas na Porto da Pedra ao longo do tempo. Cavalcanti ainda nos auxilia em nossas conclusões sobre a construção da Liga Independente das Escolas de Samba e sua relação com o jogo do bicho. Além do mais, utilizou-se da autora seus escritos sobre a modernização das escolas de samba cariocas.

Ao falarmos sobre economia e suas diversas influências para a história da sociedade gonçalense utilizamo-nos de Carlos Lessa, Salvador Mata, Gelsom Rozentino e Sydenham Neto. Para o delicado tema da corrupção e lavagem de dinheiro escolheu-se as análises de Marcos Bezerra e Fernando Filgueiras. Para formularmos um entendimento teórico sobre o crescimento de igrejas pentecostais e seus desdobramentos para social elegemos as teses de Ricardo Mariano e Paul Freston sobre o tema.

Todos esses autores e suas teses, além dos relatos orais e periódicos da época nos ajudaram a entender o processo de institucionalização do Grêmio Recreativo Unidos do Porto da Pedra.

Todavia, para compreender como uma Escola de Samba de São Gonçalo modificou características culturais, econômicas, estruturais, políticas e sociais suas e, por seguinte de seu bairro de origem é necessário voltar no tempo, indo para o ponto inicial, onde a Porto da Pedra surgiu para o carnaval no município de São Gonçalo.

O bairro do Porto da Pedra, localizado no município de São Gonçalo, possui – até os dias de hoje – uma forte ligação com festas populares, tais como: festas juninas e carnaval. A gênese desses eventos acabou por se perder no imaginário popular do lugar, todavia sabe-se que a partir de 1956 um senhor por apelido de Nonô passou a organizar esses eventos. A construção desses festejos foi crescendo ano após ano, o que ocasionou a transferência desses valores e ensinamentos para alguns jovens moradores. Sendo assim, algumas pessoas que ali viviam mantiveram tradições e memórias ligadas a elaboração dessas celebrações.

Tal organização foi preponderante para que no ano de 1973, um grupo de moradores se reunisse para construir um campo de futebol. Neste novo espaço foram feitos alguns campeonatos e celebrações, o que, fatalmente, fez aproximar os habitantes do lugar. Dessas

novas relações se construíram novos laços e aspirações. Entre essas ambições coletivas havia uma em especial: o desejo pela construção de um bloco carnavalesco. Assim, em 1974, foi criado o Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra, advindo da organização de moradores e comerciantes do bairro.

E embora saibamos que foi a partir da construção coletiva a origem desta instituição carnavalesca, temos a ciência de que um time de futebol em especial, o *Unidos do Porto da Pedra Social Clube*, foi responsável por capitanear as principais funções nos primeiros anos de bloco.

Enquanto bloco carnavalesco, Unidos do Porto da Pedra passou a desfilar, entre os anos de 1974 e 1976, pelas ruas do bairro e, posteriormente pelo centro de São Gonçalo. Contudo, por razões organizacionais e, sobretudo econômicas o bloco diminuiu suas atividades, o que ocasionalmente o fez mudar. Contudo, pode-se concluir que, mesmo com pouco tempo de existência, o movimento se tornou símbolo das atividades culturais do bairro, modificando assim a história e as relações da população da região.

A tese, em si, será dividida em três capítulos. O inicial intitulado **De bloco carnavalesco à escola de samba: a institucionalização, crescimento e transformação da Porto da Pedra no município de São Gonçalo (1973 – 1985)** debate, primeiramente, o bairro do Porto da Pedra e seus habitantes. Faz-se isso com o intuito de entendermos o lugar e a sociabilidade existente neste espaço, para que então possamos compreender suas atividades econômicas e culturais. Além disso, discute-se o espaço e suas utilizações a fim de entendermos a organização social do bairro.

Utilizamos fontes orais, documentos tirados de jornais da época e fotos para explanarmos sobre a construção do Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra, seus desfiles pelas ruas do Porto da Pedra e as mudanças que essa nova agremiação trouxe para o lugar. Ademais, discorreremos nesta seção sobre o crescimento do bloco, sua chegada ao principal desfile gonçalense e as mudanças geradas por esses fatores.

Ainda neste capítulo, confronta-se algumas narrativas acerca da criação da instituição, bem como mudanças em sua gerência a partir do ano de 1978, quando a agremiação passa a ser oficializada em cartório. Por fim, disserta-se de que maneira este bloco carnavalesco transformou-se em uma escola de samba (1981), observando suas novas alianças, associações, ambições e perspectivas. Finaliza-se o capítulo com um debate sobre o fim do carnaval gonçalense e, por seguinte dos desfiles da, agora, Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra no ano de 1985.

O segundo capítulo recebe por título **Das cinzas às cores mais lindas: O ressurgimento do G.R.E.S Unidos do Porto da Pedra (1985 – 1993)**. Este segmento intermediário analisa e disserta sobre o período entre os anos de 1985 e 1993 - tempo em que a agremiação não realizou nenhuma apresentação oficial - buscando entender os motivos da paralisação do carnaval da cidade. Além disso, descrevemos aqui, algumas das saídas encontradas por diretores para que a Unidos da Porto da Pedra não “enrolasse a bandeira”<sup>7</sup>.

Debruçamo-nos, em um primeiro momento, sobre a história política e econômica de São Gonçalo e seus arredores, tendo como alvo entender os motivos e causas do esgotamento do Estado e o subsequente corte de investimentos em programas culturais, tal como o carnaval. Para que tal tarefa fosse cumprida, estabelecemos um diálogo com a História Econômica e a Ciência Política para alcançarmos o que estava acontecendo no Brasil, no Estado do Rio de Janeiro e, conseqüentemente no município de São Gonçalo durante este momento.

Além disso, deparamo-nos com um importante e surpreendente debate (que só pôde ser apreciado por conta da utilização de fontes orais). Nele, confrontam-se duas versões sobre o que ocorreu com a Porto da Pedra pós 1985. Para uns, a GRES Unidos do Porto da Pedra encontrou seu fim em 1985 e aquilo que se seguiu foi uma nova instituição. Para outros, a agremiação sofreu uma grave crise, mas continuou de forma reduzida e, em 1993 conseguiu se reestruturar de forma plena. Por conta disso, promove-se uma nova análise sobre a construção narrativa e sua importância em um contexto social.

Verifica-se ainda o crescimento de religiões pentecostais na cidade de São Gonçalo, seus discursos e como estas foram importantes para a diminuição do fomento dado pela Prefeitura, o que entendemos como um dos principais fatores para se compreender as recentes mudanças ocorridas no carnaval da cidade.

Por fim, analisamos como todo esse contexto social, político e econômico fez chegar a Unidos do Porto da Pedra no ano de 1993, dois importantes empresários da região, que acabaram por se transformar em mecenas da agremiação, estabelecendo, graças ao seu capital, a (re) estruturação do GRES Unidos do Porto da Pedra. Seus nomes são Jorge Seixas e Sérgio de Oliveira e a empresa em questão é a Control S/a, que prestava serviço de extração, limpeza e venda de óleo.

Sabendo que ambos eram antigos moradores e foliões do bairro, descreve-se aqui como estes se transformaram em importantes empresários da região e, de que maneira

---

<sup>7</sup> O termo *enrolar a bandeira* é utilizado por sambistas para designar o fim de uma instituição carnavalesca.

passaram a investir na Porto da Pedra. Apresentamos ainda, um panorama das atividades realizadas pelo G.R.E.S Unidos do Porto da Pedra entre os anos de 1985 e 1993, período em que a escola de samba não desfilou oficialmente, apenas se apresentando pelas ruas do bairro.

O terceiro capítulo, intitulado **“O carnaval de São Gonçalo ficou pequeno”<sup>8</sup>: As transformações do GRES Unidos do Porto da Pedra e sua ida para o carnaval carioca** objetiva averiguar e discorrer sobre o crescimento, investimentos e alinhamento institucional da agremiação entre os anos de 1993 e 1995.

Verificamos que, em um curto espaço de tempo (1993-1995) a Porto da Pedra estruturou-se e associou-se de forma tamanha, que pôde filiar-se e desfilar em um dos principais carnavais do país. Sendo assim, demonstramos neste derradeiro capítulo como a agremiação trilhou seu caminho até o Grupo Especial do carnaval do Rio de Janeiro evidenciando suas articulações, financiamentos e contratações.

Por conta disto, minuta-se (novamente) sobre o patrocínio da empresa Control S/a, observando de que maneira esse dinheiro era utilizado para fazer o carnaval da G.R.E.S Unidos do Porto da Pedra. Tal abordagem se faz conexa, uma vez que para a feitura do carnaval de 1994, por exemplo, foram contratados consagrados e/ou promissores personagens do mundo das artes e do carnaval, tais como Jorginho do Império, Mauro Quintaes, o interprete Wantuir, Nino Giovanetti, os mestres de bateria Paulão e Cosme, entre outros.

Ademais, pondera-se sobre as associações feitas pela direção da GRESUPP, que passou a costurar acordos e se associar a importantes ligas carnavalescas, tais como AESCRJ (Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro), LIESGA (Liga Independente das Escolas de Samba do Grupo de Acesso) e LIESA (Liga Independente das Escolas de Samba), isso além de se aproximar de grandes e consolidadas Escolas de Samba do Rio de Janeiro, como, por exemplo, GRES Beija-flor de Nilópolis e GRES União da Ilha do Governador.

Entendendo que as transformações estruturais da instituição também fazem parte do processo de institucionalização da mesma, analisa-se igualmente a construção de duas quadras no bairro homônimo a agremiação e a aquisição de dois barracões na zona portuária do Rio de Janeiro. Faz-se isso, pois entende-se que essas modificações transformaram a territorialidade estabelecida à época. Por fim, delibera-se sobre os imbróglis existentes nos anos de 1994 e 1995 na AESCRJ e a aproximação da Porto da Pedra com a figura de Paulo de Almeida, presidente de todas as ligas supracitadas.

---

<sup>8</sup> Entrevista contida na entrevista por Seu Jorair Ferreira, em 26/11/2014.

No espaço reservado para a **conclusão** da obra, faz-se uma alteração acerca das consequências das constantes transformações e institucionalizações que a agremiação carnavalesca Unidos do Porto da Pedra promoveu ao longo de sua existência, visando compreender as implicações que todas essas ações geraram ao bairro de origem.

Pensa-se desta maneira, pois sabe-se que a Porto da Pedra enquanto instituição carnavalesca modificou a vida cultural, econômica e social do seu lugar de origem. Assim sendo, concluímos a obra mostrando de que forma essas mudanças ocorreram e como provocaram modificações e conflitos entre a agremiação e a comunidade que a cerca.



# **1 DE BLOCO CARNAVALESCO À ESCOLA DE SAMBA: A INSTITUCIONALIZAÇÃO, CRESCIMENTO E TRANSFORMAÇÃO DA PORTO DA PEDRA NO MUNICÍPIO DE SÃO GONÇALO (1973 – 1985)**

Compreende-lo (o carnaval) é, ao mesmo tempo compreender a cidade que o realiza, as tensões que a constituem e nela se desenvolvem.<sup>9</sup>

O presente capítulo discute, em um primeiro momento, a construção social do bairro do Porto da Pedra e suas redes de sociabilidade. Faz-se isso com o intuito de entender quem são essas pessoas que ali vivem e quais são suas relações com as festas populares. Atrelado a essa análise discorre-se sobre a criação, organização e oficialização do Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra, bem como sua associação à AGESBC (Associação Gonçalense de Escolas de Samba e Blocos Carnavalescos).

Descreve-se e analisa-se também o processo de transformação do bloco em escola de samba (1981) e os conflitos gerados por conta disto. Observa-se ainda os carnavais disputados ao longo da década de 1980 e quais as reverberações destes fatos para o bairro e para a agremiação. Por fim, fomenta-se um debate acerca da disputa da narrativa da fundação da Porto da Pedra.

Dessa forma, buscamos compreender como a criação e manutenção da agremiação transformou e recriou relações sócio espaciais, memoriais e diretrizes culturais para dentro do bairro que a cerca.

## **1.1 O nascimento da agremiação Porto da Pedra**

As fontes e as entrevistas realizadas com a finalidade de compreender a formação do Unidos do Porto da Pedra nos transportam até a década de 1960, quando por organização dos moradores fazia-se o carnaval do bairro do homônimo. Dessa forma, mostra-se o papel

---

<sup>9</sup> CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros. Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. Pp. 26.

fundamental da micro história, da história oral, além da atuação basilar da memória como fator catalisador das informações e vivências desses indivíduos. Sem essas ferramentas não haveria maneira de saber sobre a organização, constituição e mobilização gerada por aqueles tempos.

A história oral enraizou-se, não apenas no meio acadêmico, mas principalmente no seio dos movimentos sociais. Seu compromisso inicial foi o de ampliar a voz daqueles que não tinham acesso a construção da sua própria história. A narrativa, segundo essa visão, é feita por sujeitos comuns em suas respectivas rotinas, sendo eles trabalhadores fabris ou fundadores de um bloco de bairro, por exemplo.

Para Ferreira:

Nesse movimento, foi extremamente significativa a expansão dos debates acerca da memória e de suas relações com a história. Essas discussões estimularam o abandono de uma visão determinista que limita a liberdade dos homens, e levaram ao reconhecimento de que os atores constroem sua própria identidade. Demonstraram também de forma inequívoca que o passado é construído segundo as necessidades do presente, e que, portanto, se pode fazer usos políticos do passado. Estas novas perspectivas evidentemente alargaram os horizontes da história oral: estavam neutralizadas as críticas tradicionais, já que a subjetividade, as distorções dos depoimentos e a falta de veracidade a eles imputadas podiam ser encaradas de uma nova maneira, não como uma desqualificação, mas como uma fonte adicional de significados para o pesquisador.<sup>10</sup>

Dessa maneira, é negada a tese de que os personagens do passado seriam passivos na locomotiva da história. Eles arquitetaram e constituíram - não necessariamente de maneira maniqueísta e/ou pensando no futuro - narrativas e fatos históricos que permitiram aos pesquisadores de hoje entender sociedades distante no tempo e no espaço. Desse modo, reconhecendo as relações sociais que ocorreram no passado.

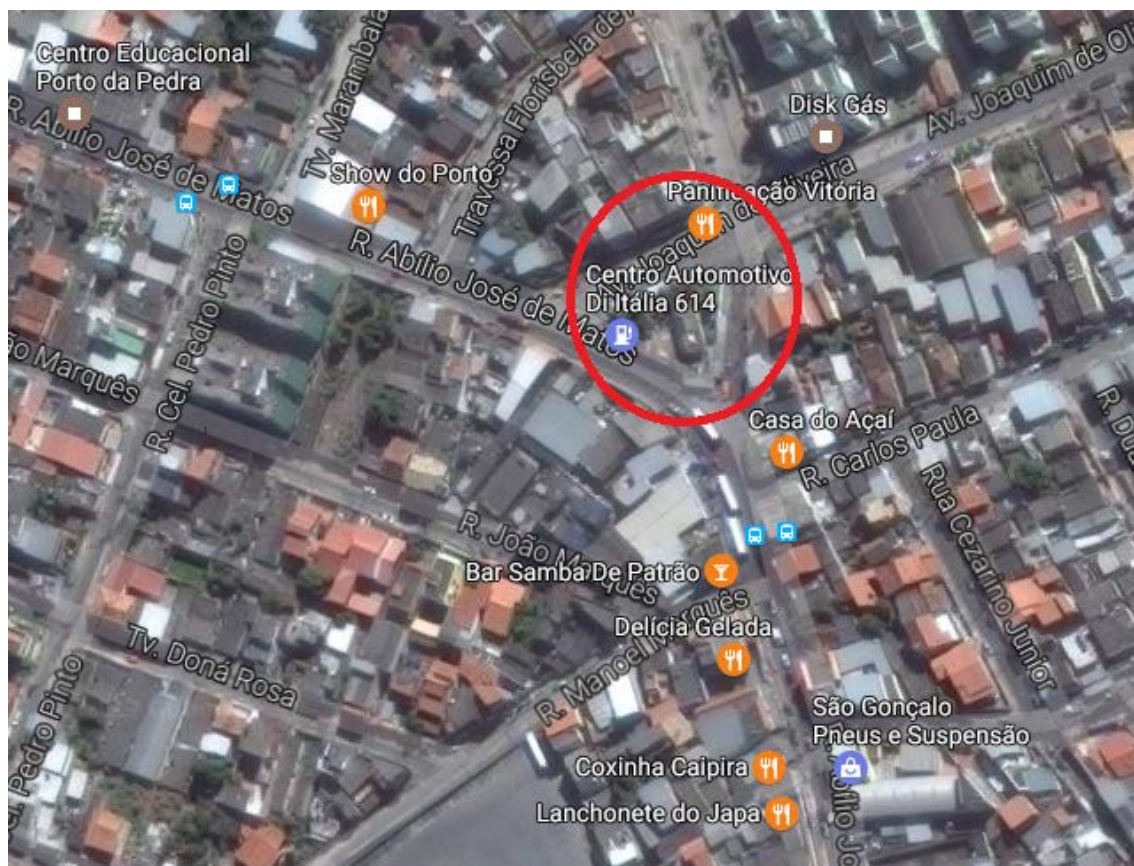
Nosso olhar, baseado em uma visão micro da história, nos aproxima do objeto e, somado a memória e a fala desses sujeitos, nos mostra as estruturas econômicas, políticas e culturais que circulavam nos anos estudados. Isso nos fornece ferramentas para compreender o movimento que é o carnaval e, de que maneira ele pôde (e pode) modificar a vivência de toda uma comunidade.

Entre os anos 1960 e 1970, moradores do bairro do Porto da Pedra se organizavam, mobilizavam e celebravam folguedos ligados as comemorações juninas. Esses divertimentos ocorriam em uma região central no lugar: o largo da ATN (Arraial do Tio Nonô) e tinha como principal apoio financeiro e organizacional os próprios moradores e comerciantes. Tio Nonô,

---

<sup>10</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1996. P.22.

peça fundamental desse arranjo, era um dos principais mentores do movimento. Ele era um dos sujeitos que auxiliava na organização de campeonatos de futebol, o carnaval do bairro e as festas juninas, como dito acima.<sup>11</sup>



Largo de ATN, em destaque (dias atuais).<sup>12</sup>

Com um papel imprescindível na socialização do bairro, o Largo da ATN é localizado na região central do lugar. Nele se encontram o centro comercial, o local de moradia, o espaço de lazer, etc. Em outras palavras, é neste local que se constroem as mais distintas situações do convívio social. Para nossa história, o Largo também exercerá importante função, pois foi ali que ocorreram as principais atividades voltadas para a construção do Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra.

É preciso levar em consideração a malha de relações que mantém com a sociedade envolvente: a dinâmica de um espaço não se esgota no seu perímetro, assim como o

<sup>11</sup> Entrevista concedida por Dona Ana Maria, em 16/06/2014.

<sup>12</sup> Imagem retirada do site Google Maps, em 27/05/2017.

significado mais amplo de uma comunidade religiosa afro-brasileira vai além dos limites do terreiro.<sup>13</sup>

Lousada nos mostra que a praça é, por excelência, o lugar de construção social. No nosso caso, o largo da ATN serviria como espaço de convivência, onde as trocas culturais, políticas e econômicas eram – e são – feitas diariamente. Indo além, afirma-se que esse núcleo cidadão é produtor e produto de seus habitantes, sendo simultaneamente objeto e sujeito do bairro.

Todos os lugares são simbólicos, neles se encontrando muitas culturas (as quais estão frequentemente em conflito), e todos os lugares estão em contínua criação e recriação (não são determinados de uma vez por todas), num processo em que a memória desempenha um papel importante na construção da sua identidade.<sup>14</sup>

Deste modo, entende-se que a construção social do território é feita através da utilização do mesmo pelos indivíduos. Em outras palavras, as pessoas se apropriam do espaço coletivo atribuindo a ele outra significação. Essa atribuição pode não ter proximidade alguma com a forma original que havia sido pensada. Desse modo, o bairro, assim como a praça, a rua e todos os elementos que estão envoltos nas relações sociais são dinâmicos.<sup>15</sup>

Magnani resume o pensamento ao dizer que:

Estas formas de apropriação não são o resultado de escolhas individuais, nem são aleatórias: são resultado de rotinas cotidianas - ditadas por injunções coletivas que regulam o trabalho, a devoção, a diversão, a convivência e que deixam suas marcas no mapa da cidade. O resultado é um desenho bastante particular e que se sobrepõe ao desenho oficial da cidade: às vezes rompe com ele, outras vezes o segue, outras ainda não tem alternativa senão adequar-se.<sup>16</sup>

Sendo assim, chega-se à conclusão de que a feitura dos festejos juninos ou de qualquer outro tipo de construção social realizada no bairro do Porto da Pedra, só pôde ser constituído ali, pois havia naquele local, mobilizações e espaços para tal empreitada. Afirma-se deste modo, a existência de uma rede de sociabilidade, que acabou por permitir que tais

---

<sup>13</sup> LOUSADA, Maria. *Praça e sociabilidade: práticas, representações e memórias*. Disponível em: [https://www.academia.edu/3684082/Pra%C3%A7a\\_e\\_sociabilidade\\_pr%C3%A1ticas\\_representa%C3%A7%C3%B5es\\_e\\_mem%C3%B3rias](https://www.academia.edu/3684082/Pra%C3%A7a_e_sociabilidade_pr%C3%A1ticas_representa%C3%A7%C3%B5es_e_mem%C3%B3rias), acesso em: 10/08/2016.

<sup>14</sup> LOUSADA, Maria. As praças como lugares de sociabilidade: práticas e representações, in Miguel Figueira de Faria (coord.), *Praças reais: passado, presente e futuro*, Lisboa, Livros Horizonte, pp.46

<sup>15</sup> FRUGOLI JUNIOR, Heitor. *Esboços de uma trajetória: Cidade, Pesquisa, Universidade*. Porto Alegre, Iluminuras v.12, n. 28, p. 18-40, jul. /dez. 2011.

<sup>16</sup> MAGNANI, José Guilherme. *A Rua e a Evolução da Sociabilidade*. 1993. Disponível em: <http://osurbanitas.org/antropologia/osurbanitas/revista/RUA.html>, acesso em: 10/08/2016.

mobilizações ocorressem. E, embora houvesse um local para a convivência dos moradores, foram as apropriações que permitiram a ocupação e ressignificação do espaço.

Com isso, afiança-se que o território pode ser um conceito que integra todas as esferas sociais. Em uma perspectiva histórica, pode também ser amplo e generalizante a ponto de abranger toda a história humana, ou apenas ser visto de forma mais restrita, relacionando-se apenas a determinados contextos histórico-sociais, como no caso da Micro História<sup>17</sup>.

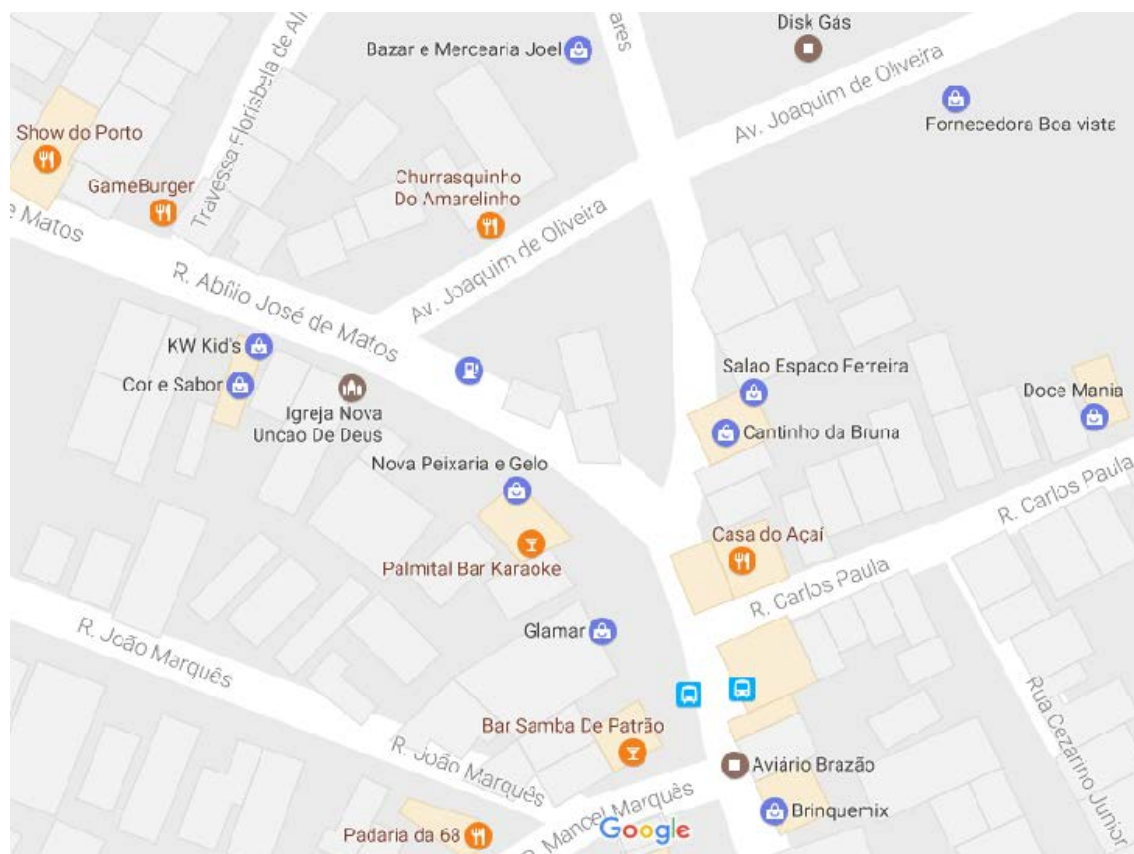
Todas essas abordagens encontram-se combinadas, porém se privilegiarmos as questões políticas e, dentro delas a questão do Estado, o território pode vir a ficar restrito as sociedades modernas articuladas em torno de Estados Nações. Segundo essa premissa, fica negligenciada outras formas de relação pré-existentes múltiplas no espaço, tais como as dos povos indígenas, dos quilombolas e da própria Porto da Pedra, pois não são Estados nacionais modernos e, desse modo não entendidas como pertencentes ao território.

Por outro lado, o território compõe de forma indissociável a reprodução dos grupos sociais, no sentido de que as relações sociais são espaciais ou geograficamente mediadas (delimitadas) por esses atores. Podemos dizer que essa é a noção mais ampla de território, passível assim de ser entendida a qualquer tipo de sociedade, estando ligada as relações sociais e culturais em seu sentido mais amplo.

Assim, fica demonstrada o valor de determinado espaço para uma comunidade, seja ela o largo da ATN para os moradores do bairro do Porto da Pedra ou o Campo de Marte para os parisienses. Seria a partir desses lugares que as pessoas exerceriam suas trocas físicas e sociais, tendo condições de estreitar seus laços enquanto vizinhança, criar identidade e sentimento de pertencimento a determinada cultural e localidade, no caso do logradouro aferido: as festas juninas e o carnaval.

---

<sup>17</sup> HAESBAERT, Rogério. *Território e Territorialidade: Um Debate*. GEOgraphia, Rio de Janeiro, Ano IX - n 17, p 3-5. 2007



Largo da ATN e os diversos tipos de estabelecimentos existentes no local (dias de hoje).<sup>18</sup>

Todavia, quando falamos em território, falamos também das relações de poder entre grupos, que como bem se sabe é construída pelos atores sociais existentes no espaço. Estes atores sociais podem vir a ser os mais diversificados possíveis, como por exemplo, o próprio Estado, os movimentos sociais, a igreja (e suas festas), os moradores do local e os comerciantes. Desse modo, o território envolve, ao mesmo tempo, a dimensão espacial concreta das relações de poder e o conjunto de representações abstratas sobre o espaço. Neste sentido, o mapa nos auxilia a observar estes diferentes grupos e sua ocupação no espaço, além de nos fazer pensar sobre as práticas sociais diariamente constituídas.

Tendo em vista as relações de poder, torna-se indispensável ressaltar a dimensão cultural e/ou simbólica de uma sociedade, isso porque o território pode também ser definido por um princípio cultural de identificação e/ou pertencimento. Assim, seria um absurdo considerar a existência de um território que não fosse deliberado pelas relações sociais.

Barros narra a importância do território para o ofício do historiador, pois segundo o autor, muito do ganho da historiografia, a partir da chamada virada cultural na segunda metade do século XX, tem a ver com interdisciplinaridade e o entendimento de que sem o

<sup>18</sup> Imagem retirada do site Google Maps, em 27/05/2017.

espaço que cerca seus objetos históricos caminharíamos pouco enquanto entendedores do tempo.

Tão logo se deu conta da importância de entender o seu ofício como a Ciência que estuda o homem no tempo e no espaço – e essa percepção também se dá de maneira cada vez mais clara e articulada em meio às revoluções historiográficas do século XX – os historiadores perceberam a necessidade de intensificar sua interdisciplinaridade com outros campos do conhecimento. Emergiu daí uma importantíssima interdisciplinaridade com a geografia, ciência que já tradicionalmente estuda o espaço físico – e, se considerarmos outras formas de espaço como o “espaço imaginário” e o “espaço literário”, poderíamos mencionar ainda a interdisciplinaridade com a Psicanálise com a Semiótica e com tantas outras disciplinas que ofereceram novas possibilidades de métodos e técnicas aos historiadores. Na verdade, a noção de espacialidade foi se alargando com o desenvolvimento da historiografia do século XX: do espaço físico ao espaço social, político e imaginário, e daí até a noção de espaço como “campo de forças” que pode inclusive reger a compreensão das práticas discursivas.<sup>19</sup>

Dissertando novamente sobre o bairro do Porto da Pedra, ratifica-se que o Largo da ATN tem significativa importância dentro da constituição social do espaço (ver mapas acima). Exemplos para demonstrar tal acuidade não faltam. Grupos organizados como o Pé frio<sup>20</sup>, Santos Futebol Clube<sup>21</sup>, Unidos do Porto da Pedra Social Clube<sup>22</sup>, entre outros, se autogeriam e promoviam festas, torneios dos mais variados esportes, churrascos, bingos em encontros periódicos no Largo e suas cercanias. Tais elaborações acabam por movimentar a vida social, econômica e cultural do lugar.

Além disso, é neste Largo que algumas atividades culturais, organizadas pelos moradores, eram feitas. Elegemos o grupo *Amigos do Balão* para elucidar como as certas práticas realizadas no bairro eram criadas e recriadas.

O Amigos do Balão era um grupo era formado por indivíduos que frequentavam as festas da ATN e que tinham objetivo de soltar balões, doar pipas e socializar-se através de caldos e churrascos. Conta-se que anualmente eram feitas duas confraternizações, uma

---

<sup>19</sup> BARROS, José D’Assunção. *História, região e espacialidade*. In: Revista de História Regional 10 (1): 95-129. Verão, 2005. Disponível em: <http://revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2211/1691>. Acesso em: 12/03/2016.

<sup>20</sup> O Pé Frio era um grupo de amigos que, após a morte de Tio Nonô passaram a organizar as festas juninas no bairro.

<sup>21</sup> O Santos FC era um clube de futebol formado por moradores do bairro e cercanias. Além disso, este ajudará na fundação, articulação e organização do bloco carnavalesco Unidos do Porto da Pedra.

<sup>22</sup> O Unidos do Porto da Pedra SC era um clube de futebol formado por moradores do bairro e cercanias. Além disso, este ajudará na fundação, articulação e organização do bloco carnavalesco Unidos do Porto da Pedra.

durante as festas juninas e outra no dia de São Jorge.<sup>23</sup> Embora fosse um tipo de organização coletiva, existiam algumas lideranças que tomavam à frente da elaboração dos folguedos. Dentre essas pessoas devemos destacar o papel de um senhor chamado Jarbas Ferreira<sup>24</sup>.

Antigo morador do bairro, Seu Jarbas tinha comércio na região central do bairro e, por ser amante do carnaval, buscava ajudar na feitura da festa. Este senhor foi um dos principais mentores do Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra, mas antes disso tinha a função de “todo ano ir até a Prefeitura para poder pegar a subvenção”<sup>25</sup>.

Nesse sentido, observa-se a consolidação de uma geração de indivíduos residentes no bairro, que possuíam comércios próprios e auxiliavam na organização das celebrações locais. Dentre os exemplos temos Seu Jarbas, Seu Raimundo, Seu Zé, Tio Nonô, entre outros. E no meio desse arranjo - organizacional, cultural e econômico - que jovens moradores do bairro, “se espelhando nos mais velhos” começaram a engendrar maneiras de organizar o seu próprio carnaval. Inicia-se, de maneira tímida, a ideia da formação de um bloco de arrastão que desfilaria somente no bairro no período anterior à quaresma.

Este grupo de jovens moradores do bairro era formado por homens, com cerca de 20 a 25 anos, solteiros e sem renda fixa. A isso vale dizer que embora tivessem tempo e disponibilidade para pensar em assuntos carnavalescos, não possuíam dinheiro para manter um bloco.<sup>26</sup>

Contudo, sabe-se que esses jovens moradores do bairro cresceram vendo os sujeitos mais velhos construírem as atividades sociais do lugar. De alguma maneira apreenderam e herdaram esses saberes.

É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar de uma memória herdada. De fato [...], podem existir acontecimentos regionais que traumatizam tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação.<sup>27</sup>

---

<sup>23</sup> A partir do crescimento de igrejas pentecostais na região, algumas festas celebradas, tal como a de São Jorge, passaram por transformações, o que as levou a um processo de diminuição. Tal assunto será melhor discutido nos capítulos 2 e 3.

<sup>24</sup> Seu Jarbas Ferreira é pai de Jorair Ferreira, importante colaborador desse trabalho.

<sup>25</sup> Entrevista concedida por Pedro Celestino, o Cabrinha em 07/03/2014.

<sup>26</sup> Entrevista realizada em 07/03/2014.

<sup>27</sup> POLLAK, Michael. *Memórias e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol.5, n.10, 1992, p.202.



Não se trata de uma experiência traumática como a relatada por Pollak, mas sim de uma vivência compartilhada, já que esses jovens não haviam vivido ativamente nenhum dos processos culturais do bairro. Apesar disso, eles cresceram vendo seus pais, tios e vizinhos arquitetando os divertimentos da comunidade. Um acontecimento de suma importância para eles, pois além de desfrutar desse entretenimento, também se identificavam com a organização e as narrativas transmitidas ao longo do tempo.

Essa organização comunitária foi força motriz para a elaboração de inúmeras atividades no bairro, inclusive a criação do Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra. Entendemos assim que existia no Porto da Pedra um tipo de herança cultural e organizacional, que de um modo ou de outro auxiliava na construção social e orientava aos mais novos a construir suas atividades.

Além desses elementos descritos acima, podemos dizer que, outro fator para o nascimento do Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra foi à construção de um campo de futebol no ano de 1973.

Espaço de sociabilidade, os terrenos baldios têm importância ímpar para a população, pois assim como já fora dito, eram espaços de livres, onde os moradores poderiam conviver, se articular, se divertir, ou seja, pôr em prática suas redes de relações, sobretudo entre os mais jovens.

“Espaços urbanos por excelência, as ruas e as praças têm sido em cada época os símbolos da vida e da cultura cidadinas. Produzidas, representadas e vividas são simultaneamente objeto e sujeito da cidade - da sua paisagem física, humana e simbólica”<sup>28</sup>.

Assim, teorizamos que foi a partir do conhecimento adquirido entre gerações, mais a organização e desejo de alguns habitantes do bairro do Porto da Pedra e arredores, além da existência de espaços de convívio - o que permitiu a construção de laços de afetividade e confiança - que nasceu o Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra.

Foi em um desses espaços desocupados que um circo se instalou, no ano de 1973, a fim de realizar apresentações. Para Pedro Celestino, o Cabrinha, um dos fundadores da (futura) agremiação, a construção de um campo de futebol no bairro, e posteriormente a elaboração de um campeonato de futebol no mesmo foi o pontapé inicial para o surgimento do bloco. Vale ressaltar que, tanto a construção do campo quanto a organização do campeonato

---

<sup>28</sup> LOUSADA, Maria Alexandre. As praças como lugares de sociabilidade: práticas e representações, in Miguel Figueira de Faria (coord.), *Praças reais: passado, presente e futuro*, Lisboa, Livros Horizonte, pp.45.

foram feitas única e exclusivamente por moradores e comerciantes do local. Como relata Cabrinha:

O campo era num terreno baldio e tinha seus altos e baixos, tinha seus desníveis. Era em frente à padaria do falecido Raimundo. Na época veio um circo fazer um show. Eles vieram e passaram uma máquina e deram uma melhorada. Depois que o circo foi embora, juntou eu o falecido Lambel e o falecido Elisiano (...). Nós tínhamos o propósito de fazer ali um campeonato de futebol. Cheguei para Raimundo e disse: “Raimundo, o circo foi embora e deixou o terreno aí, eu sei que esse terreno não é seu, mas e se você ligar para o dono e pedir uma autorização para a gente ir à Prefeitura passar uma máquina, dar uma melhorada e fazer um campeonato de futebol, você topa?” Ele: “Boa Cabrinha, boa ideia.” E ele ligou para o dono, o dono autorizou e nós fomos à Prefeitura. A Prefeitura veio e passou a máquina, ajeitou e melhorou o campo, o Raimundo comprou as balizas, colocamos as balizas, mas ainda ficou aquele barro brabo. E todo dia ficava aquela faixa de oito, dez amigos ajeitando o campo, para melhorar.<sup>29</sup>

A construção do campo aproximou vizinhos e amigos. Aqueles que já possuíam o desejo de montar um bloco carnavalesco passaram a se relacionar quase que diariamente, o que fez crescer a ideia. Porém, por conta da composição deste campeonato, esse pensamento foi sendo deixado de lado. Seria esse o primeiro torneio jogado no campo do Porto da Pedra.

Quem fez o campeonato? Fomos eu, falecido Lambel (Jorge Luiz Seixas Guinâncio), Lelego (Nei Sebastião Silva), Antídio (da Conceição). Tinha o Seu Aroldo (Moreira) também, tinha mais gente. Esse mesmo pessoal foi muito importante para a gente fazer o bloco lá na frente. (...) A gente fez o campeonato e como todo mundo ali gostava de futebol, juntava depois para beber uma cerveja (...) foi aí que decidimos fazer um bloco.<sup>30</sup>

A partir do momento em que Cabrinha recorre as suas lembranças e afirma que foi a partir da construção do campo de futebol e, posteriormente da organização dos times que se fez o bloco carnavalesco, ele está construindo uma narrativa acerca dos fatos.

A memória, no sentido básico do termo, é a presença do passado. (...) A memória, para prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto, toda memória é, por definição “coletiva”, como sugeriu Maurice Halbwachs.<sup>31</sup>

<sup>29</sup> Entrevista concedida por Pedro Celestino, o Cabrinha em 07/03/2014.

<sup>30</sup> Entrevista realizada em 07/03/2014.

<sup>31</sup> ROUSSO, Henry. *A memória não é mais o que era*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.) *Usos e Abusos da história oral*. 7. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. Cap. 7. P.93-101. P.94.

Por conta dessa série de planejamentos e de realizações em conjunto, entendemos que essas pessoas tiveram seus laços estreitados pelo futebol e pela construção desses campeonatos organizados no início da década de 1970 e que, através dessas coligações gerou-se solo fértil para que o Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra pudesse florescer. Além disso, também alcançamos que esses jovens tinham uma “bagagem organizacional”, pois observavam os mais velhos construírem as atividades do lugar desde o berço.

No Porto da Pedra na época tinha um senhor por nome de Jarbas. Ele fazia o carnaval e ensinou muito para a gente. Era ele quem pegava a subvenção da Prefeitura e enfeitava o Porto da Pedra. A gente só ficava olhando e aprendendo (...). Muito tempo depois, quem passou a fazer o carnaval do bairro fomos nós (...). Nós fazíamos o carnaval porque gostávamos.<sup>32</sup>

Faz-se interessante verificar que, assim como a Porto da Pedra muitas outras agremiações carnavalescas deram seus primeiros passos em campos de futebol e não em desfiles pelas ruas. Exemplos não faltam: “O Independente Futebol Clube era, nos anos 50, um dos principais times de futebol de várzea da Zona Oeste do Rio de Janeiro”<sup>33</sup>. Dessa equipe sairá a Mocidade Independente de Padre Miguel, escola de samba multicampeã do carnaval carioca.

Na Ilha do Governador ocorreu que “assistindo a um desfile na terça-feira gorda de 1953, alguns amigos, que jogavam bola no União Futebol Clube, tiveram a ideia de fundar uma escola de samba que representasse o próprio bairro do Cacuia no carnaval insulano”<sup>34</sup>, nascia assim a GRES União da Ilha.

Para além do discurso raso de futebol e carnaval como “paixões nacionais”, nota-se também a construção de uma história oficial semelhante entre essas instituições. Esse fato, talvez ocorra por existirem trocas, aproximações, observações e espelhamentos das novas agremiações, como no caso da Porto da Pedra, para com as mais consolidadas, como no caso da União da Ilha do Governador e da Mocidade Independente de Padre Miguel, sejam no âmbito histórico (memória) ou mesmo em termos organizacionais. Observa-se aquilo que está dando certo e busca-se fazer parecido.

---

<sup>32</sup> Entrevista realizada em 07/03/2014.

<sup>33</sup> MUSSA, Alberto, SIMAS, Luiz Antônio. *Samba de Enredo: história e arte*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010, PP.149.

<sup>34</sup> MUSSA, Alberto, SIMAS, Luiz Antônio. *Samba de Enredo: história e arte*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010, PP 146.

Em relação ao número de escola de samba que tem sua origem em blocos carnavalescos, exemplifica-se tal situação com duas das mais vitoriosas instituições do carnaval carioca: GRES Portela e GRES Estação Primeira de Mangueira.<sup>35</sup> Outro ponto que é de extrema relevância quando se fala sobre escolas de samba e suas origens é que a maioria das agremiações carnavalescas que hoje desfilam na Marquês de Sapucaí veio de pequenas organizações de bairro.<sup>36</sup>

Entretanto, existem aquelas que preferiram não se transformar em escolas de samba, talvez o exemplo máximo dessa lógica seja o Cacique de Ramos. O bloco criado em Ramos, Zona Norte do Rio de Janeiro, foi fundado em 20 de janeiro de 1961 e é um dos principais blocos carnavalescos da cidade.<sup>37</sup>

Muitas similaridades aproximam o Cacique de Ramos do Unidos do Porto da Pedra. Na categoria de bloco, ambas são originárias de bairros periféricos, sendo que apenas 13 anos separam as datas de aniversário de ambas as instituições. Assim como o Unidos “o cacique se torna ele mesmo, uma ‘grande família’ – uma enorme e eficaz rede de relações de troca e de ajuda mútua que veio, ano a ano, se concentrando em torno do núcleo inicial que funda o bloco”<sup>38</sup>. E tal como ocorreu com o bloco de Ramos deve-se destacar o comprometimento dos comerciantes e de moradores do local para o sucesso da empreitada.

Após observarmos as origens de algumas das escolas de samba e blocos carnavalescos espalhados pelo Rio de Janeiro, voltemos a falar sobre a Porto da Pedra, que apesar da afirmativa de Simas (2010) e Mussa (2010) de que a agremiação “se originou, em meados dos anos 70, do Porto da Pedra Futebol Clube, time vermelho e branco de São Gonçalo”<sup>39</sup>, se constituiu a partir da socialização feita por moradores ligados aos clubes de futebol e ao comércio do lugar em 1974. Assim, entendemos que as circunstâncias não foram tão simples como as descritas pelos autores.

---

<sup>35</sup> CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.

<sup>36</sup> MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antonio. *Samba de Enredo: história e arte*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010; CABRAL, Sérgio. *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.

<sup>37</sup> PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Quem Sabe Faz a Hora... E Espera Acontecer*. In *Em Busca do Brasil Contemporâneo*, Rio de Janeiro, Notrya Ed., 1993.

<sup>38</sup> Idem, pp 3.

<sup>39</sup> MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antonio. *Samba de enredo: história e arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p.162.



Time do Unidos do Porto da Pedra em inícios da década de 1970. (Acervo Jorair Ferreira).

Ao observarmos a situação com um olhar meticoloso e não apenas ressaltando o que conta a historiografia tradicional da Unidos do Porto da Pedra, verificamos que nem todos os fundadores do bloco jogavam pelo Unidos do Porto da Pedra. Cabrinha e Antídio jogavam no time do Aranha. Lelego era ponta esquerda do Santos. Seu Jarbas, Seu Raimundo e Nonô nem jogavam bola. Entravam em campo pelo Unidos Jorge Lambel, Sérgio de Oliveira, Jorair Ferreira, Sebastião Bergara, Seu Américo, entre outros.

O time do Unidos tem uma grande importância para a fundação do bloco, pois foi dele que partiu o maior número de voluntários para a formação do mesmo. Contudo, não se deve delegar a ele a posição de fundador, isso porque havia diferentes equipes e pessoas auxiliando nessa empreitada, que não estavam necessariamente ligadas ao Unidos.

O que conectava essas pessoas era o futebol de maneira geral, bem como a sociabilidade pré-existente. Dizer que o time do Unidos foi o principal e talvez único construtor do bloco carnavalesco é simplificar uma construção plural, fruto de uma socialização do bairro.

Entretanto, por conta do maior número de pessoas atuando para a criação do bloco, coube aos participantes dessa equipe decisões importantes, tais como o nome e as cores escolhidas. Segundo Jorair Ferreira:

O time do Unidos já era vermelho e branco. Eu jogava no time do Unidos e fazia parte da diretoria. Até um fato interessante, naquela época que a gente foi escolher as cores prevaleceu o vermelho e branco, porque o seu Aroldo Moreira era americano, América roxo. E pendeu o seguinte, os flamenguistas votaram pelo América porque tinha uma turma tricolor. Quase que as cores foram as cores do fluminense, que é verde, vermelho e branco, mas prevaleceu às cores vermelho e branco, que era um desejo do seu Aroldo e foi mantido vermelho e branco para o bloco.<sup>40</sup>



Time do Unidos do Porto da Pedra Social Clube, em 1973. (Acervo Jorair Ferreira).

No ano de 1973 o bloco começou a desfilar pelas ruas do bairro, e mesmo sem muita organização foi chamado pela Prefeitura de São Gonçalo para se apresentar no festejo oficial da cidade. Sobre o convite, é válido mencionar que as eleições municipais ocorreriam no final de janeiro daquele mesmo ano<sup>41</sup>.

E embora houvesse questões políticas envolvidas, o convite foi aceito com empolgação, mas existiam dois grandes problemas que deveriam ser solucionados. O primeiro tinha a ver com a parte operacional, pois segundo as regras da Associação Gonçalense de Escolas de Samba e Blocos Carnavalescos – AGESBC - o número mínimo de integrantes

<sup>40</sup> Entrevista realizada em 14/09/2014.

<sup>41</sup> BRAGA, Maria Nelma Carvalho. *O município de São Gonçalo e sua história*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Falcão, 1998

que os blocos deveriam ter era 150 pessoas. Esse, que pareceu ser “um obstáculo durante as primeiras reuniões”, passou a ser motivo de orgulho dos organizadores do bloco, pois conta-se que “todos queriam participar”<sup>42</sup>. Tal fato demonstra a relevância social que tanto agremiação quanto carnaval tinham para esta comunidade. O segundo problema era o capital, ou a falta de, pois, embora houvesse o auxílio de alguns comerciantes e moradores do bairro, a quantia estipulada para montar o desfile era demasiadamente grande para os bolsos dos foliões. Sobre a elaboração da festa Cavalcanti nos conta que:

A produção de uma festa é tarefa complexa e custosa. Há papéis e atribuições definidos e fundamentais, na organização e no plano artístico. Esses papéis correspondem a posições sociais e requerem talentos, vocações e habilidades específicas. Durante a preparação, o círculo das pessoas envolvidas gradativamente se amplia, ganhando contornos próprios e variados.<sup>43</sup>

Vestir um bloco inteiro, comprar e manter peças para a bateria, contratar determinados serviços como o de segurança, entre outras despesas exigidas pela Associação Gonçalense de Escolas de Samba e Blocos Carnavalescos, era muito custoso e, nesse período, tanto os colaboradores quanto os diretores do bloco não tinham dinheiro suficiente. No entanto, buscaram soluções. Primeiro, foram até a Prefeitura para conseguir um aumento na subvenção que, à época já era dada para o carnaval do bairro, “mas não conseguiram muita coisa”<sup>44</sup>. Depois passaram livros de ouro - confeccionados na gráfica onde Cabrinha trabalhava - entre os moradores a fim de conseguir mais dinheiro. Essa foi uma das principais maneiras de arrecadar fundos nos tempos do bloco.

Nessa época eu trabalhava no Rio em uma editora (...) na Avenida Maracanã. O falecido Lambel comentou que umas pessoas vieram convidar o bloco para desfilar na Prefeitura, e que só poderia dar a resposta no dia seguinte. Eles me aguardaram a noite em frente ao botequim do Nivaldo e quando eu cheguei do serviço me contaram a história. Eu falei para eles que podiam dar a resposta para o pessoal da Prefeitura que nós íamos conseguir colocar o bloco na rua. Na época, tinha que ter cento e cinquenta pessoas. Aí o falecido Lambel me indagou: Cabrinha, o que fazer? Eu disse: Eu vou dar um jeito, amanhã quando eu vier vou trazer um livro de ouro. Voltei para editora no dia seguinte e falei com meu patrão da possibilidade de ele me fazer um livro de ouro (...). Ele ligou para a gráfica onde confeccionava os livros. Aí a gráfica confeccionou um livro de ouro, sem pauta. Eu lembro que era um livro bem grande. A capa dele era vermelha.<sup>45</sup>

<sup>42</sup> Entrevista realizada em 14/09/2014.

<sup>43</sup> CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Superproduções Populares*. In: “Um Olhar sobre a cultura brasileira”. Rio de Janeiro, FUNARTE/ Ministério da Cultura, 1998. P.4.

<sup>44</sup> Entrevista concedida por Jorair Ferreira em 12/04/2015.

<sup>45</sup> Entrevista realizada em 07/03/2014.

Segundo Cabrinha “a primeira pessoa a assinar esse livro de ouro foi o Seu Raimundo, o dono da padaria”, que teria dado “uma quantia de cinco mil cruzeiros”, na época. “Cinco contos. Aliás, cinco mil reais na época era dinheiro”.<sup>46</sup>

Aqueles que queriam construir o bloco andavam pelas ruas do bairro conversando e convencendo as pessoas a doar alguma quantia. Nessas idas e vindas, Cabrinha foi ao escritório de advocacia de Geraldo Ornellas, próximo ao cemitério de São Gonçalo, onde também conseguiu uma boa quantia. Foi também ao cartório de Egídio Justes, morador do bairro. Até na casa do palhaço Carequinha, Cabrinha foi bater, mas para infelicidade do mesmo, Carequinha não estava em casa. Tayrone, filho do palhaço doou dinheiro para a causa.

A doação, bem como auxílios prestados através de serviços, mostrou-se extremamente comum a essa sociedade por nós estudada. Além disso, pode-se afirmar que, inúmeras agremiações tiveram em livros de ouro, concessões e donativos suas principais fontes de renda durante o tempo em que ainda estavam em sua gênese.<sup>47</sup>

Contudo, essas doações não alcançaram o valor desejado, e foi somente em um momento de perda, que o bloco conseguiu finalizar o processo de ajuntamento do capital. Ainda no ano de 1973, veio a falecer uma participante do bloco, esposa de Seu Djalma<sup>48</sup>. O viúvo, que trabalhava na Camélia das Flores, recebeu a visita e as condolências de um dos seus chefes: Sergio Moreira.<sup>49</sup>

Conta-se que um laço de amizade foi construído entre Cabrinha, Lambel e o Sérgio Barros Moreira naquele dia. Durante o funeral Cabrinha e Lambel tiveram a ideia de pedir algum tipo de patrocínio para o Sérgio, uma vez que o mesmo havia lhes confidenciado que “gostaria de abrir uma floricultura em frente ao cemitério de São Gonçalo”<sup>50</sup>.

Vale ressaltar, que o tal cemitério fica localizado no bairro do Camarão, local vizinho ao Porto da Pedra e, onde muitos dos participantes do bloco moravam. Segundo o entendimento haveria uma troca justa, o Sérgio investiria no recém construído bloco e o

---

<sup>46</sup> Entrevista realizada em 07/03/2014.

<sup>47</sup> CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.

<sup>48</sup> Infelizmente o nome dessa senhora que faleceu em 1973 não é lembrado pelos entrevistados.

<sup>49</sup> Camélia das Flores é uma loja localizada em vários municípios do Rio de Janeiro, que comercializa arranjos e flores.

<sup>50</sup> Entrevista realizada em 07/03/2014.



mesmo faria a propaganda dessa nova floricultura. A proposta foi feita ainda no velório e prontamente aceita por Sérgio Barros Moreira.

Na data marcada partiram para o Rio de Janeiro Cabrinha, Lambel e Nonô. Lá receberam quantia suficiente para comprar grande parte das peças para a montagem da bateria do bloco. Para Cabrinha “esse dinheiro (...) que o Sergio da Camélia doou veio em um bom momento, porque a partir dele podemos dar seguimento ao bloco”<sup>51</sup>.

Com a notícia de que os organizadores do bloco conseguiram o dinheiro desejado, houve entusiasmo pelas ruas do Porto da Pedra. Dona Aguida, famosa cozinheira do bairro, fazia sopas e caldos em frente à sua casa em dias ensaio, do dinheiro recebido só cobrava a parcela referente à compra dos ingredientes, deixando o lucro para a agremiação. Além disso, com a proximidade dos dias de carnaval aumentou-se significativamente as doações e o lucro com venda de bebidas e camisas. Novamente se faz presente a lógica da doação e auxílio comunitário, comum à época.

Ao destacarmos tais recordações, devemos também enfatizar as chamadas *memórias subterrâneas*. Tal pensamento percebe a construção memorial dos excluídos, dos marginalizados, das minorias, em oposição à memória oficial, legitimada pelo Estado.<sup>52</sup> No caso da Porto da Pedra, o pouco que se tem desse momento (1973-1978) são as lembranças desses sujeitos, pois foi somente a partir de 1978 - ano em que o bloco foi oficializado em cartório - que a história oficial da instituição passou a contabilizar as memórias de seus fundadores.<sup>53</sup>

As memórias antes silenciadas ou sem amplitude frente a uma história oficial puderam então se expressar sob esse novo enfoque, fazendo emergir no cenário social, uma profusão de memórias que reclamam seu lugar na história. Essas mudanças significaram novos campos de enfrentamentos para a memória, afinal:

Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades.<sup>54</sup>

---

<sup>51</sup> Entrevista realizada em 07/03/2014.

<sup>52</sup> POLLAK, Michael. *Memórias e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol.5, n.10, 1992, p.57.

<sup>53</sup> Tal fato será descrito e problematizado no próximo subitem (1.2).

<sup>54</sup> RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007. P.70.

A memória é, decerto, um fenômeno de reconhecimento, visto que traz à tona a dimensão do lembrar, e que além da lembrança, a memória também é formada pelo esquecimento e silêncio, sejam eles voluntários ou não. Nossa capacidade de lembrar está profundamente relacionada à nossa capacidade de esquecer.<sup>55</sup>

O esquecimento, nesse sentido, representa a uma das bases da constituição da memória. Com isso, podemos salientar que a memória é seletiva e se concentra somente sobre alguns fatos. O esquecimento, nesse sentido, pode ser caracterizado em duas ordens: o esquecimento daquilo que parece insignificante e não merece ser lembrado; e o esquecimento de ocultação, uma amnésia voluntária, da qual não se quer ter lembranças, porque ele perturba a imagem que se tem de si.<sup>56</sup>

A memória, segundo esse entendimento, também é uma resposta às demandas sociais e as reivindicações de identidades, tal como vemos no caso do Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra, que é ponto de referência da memória para muitos dos moradores de São Gonçalo durante as décadas de 1970 e 1980.

Entretanto, a lembrança também tem o poder de transformar-se, de maneira consciente ou inconscientemente, modificando assim, o passado em função do presente, buscando apresentar este de forma mais confortável possível. Por conta disso, pode-se haver determinados percalços relacionados à entrevista, pois para aqueles que são questionados e convidados a darem seus relatos sobre a história de sua escola de samba desde do início e tem em mente que essa biografia nunca foi pesquisada amplamente, é recorrente uma história pautada nas vitórias e, vê-se mesmo nas dificuldades um momento de triunfo para glorificar.<sup>57</sup>

Dessa forma, a memória se define pela capacidade de recorrer ao simbólico e por sua aptidão para criar mitos, que não são necessariamente visões falsas da realidade, simplesmente é a busca por outra maneira de descrever o real. Geralmente associadas a processos ideológicos e marcos sociais, as manipulações da memória estimulam a construção de narrativas que sustentem as identidades, e toda e qualquer narrativa se sustenta numa seleção de memória.<sup>58</sup>

Voltando ao debate acerca da construção do bloco, vale ressaltar que alguns desses marcos simbólicos geraram disputas e invenções de tradições para esse coletivo e esses

---

<sup>55</sup> RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007. P.70.

<sup>56</sup> RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007. P.71.

<sup>57</sup> RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007. P.82.

<sup>58</sup> RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007. P.83-84.

símbolos são importantes para a institucionalização desses ajuntamentos sociais, pois é através deles que se reúnem e constituem memórias.<sup>59</sup> A bandeira, por exemplo, foi algo bastante debatido e pensado pelos fundadores do bloco, pois além da obrigatoriedade de ter que possuir tal objeto: “*Todas as agremiações DEVEM possuir estandarte (bandeira)*”<sup>60</sup>.

A primeira bandeira foi confeccionada por Dona Luci, esposa de Lelego, no ano de 1974 e tinha as cores vermelho e branco. Diferentemente do símbolo do Tigre<sup>61</sup> o estandarte carregado pela Porto da Pedra na época eram duas mãos atadas. A ideia, desse modo, seria a de representar união e amizade.

---

<sup>59</sup> HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (eds.). *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

<sup>60</sup> Trecho retirado do *Regulamento de Carnaval da Associação Gonçalense de Escolas de Samba e Blocos Carnavalescos*, ano de 1978 (livro emprestado a mim pelo Senhor Jorair Ferreira). Segundo as normas da AGESBC parágrafo segundo, página 1, subseção: Do Desfile.

<sup>61</sup> A partir do ano de 1993, como veremos no terceiro capítulo, o símbolo do GRESU Porto da Pedra passou a ser um tigre.



Carnaval de 1974. A bandeira aparece ao fundo. (Acervo Pedro Celestino).

E da mesma forma como se constitui construção histórica de uma nação europeia do século XIX<sup>62</sup>, a história de como se deu a elaboração da bandeira serviu para dignificar a história da própria instituição. A constituição desse elemento simbólico demandou, segundo relatos, esforço coletivo e teria sido feito por uma antiga costureira da região. Essa narrativa demonstra que a comunidade estaria presente nesse momento, que pode ser entendido como o nascimento da instituição, em termos simbólicos.

Além disso, o material com que foi feita a bandeira também dialoga com essa mesma visão glorificante, pois o pavilhão teria sido improvisado em trapos e remendos, com materiais já usados e em um tecido que havia sobrado de um pano de mesa, demonstrando dessa forma que este era um bloco carnavalesco sem muitos recursos, mas que não se daria

---

<sup>62</sup> HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (eds.). *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 57 – 64.

por vencido frente às dificuldades. Todos esses elementos somados corroboram com a ideia da exaltação de tal artefato e por seguinte da própria biografia da Porto da Pedra.

Cabrinha narrou:

A bandeira quem confeccionou foi à falecida esposa do Lelego, Luci. Eu lembro que nós não tínhamos mais dinheiro para nada. Na verdade, a cola para fazer o desenho da mão e o nome tinham que ser de isopor, porque depois que ela seca para se soltar é complicado, é difícil. Mas nós não tínhamos mais dinheiro para comprar nada, tivemos que comprar aquela cola branca, e na época do desfile de 74 o tempo estava meio chuvoso, aquela chuvinha, meio garoa, fininha, e nós estávamos torcendo para não chover porque se chovesse aquela cola branca ia soltar a purpurina. Aí era quase cinco e pouca da tarde e a Luci acabou de confeccionar a bandeira e foram buscar a bandeira. Nos juntamos na casa da Dona Aguida, numa mesa grande, a galera toda em volta para me ver desenhar a mão, aí eu desenhei a mão com uma caneta, aí fiz o nome Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra, passei a cola por cima do desenho a caneta, joguei o bocal de prata e esperei mais ou menos uns cinco minutos, aí quando secou, balançamos aí todo mundo vibrou. Aí partimos. Na época tiramos em segundo lugar em 74.<sup>63</sup>

A representatividade da bandeira é de extrema importância para a constituição de uma agremiação, isso porque o signo apresentando precisa, necessariamente, dialogar com fatores ligados a essa comunidade. O símbolo do Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra – duas mãos que se apertam – buscava representar a amizade e a união do bloco, o que já corroboraria com o próprio nome da instituição (Unidos). Além disso, segundo Cabrinha: “A mão, quer dizer, quando você dá a mão a um amigo é amizade, união. Então surgiu a mão”<sup>64</sup>.

Contudo, dentro do carnaval, não são poucas as agremiações que possuem este símbolo. Escolas de samba como GRES Unidos do Viradouro, GRES Unidos de Padre Miguel e GRES União do Parque Curicica ainda hoje utilizam essa alegoria em seus estandartes. Pensa-se que, por convenção ou por princípio de analogia formal ou de outra natureza, o símbolo indicado sugere adesão da agremiação, seus componentes e comunidade.

Sobre o desfile do ano de 1974, a indumentária escolhida para as mulheres era um bolero vermelho com bolinhas brancas, uma fita na cabeça e short branco, já os homens vestiam bermuda branca com a camiseta vermelha, a bateria vinha de chapéu de palha e tamanco.<sup>65</sup>

O samba do ano de 1974 foi cantado por Seu Jorair:

<sup>63</sup> Entrevista concedida em 07/03/2014.

<sup>64</sup> Entrevista concedida em 07/03/2014.

<sup>65</sup> Entrevista de Pedro Celestino, o Cabrinha em 07/03/2014.

Todo mundo dizia / Ele dizia / Que o Unidos não saia. / Que não saia. / É conversa fiada. / É bafo de boca. / E deixa quem quiser falar. / Deixa quem quiser falar. / Vamos botar para quebrar. / Quando amanhecer o dia. / O Unidos vai descer / Cantando a sua melodia.<sup>66</sup>

Para o segundo ano de desfiles do Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra no centro da cidade de São Gonçalo os foliões vestiram bermuda branca com a franja vermelha ao redor do joelho, um colete vermelho e um chapéu de palha copa alto pintado de vermelho.<sup>67</sup>

Em 1975 a música do bloco foi composta por Jacirley Vanderlei Galvão, ou apenas Cirley, que havia ganhado a concorrência dos demais compositores do bairro e escreveu:

Ele é o quente do lugar. / Deixa a moçada agitada. / castiga com esse samba que está um chuá / Tá ou não tá? / Chuá Chuá / É o vermelho e branco / E ninguém vai nos segurar. / Tá, não tá.<sup>68</sup>

Nesse período, o bloco começou a ter problemas para conseguir o dinheiro que mantinha a agremiação e suas atividades. Com o afastamento de alguns seus principais organizadores, o bloco começou a se desfazer. Lelego, por exemplo, arrumara outro emprego, Cabrinha havia se mudado. Muitos dos doadores, dirigentes e foliões não tinham mais dinheiro para contribuir. Jorge Lambel havia saído do bairro por conta de uma briga que arrumara com outro morador, que o havia jurado de morte. Tudo isso somado destruição do terreno baldio onde o bloco realizava os seus ensaios auxiliou bastante na paralisação das atividades do mesmo. Para Cabrinha:

Era muito difícil. As mesmas pessoas que a gente ia pedir dinheiro já não davam mais. Você sabe que o carnaval você tem que ter doações. Se não tiver ninguém para sustentar, não dá, e a gente não tinha dinheiro, eu na época estava desempregado, Lambel desempregado, vários deles desempregados, o único que tinha emprego fixo era Lelego.<sup>69</sup>

Entre os anos de 1976 e 1978 a agremiação passou a se apresentar pouco e somente pelas do lugar. Por esses tempos, houve tentativas infrutíferas de restabelecer de maneira plena os desfiles da Porto da Pedra por São Gonçalo, entretanto - como dito anteriormente - a

---

<sup>66</sup> Entrevista realizada em 14/09/2014.

<sup>67</sup> Entrevista Paulinho Chaffin em 20/08/2012.

<sup>68</sup> Entrevista realizada em 14/09/2014.

<sup>69</sup> Entrevista realizada em 07/03/2014.

falta de capital e apoio foi preponderante para que esses desejos não saíssem, por hora, da cabeça de seus idealizadores.

Contudo, a manutenção das apresentações periódicas pelo bairro, que por si só já é um demonstrativo da importância do bloco para a comunidade que a cerca, foi o diferencial para que a Porto da Pedra pudesse retornar anos mais à frente.

Além disso, o crescimento do carnaval gonçalense entre fins dos anos 1970 e início da década de 1980 foi de grande ajuda para o não esgotamento da agremiação. Afinal de contas, tempos de carnaval pedem um bloco.

## 1.2 A Porto da Pedra e o carnaval gonçalense

O município de São Gonçalo - localizado na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro - possui uma tradição relacionada a desfiles, procissões e paradas militares. Em todo aniversário da cidade, alguns colégios (foto) desfilam indo desde a Praça Esthephânia de Carvalho, popularmente chamada de pracinha do Zé Garoto, até a Prefeitura, localizada no centro da cidade.



Desfile do Colégio Municipal Castelo Branco no ano de 1975.<sup>70</sup>

<sup>70</sup> Imagem retirado do site: <http://extra.globo.com/noticias/educacao/colégio-de-sao-goncalo-encerra-exposicao-de-fotos-401642.html> acesso em: 29/06/2016.

Em dias sacros é comum ver procissões pela cidade partindo de determinada igreja católica e chegando a outra. Para Cavalcanti existe um diálogo entre as festas religiosas e o carnaval. Os métodos utilizados muitas vezes se repetem ou se copiam. Isso, faz a autora pensar em uma estreita relação entre as duas estruturas: sagrada e profana. O emparelhamento em fila que existe nas procissões, por exemplo, também há em um bloco.<sup>71</sup>

Além de estudantes, como o demonstrado na imagem acima, fieis ligados à igreja católica e foliões ligados a blocos carnavalescos e escolas de samba também desfilam no município utilizando a Rua Feliciano Sodré como principal via para suas apresentações. Seu Jorair Ferreira nos relata sobre esses grupos e o seu crescimento em fins da década de 1970:

Aqui em São Gonçalo tinha muito bloco, sabe? O pessoal gostava de brincar o carnaval. Já tinha o bloco das piranhas no Mauá, que não desfilava, mas era bloco. Tinha o Cruzamento do Amor do Boassú, tinha o Bloco das Margaridas, tinha o pessoal do Marimbondo, tinha a Banda Gonça, mas eu não sei se é dessa época que você está me perguntando, acho que não. Tinha o Amigos do Zé, ali no Zé Garoto. Tinha uma porção. E tinha a gente, que só desfilava no Porto da Pedra.<sup>72</sup>

Embora essa movimentação cultural ocorresse com frequência pela cidade, o Porto da Pedra estava, nesse momento, sem grandes atividades relacionadas ao desfile de carnaval, pois da mesma maneira meteórica com o qual teve seu início, o Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra também se estagnou, mantendo apenas algumas apresentações em seu bairro de origem. Foram razões organizacionais e, principalmente econômicas que levaram a agremiação a esse caminho. Certo mesmo é que, o movimento se tornou importante símbolo das atividades culturais do lugar.

E mesmo não tendo caráter oficial e nem desfilando por muito tempo, o Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra ainda se mantinha vivo dentro do bairro, seja no pensamento dos foliões ou em atividades feitas pelas ruas do Porto da Pedra e arredores, em especial próximo do largo da ATN.

Entendendo que as relações sociais são, na verdade, uma via de mão dupla, percebe-se que da mesma maneira que a Porto da Pedra alterou a vida social dos moradores do bairro, o inverso também ocorre, isso porque, as pessoas situadas ao redor da agremiação a constituíram, ao passo que depositavam na mesma seus entendimentos sobre o que é um bloco carnavalesco, indo até aos ensaios para se divertir, ou ajudando de alguma maneira.

---

<sup>71</sup> CAVALCANTI, Maria Laura. *Os estudos de folclore no Brasil*. In: Seminário folclore e cultura popular. PP.95-101. Rio de Janeiro, IBAC, 1992.

<sup>72</sup> Entrevista concedida em 16/09/2014.



Além disso, pode-se afirmar que, para esse grupo de pessoas as atividades ligadas ao carnaval passaram a ter nova relevância. Obviamente que os festejos, anteriores a quaresma, não pararam no lugar, mas o bloco diminuiu consideravelmente suas atividades.

As festas promovidas no bairro prosseguiram, porém agora sem as fantasias e o desfile do Unidos. Novos blocos foram sendo feitos, como por exemplo, o Em Cima da Hora, da Brasilândia (bairro vizinho), Unidos do Marimbondo e outros foram se mantendo, como o Cruzamento da Alegria (Boassú). O Unidos do Porto da Pedra – como já fora dito - mantinha algumas poucas atividades e mesmo não estando organizado enquanto bloco de arrastão ainda figurava entre as atrações culturais do lugar.

O pessoal da bateria do bloco, por exemplo, treinava as quartas e sextas, quando ia chegando o carnaval (...). Eles ainda faziam umas apresentações pelos em bar aqui da região.<sup>73</sup>

Para Cavalcanti:

Geralmente, o ponto de partida é um núcleo restrito de pessoas, grupos de parentesco, amizade ou vizinhança, ligados muitas vezes a clubes sociais, a escolas, à sede de uma Paróquia, a uma Diocese, a um terreiro de Candomblé, a uma Irmandade de devoção religiosa, a uma Prefeitura. Por vezes, a sociabilidade popular produz a sua própria forma organizacional, como no caso clássico dos Grêmios Recreativos das Escolas de Samba cariocas que se espalhou para diferentes cidades do país: São Paulo, Porto Alegre, São João del Rei e tantas outras. O interesse mútuo de diversos grupos do mesmo tipo tende a criar movimentos associativos – há no Brasil diversas associações de Folias de Reis, de Quadrilhas, de Repentistas, de Violeiros, de Congadas, entre outras.<sup>74</sup>

Sabe-se, contudo, que no ano de 1978, um senhor por nome de José Paulo de Oliveira Chaffin mudou-se para o bairro e lá abriu um bar. Esse estabelecimento estava localizado na Rua Vinte Dois de Setembro, no centro do Porto da Pedra, próximo ao largo do ATN. Paulinho, que era morador do Boa Vista (bairro vizinho), gostava de carnaval e havia desfilado, nos anos de 1974 e 1975, na Unidos do Porto da Pedra. A vinda desse sujeito para o bairro e a abertura deste bar foram fatores preponderantes para a reestruturação do bloco.

A localização central do bar no Porto da Pedra teve importância ímpar para o regresso da instituição, pois como o bairro é extenso, ter um ponto de encontro no centro da vizinhança é de grande estima para a manutenção das atividades ligadas aos ensaios, por exemplo.

<sup>73</sup> Entrevista de Seu Jorair Ferreira em 14/09/2014.

<sup>74</sup> CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Superproduções Populares*. In: “Um Olhar sobre a cultura brasileira”. Rio de Janeiro, FUNARTE/ Ministério da Cultura, 1998. P.4.

Ademais, um dos principais problemas para a pausa do bloco - a falta de um espaço para ensaio e para guardar as coisas - estava sanado, pois em cima do bar havia um terraço, que acabou por servir como depósito para a bateria e para as fantasias. Outro ponto de destaque é que, ao lado do bar havia um terreno baldio, onde o bloco poderia ensaiar.

Não se pode, entretanto, retirar deste debate as estruturas econômicas e políticas, isso porque algumas das figuras que ajudaram a refazer o bloco possuíam interesses para com o lugar.<sup>75</sup> Vale lembrar que o bairro do Porto da Pedra é populoso e, nesse momento carente de um líder político.

Além disso, o afastamento das pessoas que haviam pensado o bloco anteriormente como Jorge Lambel, Lelego, Cabrinha, fez surgir novos voluntários para direcionar a instituição carnavalesca Porto da Pedra. Por conta disso, ficou a cargo desse novo grupo – alguns já estavam desfilando ou mesmo com posições relevantes no bloco em seus primeiros anos – reestruturar o bloco.

Deste modo, através da manutenção de algumas apresentações pelo bairro e da vontade de alguns moradores e comerciantes do bairro, foi conclamada em oito de março de 1978 a fundação (ou retorno) do Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra, onde foram empossados como diretores os senhores: Agenor de Queiroz, José Carlos Rodrigues, Jorair Ferreira, Paulo Chaffin, Nilton Bispo, Aroldo Moreira, Jorge Brum, entre outros.

Entretanto, o fato de haver dois momentos de fundação - uma sendo em 1973 e outra em 1978 – gerou uma disputa acerca de quem são esses fundadores e qual a narrativa seria a oficial. A escola de samba, hoje, mantém-se neutra, comentando em seu site oficial sobre ambos os momentos, mas dando destaque para o ano de 1978, elegendo-o como data de nascimento da agremiação.

Aqueles que mantêm o discurso de que a fundação da Porto da Pedra ocorreu em 1978, se baseiam na narrativa construída por Paulinho Chaffin e seu grupo. Este fato, contudo, não nos causa estranheza, pois se verificaremos atentamente, Paulinho é um dos maiores interessados em dizer que foi a partir de sua chegada ao bairro que o bloco teve seu início ou pelo menos o seu crescimento.

Para Paulinho: “Ninguém tem como contar nada da Porto da pedra, porque ninguém viveu o início da Porto da pedra”<sup>76</sup>.

---

<sup>75</sup> Pode-se citar os nomes de Agenor de Queiroz, José Carlos Rodrigues, Jorair Ferreira, Nilton Bispo, Aroldo Moreira, Jorge Brum e o próprio Paulo Chaffin, como indivíduos que possuíam interesses políticos e/ou econômicos para com o lugar, haja visto suas respectivas posições de destaque no bairro.

<sup>76</sup> Entrevista concedida em 22/05/2012.

Nós é que registramos o bloco no dia 8 de março de 1978, nós é que participamos do primeiro carnaval oficial no município em 79. Tanto é que a data de aniversário da escola é oito de março. Aquilo representa o ano de fundação do bloco, oficialmente, porque nós tivemos que ir à imprensa oficial, preencher um gabarito, aguardar através daquele gabarito uma publicação no Diário Oficial do Estado, dando condições e nomeando a agremiação como oficial no carnaval.<sup>77</sup>

Paulinho se apega ao discurso da oficialidade para se colocar enquanto membro fundador, contudo para isso, nega qualquer passado que o bloco tenha antes dele e dos documentos oficiais.

Tinha esse bloco de arrastão que parou. Ele era do pessoal de Seu Raimundo e ensaiava no terreno de Cesar. Mas se é que ela (a Porto da Pedra) era do time do time de futebol não era oficial, ela não era oficial porque o bloco não era registrado. O bloco passou a ser registrado de 78 para 79, onde eu pego o documento e posso te mostrar que a sede provisória era ali no meu bar, na Rua Abílio Jose de matos, 1254. daquelas pessoas que participavam do futebol na época, algumas delas até participaram do início aqui comigo fazendo parte da diretoria da escola. Agora, eu não vinculo. Sempre falo isso, sempre questiono.<sup>78</sup>

Chaffin resume:

A questão toda é a seguinte, em 72 para 73 se iniciou, só que ela não era documentada, então se ela não era documentada.... Ela é igual a um ser humano, se você nascer e seus pais não forem no cartório registrar o seu nascimento, você não existe. Não é verdade? Você só vai passar a existir a partir do momento que forem no cartório e registrarem “fulano nasceu”, né? Para isso a data de aniversário e fundação é oito de março de 1978, o time do unidos nem tinha mais. E não tinha vinculo nenhum com o bloco carnavalesco que se iniciou em 78.<sup>79</sup>

Porém, ao analisarmos o processo de criação de uma instituição, precisamos analisar e criticar todos os documentos que comprovem a “veracidade” do discurso. Deve-se atentar aos registros feitos em atas, documentos autenticados em cartórios, as falas, as vivências relatadas, as fotos e os vídeos. Assim, tanto arquivos pessoais, quanto fontes orais em nada se diferem dos documentos escritos:

De forma alguma para ser desconsiderada, mas exatamente para ser refletida e problematizada, sendo associada a outros tipos de documentação e sofrendo o crivo de um rigoroso tratamento teórico-metodológico. Nisso os documentos pessoais em nada diferem de todos os demais documentos históricos. Dito de outra forma, o

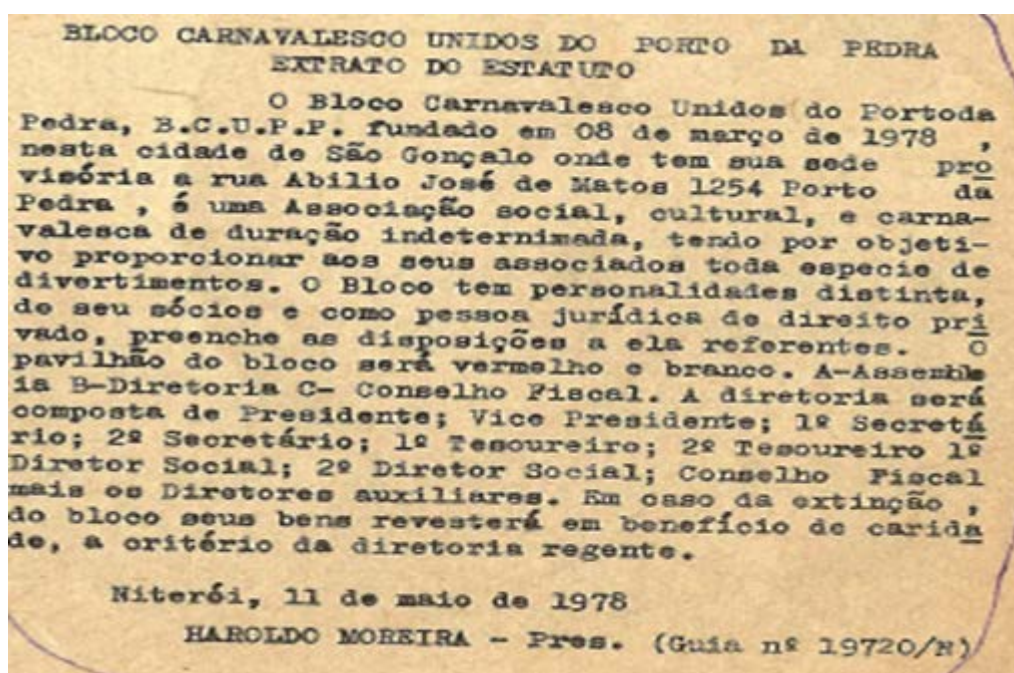
<sup>77</sup> Entrevista concedida em 22/05/2012.

<sup>78</sup> Entrevista concedida em 22/05/2012.

<sup>79</sup> Idem.

feitiço pode estar em toda parte, havendo apenas alguns lugares mais perigosos que outros.<sup>80</sup>

Contudo, mesmo havendo esta disputa pela narrativa da constituição histórica da agremiação, pode-se afirmar que a partir de 1978 o Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra, com alguns poucos membros da antiga diretoria e também novos membros, se restabeleceu, mantendo ensaios periódicos pelas ruas do bairro para a disputa do carnaval da cidade de São Gonçalo. Para tal feito, foram necessárias algumas modificações no caráter da agremiação, que passou a ser oficializada em cartório e a possuir firma reconhecida.



Oficialização do Bloco em Diário Oficial. (Acervo Paulo Chaffin)

<sup>80</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados*. In: *As leituras possíveis dos documentos pessoais do Seminário Internacional sobre Arquivos Pessoais*, Rio/São Paulo, CPDOC/FGV-IEB/USP, 1997, pp. 126.

2

**Ata da Reunião de Fundação**

do dia 8 de março de 1978, nesta cidade de Porto de Pedras, Bloco Comarcável Unido de Pedras.

Logo depois, deu-se início aos trabalhos com a presença do Sr. Haroldo Moreira, que está detido de acordo com o Estatuto do Bloco Comarcável Unido de Pedras.

Conferiram a reunião os seguintes membros: Haroldo Moreira, Josair Ferraz, Milton Bernardino Bispo, José Carlos Rodrigues da Silva, José Bruno e José Paulo de Oliveira Chaffin.

As 22 horas foram encerrados os trabalhos e ficando marcada para o próximo dia 14 de março das 21 horas a próxima reunião.

A presente ata foi lida e aprovada pelas presentes e não houve mais assuntos.

*Milton Bispo*  
*Haroldo Moreira*  
*Milton Bispo*  
*Haroldo Moreira*

**Ata da Reunião de Fundação de Pedras**

As 21 horas do dia 14 de março de 1978, dando cumprimento as disposições da assembleia definitiva de constituição do Bloco Comarcável Unido do Pólo de Pedras, foi levada a efeito a seguinte lista de membros da Direção deste Bloco Comarcável:

**Diretor Presidente:** Haroldo Moreira, residente e domiciliado nesta cidade a residência Joaquim de Oliveira nº 132, Boa Vista.

**Vice Presidente:** Josair Ferraz, residente e domiciliado no Pólo de Pedras, residente e

Ata da Reunião de Fundação (parte 1) (Acervo Paulo Chaffin)

CONSELHO A PARTIR DE 1968  
e Acordo Menezes

ao Conselho de Administração

14 de fevereiro de 1972

1. OFICIO

~~Primeira Secretária~~ ~~Primeira Secretária~~ ~~Primeira Secretária~~ ~~Primeira Secretária~~  
Primeira Secretária Nilza Bittencourt Bittencourt  
Residente e domiciliada nesta cidade a  
rua Joaquim de Oliveira nº 126

~~Segunda Secretária~~ ~~Segunda Secretária~~ ~~Segunda Secretária~~ ~~Segunda Secretária~~  
Segunda Secretária Jari Ueno de Souza Brasileira  
doanda natural do Estado do Rio Grande  
residente e domiciliada nesta cidade a  
Rua Capaine Junior nº 27

~~Primeira Contadora~~ ~~Primeira Contadora~~ ~~Primeira Contadora~~ ~~Primeira Contadora~~  
Primeira Contadora Jari Cecília Pacheco da Silva  
brasileira casada natural do Estado do Rio  
Grande residente e domiciliada a Travessa  
Bela Vista nº 35 casa 2

~~Segunda Contadora~~ ~~Segunda Contadora~~ ~~Segunda Contadora~~ ~~Segunda Contadora~~  
Segunda Contadora Jari Paula de Oliveira Chaffin  
brasileira casada natural do Estado do Rio  
Grande residente e domiciliada a  
Rua Juncalada, Conselheiro nº 31

~~Primeira Diretora Social~~ ~~Primeira Diretora Social~~ ~~Primeira Diretora Social~~ ~~Primeira Diretora Social~~  
Primeira Diretora Social Jari Bruna Souza  
Brasileira casada natural do Estado do Rio  
Grande residente e domiciliada nesta cidade  
a Rua Capaine Junior nº 27

~~Segunda Diretora Social~~ ~~Segunda Diretora Social~~ ~~Segunda Diretora Social~~ ~~Segunda Diretora Social~~  
Segunda Diretora Social Jari Maria Guilhermina  
brasileira casada natural do Estado do Rio  
Grande, residente e domiciliada nesta  
cidade a Rua Guimarães, Escola Secura nº 53

~~Primeira Secretária~~ ~~Primeira Secretária~~ ~~Primeira Secretária~~ ~~Primeira Secretária~~  
Primeira Secretária Jari Maria Bittencourt  
residente e domiciliada nesta cidade a  
Rua Capaine Junior nº 27

~~Segunda Secretária~~ ~~Segunda Secretária~~ ~~Segunda Secretária~~ ~~Segunda Secretária~~  
Segunda Secretária Jari Maria Bittencourt  
residente e domiciliada nesta cidade a  
Rua Capaine Junior nº 27

14 de fevereiro de 1972

Erilda Bittencourt  
Diretora/Marcia

REGISTRO

PROTÓCOLO

14 de fevereiro de 1972

SECRETARIA

SECRETARIA

Ata de Reunião de Fundação (parte 2) (Acervo Paulo Chaffin).

Com o retorno do bloco, a vida cultural do lugar também sofreu reformulações, afinal de contas, existia novamente uma agremiação ensaiando no bairro. Esse fato, por si só, já faz gerar renda, segurança, divertimento, ocupações e outras estruturas para os moradores da região.

Mudanças no ensaio do bloco também ocorreram. Se antes o bloco ensaiava (parado) em bares e esquinas e se apresentava em festas e botequins, agora ele passou a desfilar (andando) pelas ruas do bairro, muito em função da disputa que se daria no ano seguinte. Além disso, havia uma nova quadra para os ensaios, algo que não existia antes, esta era localizada na Rua Duarte Coutinho, número 17-A. Segundo Seu Jorair, esta quadra era improvisada, mas que mesmo assim “não tirava a animação das pessoas envolvidas”.

Se chovia não tinha ensaio. Era um palanque de madeira que nós improvisamos uma corneta. Aquelas cornetas antigas que a gente cantava. Eu mesmo cantava. A bateria comia e eu cantava. A gente montava um sistema de som na rua mesmo.<sup>81</sup>

Após ensaios, mobilizações sociais e preparativos, a Porto da Pedra voltou a desfilar o carnaval gonçalense no ano de 1979. O enredo escolhido homenageava as *Festas Juninas* - tema tradicional do bairro. Nesta disputa, a agremiação obteve segunda colocação. A primeira posição ficou com o Cruzamento do Amor, antigo bloco de enredo de São Gonçalo e grande rival da Porto da Pedra por esses tempos. Por conta de sua colocação, a instituição ascendeu de divisão, saindo da Série B do carnaval de blocos de enredo do município de São Gonçalo para a Série A.<sup>82</sup>

Para nós, esse carnaval tem grande relevância, pois através dele podemos verificar mais de perto esses sujeitos e analisar suas práticas, notando, por exemplo, a importância da agremiação para os moradores do bairro, durante a década de 1970 e 1980, naquilo que tange as estruturas culturais e/ou econômicas. Um exemplo desse apelo que o bloco tinha para com o lugar se dá no fato de que, nesse primeiro momento de disputa, houve foliões que não puderam desfilar, pois o número máximo de participantes já havia sido completado dois meses antes da apresentação oficial no carnaval da cidade.<sup>83</sup>

*Mundo Infantil* foi o enredo que trouxe o primeiro título para a Porto da Pedra. Entretanto, a vitória no carnaval de 1980 teve um valor maior do que propriamente só levantar

---

<sup>81</sup> Entrevista realizada em 14/09/2014.

<sup>82</sup> Segundo as regras da Associação Gonçalense de Escolas de Samba e Blocos Carnavalescos eram promovidas as divisões superiores os blocos que conseguissem a primeira e segunda colocação na disputa do carnaval.

<sup>83</sup> Entrevista de Seu Jorair Ferreira em 14/09/2014.

o troféu de campeã. Com esse título a instituição poderia, através de uma norma no estatuto da Associação Gonçalense de Escolas de Sambas e Blocos Carnavalescos, deixar de ser um bloco carnavalesco e se tornar uma escola de samba. Neste ano a quadra havia sido transferida para a Rua 22 de setembro.

O próprio estatuto da associação das escolas de samba de São Gonçalo tinha uma cláusula que dizia que os blocos que obtivessem a primeira e a segunda colocação automaticamente passariam a ser escola de samba. Aí deixou de ser Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra para ser Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra.<sup>84</sup>


Por conta disso, no dia 23 de janeiro de 1981, os organizadores da agora Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra Jorair Ferreira, Paulo Chaffin, Aroldo Moreira, Franklin Barros, Nilton Bispo, Jorge Brum, Amilton Vieira, Adilson Pinto, Agenor de Queiroz Filho, Jarbas Ferreira e Jair Vieira de Souza foram empossados enquanto a primeira diretoria da Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra, sendo a firmas de Nilton Belarmino Bispo e Jorair Ferreira reconhecidas pelo cartório Cunha Mota.

---

<sup>84</sup> Entrevista com Paulinho Chaffin no dia 20/08/2012.



CARTORIO DO 1.º OFÍCIO  
UNHA MOY  
ACYR VIEIRA DUARTE  
Escrivão



ACYR VIEIRA DUARTE, Serventuário Interino  
do Primeiro Ofício de Justiça desta Cidade  
e Comarca de São Gonçalo, Estado do Rio  
de Janeiro. Escrivão do Civil, de Orfãos  
e Ausentes. Oficial do Registro Especial  
de Títulos e Documentos, por nomeação na  
forma da lei, etc.

CERTIFICA, que revendo em seu poder e cartório o/  
livro A- nº 10 de Registro de Sociedades Cívis, sob o nº de  
ordem 1.832, de data de 22-1-81, e tendo registrado  
a Assembleia extraordinária do Bloco Carnavalesco Unido do Porto  
da Pedra (atual GREMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DO  
PORTO DA PEDRA). As 21:00 (vinte e uma horas) do dia 18 de ja  
neiro de 1981 (mil novecentos e oitenta e um, reuniram-se os  
sócios do Bloco Carnavalesco Unido do Porto da Pedra, em sua/  
sede provisória, à Rua Duarte Coutinho nº 17-A nesta cidade,  
para tratar da seguinte ordem do dia: A) o bloco passe para a  
categoria de escola, b) eleição e posse de diretoria. a) Sendo  
o Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra se classificado  
em 1.º (primeiro) lugar no desfile carnavalesco de São Gonçalo  
de bloco de 1.º grupo, e de acordo com os estatutos da Associa  
ção Gonçalense de Escolas de Samba e Blocos Carnavalescos, no  
artigo 7.º parágrafo primeiro, o bloco carnavalesco Unidos do/  
Porto da Pedra passou a categoria de Escola de Samba, com o  
nome de GREMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DO PORTO DA  
PEDRA, ficando em vigor os estatutos do Bloco Carnavalesco U  
nidos do Porto da Pedra para o Gremio Recreativo E.S.U.P. Pe  
dra. b) Foi eleita a diretoria do Gremio Recreativo Escola de  
Samba Unidos do Porto da Pedra, com as seguintes cargas. Pre  
sidente: Jorair Ferreira, Vice Presidente: Jose Paulo de Oli  
veira Chaffin, 1.º Secretário Milton Belarmino Bispo, 2.º Secre

Documento que possibilitou a mudança de bloco carnavalesco para escola de samba (parte 1) (Acervo Jorair Ferreira).

tário, Adilson Pinto Moura. 1º Tesoureiro Adilton Vieira de Souza. 1º Diretor Social: Agenor, digo, Social Jorge Brum de Souza. 2º Diretor Social: Agenor Queiroz Filho, conselho Fiscal. Jarbas Ferreira, Jair Vieira de Souza e Aroldo Moreira, sendo imediatamente empossados em, digo, imediatamente empossados em seus cargos. E não havendo mais nada a tratar, foi encerrada a reunião às 23:00 (vinte e três horas). A presente ata vai assinada e pelo presidente do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra. São Gonçalo, 18 de janeiro de 1981. Reconheço as firmas de Nilton Berlamino Bispo e Jorair Ferreira, São Gonçalo, 23 de janeiro de 1981. Em test<sup>o</sup> (sinal Público) Da Verdade (a) Acyr Vieira Duarte. E feito o registro foi entregue ao apresentante na mesma data e devidamente anotado.. Eu, (a) Acyr Vieira Duarte- Oficial, escrevi e subscrevo. E R A o que se continha em o livro e folhas antes descrito que atendendo a pedido verbal de parte interessada, fiz passar por certidão. Nesta cidade e Comarca de São Gonçalo, Estado do Rio de Janeiro, aos 23 dias do mês de janeiro do ano de mil novecentos e oitenta e um.

São Gonçalo, 23 de janeiro de 1981

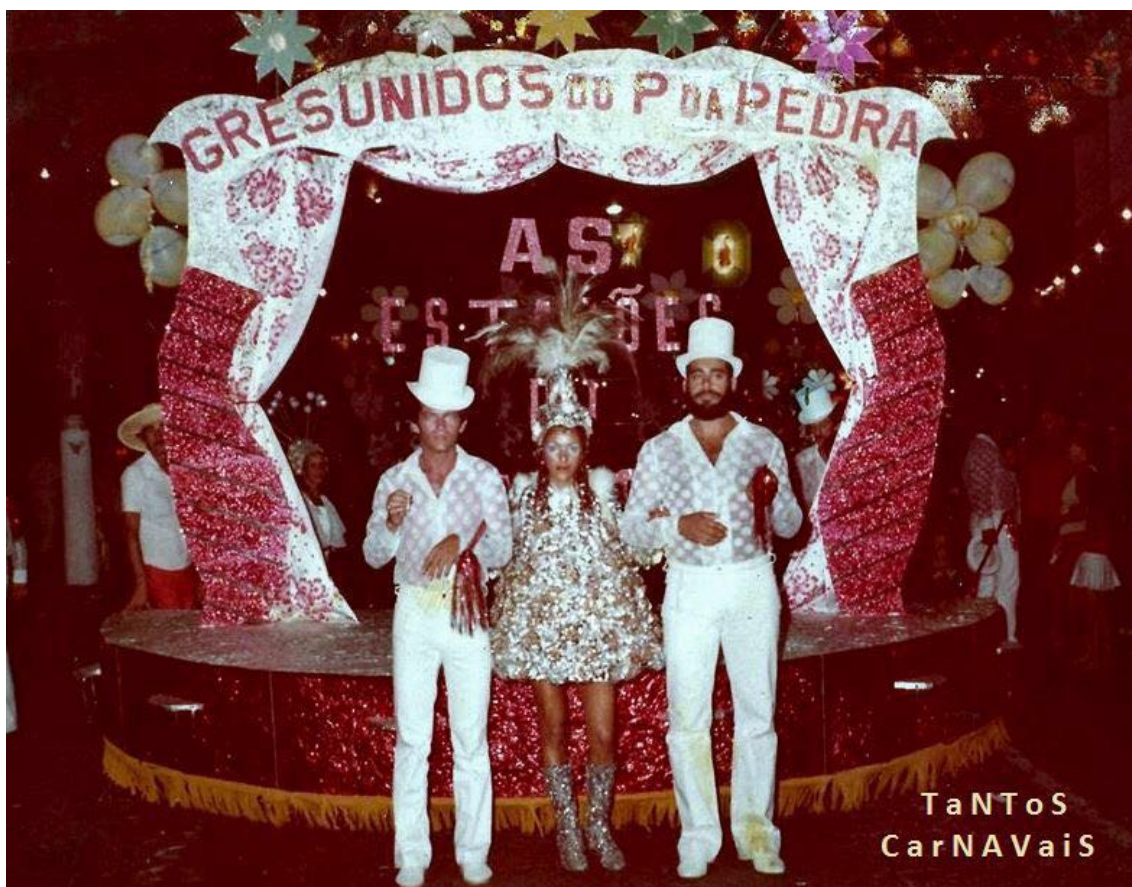
ACYR VIEIRA DUARTE- TABELIÃO

CARTÓRIO DO 1.º OFFICIAL  
 CUNHA MOTA  
 RUA ITAIPAVA, 115 - JARDIM BOTANICA - LOJA 1  
 SÃO GONÇALO - RJ - FONE 712-0142  
 ACYR VIEIRA DUARTE - Tabelião  
 Matrícula 0012103  
 Adilson Ferreira Pinheiro - Tabelião  
 Matrícula 0012102  
 Marquês da Cira e Silva  
 Matrícula 0012104  
 Raulino Nunes  
 Matrícula 0012105

Documento que possibilitou a mudança de Bloco Carnavalesco para Escola de Samba (parte 2) (Acervo Jorair Ferreira).

No ano seguinte, 1981, já como escola de samba, a Porto da Pedra disputou pela primeira vez a principal divisão do carnaval de São Gonçalo. Com o enredo *As Estações do Ano*, a obteve o segundo lugar, porém no quesito desempate, acabou ficando com a terceira posição, deixando a segunda colocação para o Unidos do Marimbondo, escola de samba tradicional do carnaval gonçalense.

Em 1982 a agremiação conseguiu novamente ganhar o carnaval, só que dessa vez como escola de samba, o enredo era intitulado *No Reino da Fantasia*. Na ocasião, a principal concorrente da Porto da Pedra era a Unidos dos Invasores, extinta Escola de samba de São Gonçalo, que também era situada no bairro do Porto da Pedra. Tal fato nos mostra o forte vínculo deste bairro com o carnaval.



Desfile de 1981: As Estações do Ano. (Acervo público)

O ano de 1983 foi marcado pelas eleições municipais que impossibilitaram o desfile oficial da cidade. A Prefeitura passou a repensar os investimentos no carnaval, pois entendia que as agremiações deveriam manter-se por conta própria. Esse foi um dos fatores preponderantes para o esgotamento de várias instituições carnavalescas do município.

Em 1984 foi marcado pela volta do carnaval. O enredo apresentado pela Porto da Pedra foi *Domingo na Praça*, que falava sobre a praça do Zé Garoto, importante local de socialização e centro comercial da cidade. Com um samba do compositor Hamilton Caçador, a escola de samba acabou ficando com a segunda colocação, nesse que seria o seu último carnaval disputado em São Gonçalo. A título de curiosidade, o primeiro lugar ficou com o Cruzamento do Amor.

A diminuição da subvenção por parte da Prefeitura, que passava por uma crise financeira, somada ao crescimento de grupos religiosos contrários a feitura do carnaval<sup>85</sup>, mais a falta de organização e financiamento da Associação Gonçalense de Escolas de Samba e Blocos Carnavalescos foram os grandes fatores para o esgotamento do carnaval da cidade.<sup>86</sup>

A Porto da Pedra então, passou a repensar o seu futuro. Internamente confrontavam-se duas propostas. Para alguns, liderados por Paulinho Chaffin, a agremiação deveria se voltar para o carnaval do bairro, mantendo seus desfiles por São Gonçalo. Outro grupo, encabeçado por Jorair Ferreira, pensava que “a escola já estava madura o suficiente para voos maiores”<sup>87</sup> e que deveria mudar de liga, migrando para o carnaval de Niterói ou mesmo para o do Rio de Janeiro.

Certo mesmo é que, essa disputa somada a grave crise financeira e organizacional pela qual a instituição estava passando auxiliou a Porto da Pedra a não desfilar mais no carnaval gonçalense, encerrando suas atividades.

Nesse momento o país passava por um período de transição entre a ditadura civil-militar e a redemocratização e, apostava no neoliberalismo como tática direcionadora da economia. Segundo essa doutrina, desenvolvida a partir da década de 1970, deve-se haver liberdade de mercado e uma restrição à intervenção estatal sobre a economia, só devendo esta ocorrer em setores imprescindíveis e, ainda assim em um grau mínimo.

Seguindo tal cartilha, os postos da indústria naval da Baía da Guanabara, base empregatícia dos moradores do Porto da Pedra e grande fomentadora dos municípios da região, foram sendo pouco a pouco privatizados. Essa inconsistência econômica somada à instabilidade política gerou aquilo que convencionamos a chamar de “a década perdida” em

---

<sup>85</sup> Ao longo do próximo capítulo explicaremos de maneira mais detalhada sobre o crescimento de grupos evangélicos contrários ao carnaval na cidade, o seu poder político e o discurso que aplicavam à algumas manifestações culturais e religiosas.

<sup>86</sup> Trataremos no próximo capítulo sobre o fim do financiamento da Prefeitura e a consequente desestabilização da AGESBC.

<sup>87</sup> Entrevista concedida em 14/09/2015.

1980. Demonstra-se deste modo, os motivos do carnaval na cidade ter diminuído de forma tão drástica a partir dessa modificação estrutural que houve nos arredores do município.

Durante esse período de instabilidade, a Porto da Pedra teve que novamente “enrolar a sua bandeira”, uma vez que não tinha dinheiro para fazer desfiles pelo centro de São Gonçalo. Contudo, o mesmo movimento de privatizações que vai fazer diminuir em grande escala o dinheiro destinado ao carnaval e atividades culturais de São Gonçalo e região, é também o responsável por trazer grandes empresas privadas para a Baía de Guanabara, dentre as quais a Control S/a, companhia de limpeza e retirada de óleo de navios. Esta será a grande impulsionadora do GRES Unidos do Porto da Pedra, como veremos a seguir.

A última tentativa de se manter o carnaval no bairro do Porto da Pedra na década de 1980 foi entre os anos 87 e 88, quando Paulinho Chaffin quis retornar com a escola, mas teve problemas com alguns outros fundadores e não conseguiu financiamento para tal empreitada. Por conta disso criou outra agremiação que foi batizada de Grêmio Recreativo Império do Porto da Pedra, agremiação que durara pouco tempo.<sup>88</sup>

---

<sup>88</sup> Entrevista com Paulinho Chaffin em 20/08/2012.

## 2 “DAS CINZAS ÀS CORES MAIS LINDAS”<sup>89</sup>: O RESSURGIMENTO DO G.R.E.S UNIDOS DO PORTO DA PEDRA (1985-1993)

Carnaval  
Contigo passam os anos.  
Reunidos aqui estamos.  
Numa alegria sem fim.  
Vejo a minha escola majestosa  
A mais bela dentre as rosas,  
Que novamente floresceu no meu  
jardim.<sup>90</sup>

Na segunda parte da obra, analiso os procedimentos constitucionais da instituição carnavalesca Unidos do Porto da Pedra. Sendo assim, procura-se compreender o período histórico situado entre os anos de 1985 e 1993. Tal data corresponde ao momento em que a – agora – escola de samba gonçalense decide por interromper seus desfiles na principal liga carnavalesca de sua cidade de origem, como já fora visto no capítulo anterior.

Nesse sentido, consideramos a análise três pontos específicos: o fim do carnaval gonçalense, seus motivos, as políticas públicas e suas decorrências; o que fez a Porto da Pedra e seus atores durante esse hiato de desfiles (1985-1993); de que maneira ocorreu a reestruturação do GRESU do Porto da Pedra no ano de 1993.

Nesse espaço também se discute o surgimento da empresa Control S/a., principal responsável pelo reaparecimento da agremiação e sobre seus gestores Jorge Lambel e Sérgio de Oliveira, considerados patronos da escola de samba.

Em suma, pondera-se sobre o cenário político, econômico e social do município de São Gonçalo e região com o intuito de entendermos as políticas públicas referentes ao carnaval. Feito isso, apresentamos as atitudes tomadas pela instituição (1985 – 1993), ressaltando também a chegada da Control S/a, empresa fundamental para o crescimento da Porto da Pedra no início da década de 1990.

---

<sup>89</sup> Esse trecho faz alusão a um dos sambas concorrentes da parceria número 8, no ano de 2014. Ver em: <http://www.carnavalesco.com.br/noticia/porto-da-pedra-2015-ouca-o-samba-concorrente-da-parceria-de-oscar-bessa/8890>.

<sup>90</sup> Samba enredo do GRESU Porto da Pedra para o carnaval de 1994. Autoria de Celsinho, Elmo Borges e Gilberto Barros.

## 2.1 O fim do carnaval gonçalense e seus motivos

Como demonstrado na primeira parte da dissertação, a instituição carnavalesca Unidos do Porto da Pedra – concebida a partir da sociabilidade pré-existente no bairro homônimo a agremiação - iniciou sua caminhada, primeiramente, enquanto bloco de arrastão (1973). Este havia sido pensado para desfilar apenas pelas ruas do Porto da Pedra. Contudo, tal planejamento acabou por ser modificado quando seus dirigentes receberam convites por parte da Prefeitura municipal para desfilar o carnaval oficial da cidade. Nesse período, a agremiação desenvolveu-se substancialmente, haja vista a necessidade de se estruturar para poder competir com outros blocos espalhados pela cidade.<sup>91</sup>

A partir do ano de 1976 a agremiação começou a enfrentar uma série de contratempos. Tais reveses, como falta de capital para promover e organizar eventos, a saída de importantes dirigentes, a insuficiência de pessoal, falta de um espaço para executar os seus ensaios e também para guardar os instrumentos foram preponderantes para o esgotamento da instituição. Essa situação, que resultou no encolhimento do bloco, modificou-se com a chegada de um novo grupo de comerciantes, capitaneados por Paulinho Chaffin.

Amante do carnaval de rua, Chaffin havia acabado de se mudar para o bairro, onde também abriu um bar. Este, localizado na região central do Porto da Pedra, serviu como base para a reestruturação do bloco carnavalesco.

O bar que o Paulinho abriu deu uma vida para a Porto da Pedra, até porque era bem fácil de parar ali (...) era bem localizado e o Paulinho deu uma baita força para que a escola (bloco) não acabasse. Acho que isso já foi em 78.<sup>92</sup>

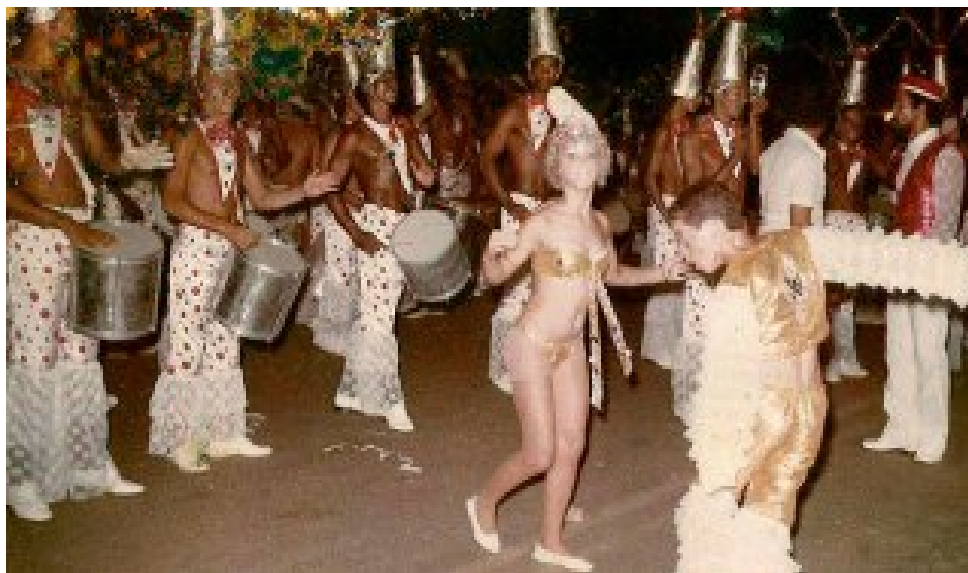
Assim, podemos afirmar que a Porto da Pedra não encerrou totalmente suas atividades durante a década de 1970. Observa-se, entretanto, que a mesma sofreu modificações em seu caráter jurídico, passando a ser reconhecida em cartório, e também em seu corpo de diretores, isso porque se antes a direção do bloco era composta por Cabrinha, Jorge Lambel e Lelego, a partir dessa mudança passou a ser administrada por Paulo Chaffin, Nilton Bispo, Jorge Brum e Amilton Vieira. Jorair Ferreira e Aroldo Moreira foram os únicos remanescentes da primeira direção

---

<sup>91</sup> SOUZA, Bruno Cesar Santos de. *Orgulho e Paixão de uma cidade: A História do G.R.E.S. Unidos do Porto da Pedra*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2015.

<sup>92</sup> Entrevista concedida em 14/09/2014.

Durante esse período, o Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra se filiou à AGESBC (Associação Gonçalense de Escolas de Samba e Blocos Carnavalescos), disputou alguns carnavais em São Gonçalo e se transformou em escola de samba, no ano de 1980.<sup>93</sup>



Foliões do GRES Unidos do Porto da Pedra desfilando na década de 1980.

O GRES Unidos do Porto da Pedra, que havia escolhido as cores vermelha e branca como oficiais<sup>94</sup>, continuou a desfilando o carnaval gonçalense até o ano de 1985, quando encerrou suas participações na disputa. Dentre os prováveis motivos para tal desfecho, apontamos três: problemas internos gerados por disputas entre os dirigentes, a falta de verba gerada pelo esgotamento da máquina pública naquilo que tange o financiamento do carnaval do município e o crescimento de grupos religiosos, sobretudo pentecostais, contrários à feitura do carnaval na cidade.

Sobre a disputa entre os administradores da escola de samba, conta-se que esta não foi gerada pela brusca diminuição da subvenção do carnaval, mas sim por causa de distintos pensamentos que alguns diretores tinham acerca do futuro da agremiação.<sup>95</sup>

Para os liderados por Jorair Ferreira, a Porto da Pedra deveria sair do carnaval gonçalense e almejar maiores desafios. Os partidários de Paulinho Chaffin ponderavam que a agremiação deveria se manter no carnaval gonçalense ou pelo menos conservar-se pelo bairro.

<sup>93</sup> Segundo as regras da AGESBC, os blocos carnavalescos que chegassem em primeiro e segundo lugar poderiam escolher se transformar em escola de samba.

<sup>94</sup> As cores do bloco têm a ver com a coloração do Time do Unidos do Porto da Pedra Social Clube, umas das equipes que ajudaram a fundar o Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra. Ver capítulo um.

<sup>95</sup> Entrevista concedida em 14/09/2014.



Essa confrontação e, principalmente a diminuição da subvenção recebida suscitou o fim do GRESUPP, ou pelo menos uma pausa em suas atividades.

Para avaliarmos o declínio do carnaval organizado pela Prefeitura ao longo da década de 1980 - incluem-se nesta organização: os desfiles de blocos e escolas de samba da cidade, a construção de palcos e apresentações de shows por toda São Gonçalo, embelezamento das ruas voltadas para a própria festa, e também o aparato policial e de limpeza - necessitamos analisar política e economicamente a cidade, que durante esse período passava por uma recessão.<sup>96</sup>

Para entendermos como a crise de 1970 e 1980 se abateu sobre o município, e dessa maneira sobre seu carnaval, precisamos voltar um pouco mais no tempo, indo até os primórdios da formação econômica da cidade. No século XVII, São Gonçalo era umas das principais produtoras de cana de açúcar do país<sup>97</sup>, e no XVIII tornou-se uma importante fornecedora de produtos primários e de gêneros alimentícios para o Rio de Janeiro.<sup>98</sup>

Dito isso, é notório afirmar que a economia gonçalense e as suas bases, desde sua formação, muito têm a ver com o atendimento do mercado externo - seja ele o da capital do Brasil ou mesmo para a exportação da cachaça feita na cidade. Para tal, bons portos eram necessários para fazer o escoamento da produção.

Nas primeiras décadas do século XX, São Gonçalo, bem como toda a banda oriental da Baía da Guanabara, manteve sua economia ligada ao Rio de Janeiro - nesse momento Distrito Federal. A produção de alimentos - sobretudo frutas - era a especialidade gonçalense<sup>99</sup>. Desse modo, a venda de alimentos e a produção de bens de consumo eram formas do mercado gonçalense se manter aquecido.<sup>100</sup>

A importância da atividade portuária em São Gonçalo, que diferente do Rio de Janeiro, se explica, primeiro, pela necessidade de escoamento da produção agrícola e

---

<sup>96</sup> Mata, Salvador e Silva. *São Gonçalo 1890 – 1990*. São Gonçalo: Ed. Belarmino de Mattos, 1993.

<sup>97</sup> MATA, Salvador e Silva. *São Gonçalo no Século XVII*. São Gonçalo. Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1997.

<sup>98</sup> MATA, Salvador e Silva. *São Gonçalo no Século XVIII*. São Gonçalo. Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1998.

<sup>99</sup> GUIMARÃES, Alberto Passos. *Quatro Séculos de Latifúndio*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1968.

<sup>100</sup> LESSA, Carlos. *O Rio de Janeiro de todos os Brasis: Uma reflexão em busca de auto-estima*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

via de acesso de mercadorias e pessoas para o interior do antigo Estado do Rio de Janeiro.<sup>101</sup>

Um fator atrativo para essas empresas que se instalavam na região e que vendiam para a capital eram os bons acessos fluviais presentes no município. Um exemplo de corporação que decidiu se alojar em São Gonçalo é a Companhia de Cimento Portland, que ficava localizada às margens do Rio Guaxindiba (São Gonçalo).

Entre as décadas de 1920 e 1940, a cidade viu seu parque industrial crescer a reboque do desenvolvimento da principal cidade da região metropolitana do Estado. As obras ligadas à expansão da construção civil auxiliaram na geração de emprego e renda.<sup>102</sup>

Tanto para Niterói, e principalmente para São Gonçalo, esse foi um período de substancial desenvolvimento econômico, a ponto de o pensador gonçalense Luiz Palmier apelidar o polo industrial da cidade, que ia desde os bairros do Porto Velho até o Vila Lage, de “Manchester Fluminense”<sup>103</sup>.

O governo desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek (1956 – 1961) manteve a economia do lugar aquecida, e investiu na cidade através do Plano de Metas, onde priorizou a expansão da indústria naval e a modernização do parque têxtil. Grandes construções da época - tais como a expansão da construção civil e a construção do Estádio Mario Filho - representaram um aumento acentuado na produção e venda de cimento e derivados produzidos em fábricas localizadas em São Gonçalo.<sup>104</sup>

Entretanto, com a mudança da capital federal para Brasília, a economia fluminense foi acometida por um declínio.<sup>105</sup>

A decadência do Estado do Rio de Janeiro, como um todo, é anterior a década de 1970, mas é comumente associada à perda da função administrativa de Capital Federal. Essa posição política, privilegiada, dividia o Estado em núcleo e periferia e ainda hoje é nítida essa divisão do Estado. São Gonçalo, por sua vez atuava como periferia de

<sup>101</sup> FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. *Um santo nome. Histórias de São Gonçalo do Amarante*. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2000. P 15.

<sup>102</sup> MATA, Salvador e Silva. *São Gonçalo 1890-1990*. São Gonçalo, Ed. Belarmino de Mattos, 1993.

<sup>103</sup> PALMIER, Luiz. *São Gonçalo Cinquentenário*. São Gonçalo: IBGE, 1940.

<sup>104</sup> MENDONÇA, Adalton da Motta Mendonça. *Transformações Socioeconômicas no eixo Niterói-Manilha em São Gonçalo/RJ*. 2007. 249 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. P 121 – 127.

<sup>105</sup> LESSA, Carlos. *O Rio de Janeiro de todos os Brasis: Uma reflexão em busca de auto-estima*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Niterói, Capital do antigo Estado do Rio de Janeiro, produzindo bens e alimentos como complementaridade do mercado carioca.<sup>106</sup>

Embora a crise do setor fabril da região tenha sido anterior a 1970, foram nesses dez anos que ela atingiu a economia do lugar de maneira aguda, sobretudo em relação à indústria naval. Tal como *reação em cadeia*, a diminuição da produção naval atenuou a fabricação de outros produtos utilizados por essas mesmas fábricas. Metais, produtos químicos, indústrias têxteis e mesmo a fabricação de alimentos tiveram queda de produção. Essa ação gerou o fechamento de inúmeras manufaturas entre os municípios de Niterói e São Gonçalo.<sup>107</sup>

Sendo um dos municípios mais afetados pelo colapso industrial local, São Gonçalo teve uma alta nos níveis de desemprego, o que acabou por gerar uma baixa na arrecadação. Se em 1975 havia vinte e três mil trabalhadores, segundo os dados do Sindicato Nacional da Construção Naval, na década seguinte esse número caiu mais do que a metade.<sup>108</sup>

Em reflexo disso, os subsídios que esses mesmos setores recebiam foram sendo pouco a pouco diminuídos e até cortados. Tal ato gerou o fechamento de muitas outras empresas ligadas à cadeia produtiva do setor naval, fazendo crescer ainda mais os resultados negativos da economia gonçalense e niteroiense.<sup>109</sup>

Entre fins de 1970 e ao longo de toda década seguinte, os setores que conseguiram manter-se de pé em meio ao arrefecimento econômico eram os de química, material de transportes, siderúrgicos e metalúrgicos, todos ligados a produções de outros locais do estado, tal como a indústria petrolífera de Campos e o setor alimentício de Petrópolis.

Todavia, conforme passavam os anos, mesmo esses foram minguando. Isso deve-se ao fato de o governo ditatorial brasileiro ter resolvido apostar em medidas neoliberais na época, o que sufocou o empresariado local que se beneficiava diretamente dos investimentos governamentais, via BNDE. Sem esses subsídios, o setor - que era antes tido como grande

---

<sup>106</sup> MENDONÇA, Adalton da Motta Mendonça. Transformações Socioeconômicas no eixo Niterói-Manilha em São Gonçalo/RJ. 2007. 249 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. P. 121.

<sup>107</sup> MENDONÇA, Adalton M. Município de São Gonçalo, das indústrias às ruínas e vazios industriais: planejamento urbano e perspectivas de revitalização. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. Pp 129.

<sup>108</sup> OLIVEIRA, Floriano José Godinho. Reestruturação produtiva e regionalização da economia no território fluminense. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003. P. 63.

<sup>109</sup> OLIVEIRA, Floriano José Godinho. Reestruturação produtiva e regionalização da economia no território fluminense. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003. P.p. 80.

arrecadador de capital e gerador de empregos na banda oriental da Baía de Guanabara - se esvaiu.<sup>110</sup>

Outro aspecto que deve ser levado em consideração para a acentuação da crise econômica eram as articulações políticas da época e como elas se formavam. Sabe-se que quem chefiava o Estado do Rio de Janeiro era Leonel Brizola, ferrenho opositor do governo civil-militar, que ainda vigorava na direção do país. Esse enfrentamento entre governo federal e estadual fez a economia local sofrer ainda mais do que os demais Estados da federação.

Este quadro de estagnação foi, de certo modo, impulsionador de novas propostas políticas, e serviu também para que o empresariado pudesse refletir sobre novas ações afirmativas que visassem a recuperação da economia local. Nesse bojo, incluímos a empresa Comtrol S/a dos empresários Jorge Luiz Seixas Guinâncio e Sergio de Oliveira, sobre a qual falaremos detalhadamente mais à frente.

Ainda sobre as questões econômicas relacionadas à região que engloba os municípios de Niterói, Itaboraí e São Gonçalo, há outro aspecto que deve ser mencionado para finalizar a análise: o descobrimento e exploração de petróleo em Campos. Esse fato foi preponderante para o fechamento - ou até mesmo a mudança - dessas fábricas da região para o norte do Estado.<sup>111</sup>

Essa diminuição do capital investido no carnaval da cidade pode também ser explicada através da análise de Almeida e Neto. Para ambos, a chegada da década de 1980 trouxe para a economia brasileira mudanças estruturais consideráveis.<sup>112</sup>

Traçando um panorama desse momento histórico, percebe-se que o governo ditatorial à frente da administração federal brasileira tinha um plano de neoliberalização para a economia do país.<sup>113</sup>

---

<sup>110</sup> OLIVEIRA, Floriano José Godinho. *Reestruturação produtiva e regionalização da economia no território fluminense*. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003. P.p. 83.

<sup>111</sup> A exploração desta Bacia iniciou-se com a descoberta do Campo de Garoupa e teve seu início comercial em 1977, no campo de Enchova, com uma produção de 10 mil barris por dia em uma plataforma flutuante. Ver mais em: <http://www.ompetro.org.br/index.php/producao-de-petroleo-e-gas-na-bacia-de-campos>.

<sup>112</sup> ALMEIDA, Gelsom; NETO, Sydenham Lourenço. *Estado, Hegemonia e Lutas de Classes: interesses organizados no Brasil recente*. São Paulo: editora canal6, 2012.

<sup>113</sup> O chamado neoliberalismo é uma releitura das teses liberais do século XIX e XX - principalmente - e delimita, através de suas crenças, um distanciamento do aparelhamento estatal para com as coisas econômicas. Não entraremos aqui em uma discussão sobre a validade desses preceitos, mas sim buscaremos observar como essa escolha modificou e definiu o caminho da cidade de São Gonçalo e, por seguinte, da Porto da Pedra. Sobre

É correto afirmar que, muito do capital gonçalense durante a década de 1970 e 1980 era proveniente das indústrias navais e petrolíferas instaladas em seu litoral. O bairro do Gradim, por exemplo, vizinho ao Porto da Pedra, possuía algumas empresas ligadas a construção de navios e chatas. Tem-se ciência também que muito dos investimentos ligados a essa área está diretamente ligado a Petrobrás.

Assim sendo, o afastamento de grandes empresas e indústrias do ramo naval e a elas ligadas diminuiu consideravelmente a arrecadação de capital da cidade. Essa estagnação acabou por afetar os municípios que coletavam impostos e ganhavam com a geração de emprego para o local. Tal fato foi responsável pelo arrefecimento do investimento da Prefeitura em programas sociais, como o carnaval.

Outro fator que consideramos como uma das principais causas do enfraquecimento do carnaval do município e, por seguinte do GRESU Porto da Pedra foi o crescimento de um eleitorado majoritariamente composto por pentecostais. Estes religiosos mantêm, até os dias de hoje, discursos contrários a realização do carnaval e de expressões religiosas africanas.<sup>114</sup>

Alguns destes grupos pentecostais são críticos a existência da Associação Gonçalense de Blocos Carnavalescos e Escolas de Samba e a promoção da festa popular em território gonçalense. O discurso desses grupos se baseia na própria oratória da igreja e de seus líderes para construir um ideário, no qual tanto o carnaval quanto religiões africanas e suas expressões tornam-se “obras do diabo” e que, por conta disto, deveriam ser combatidas ao invés de serem financiadas por órgãos públicos. Os políticos locais cumprindo a lógica de votos que circula entre o palanque e o púlpito temem perder votos e cargos caso tenham seus nomes relacionados a escola de samba.<sup>115</sup>

Sabe-se que fieis, guiados por seus líderes religiosos, inicialmente panfletavam e iam de casa em casa proferindo críticas contra a construção do carnaval. Contudo, este mesmo grupo pertencente a matrizes pentecostais, tais como IURD<sup>116</sup> acabou por entender que a ideia de que “o carnaval é obra do demônio” não seria aceita por grande parte da população, que em sua maioria católica e brincante do próprio carnaval. Por conta disso, muitos desses

---

o tema ver: DOS SANTOS, Theotônio. *O neoliberalismo como doutrina econômica*. Grupo de Estudo sobre economia mundial, integração regional e mercado de trabalho. Texto para discussão, série 1 n.32, 2002.

<sup>114</sup> MARIANO, Ricardo. *Mudanças no campo religioso brasileiro no censo 2010*. Debates do NER, Porto Alegre, n. 24, v. 2, 2013, pp. 119-137.

<sup>115</sup> FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. Em: ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

<sup>116</sup> Igreja Universal do Reino de Deus.

religiosos mudaram o direcionamento do discurso deixando de lado suas razões ditas religiosas para mover criticar aos gastos e a desorganização promovida durante os dias de folia.

Deste modo, diziam eles que tanto o carnaval quanto outros tipos de festas populares não traziam nenhum tipo de benefício para o município, servindo apenas para gastar o dinheiro do contribuinte. Para essas pessoas, a festa simbolizava a bagunça, as brigas e servia unicamente para desordenar o município.<sup>117</sup>

Um relato da época é de Seu Jorair Ferreira, que possuía bom trânsito com pessoas evangélicas, diz não “entender porque eles eram contra” o carnaval.

Naquela época começou a ter muita gente pobre contra o carnaval. Isso que eu não entendo. Porque é no carnaval que todo mundo pode fazer festa. (...) eles ficavam falando que se a cidade não tinha dinheiro para um monte de coisa também não deveria ter dinheiro para o carnaval. Uma ideia, desculpa o termo, muito burra. Porque a gente sabe que o carnaval, na verdade, traz dinheiro.<sup>118</sup>

Ainda dissertando sobre este polêmico tema, há de se pontuar que durante este período ocorreu na cidade de São Gonçalo, bem como em todo o Brasil, um aumento considerável de praticantes das religiões pentecostais. Este fenômeno está intrinsicamente ligado ao crescimento da igreja universal do reino de deus, que segundo Mariano era um conceito religioso que mesclava algumas práticas e crenças dos brasileiros com valores religiosos do protestantismo americano.<sup>119</sup>

Sabe-se que entre 1980 e 1989, o número de templos pentecostais cresceu 2.600% em todos Brasil. Capitais regionais que tinham grande número de habitantes, casos de Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador, foram onde houve maior crescimento na década de 1980.<sup>120</sup>

A tese colhida por nós e analisada em virtude deste assunto aponta que:

Na década de 1990, passou a cobrir todos os Estados do território brasileiro, período no qual logrou taxa de crescimento anual de 25,7%, saltando de 269 mil (dado

---

<sup>117</sup> MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a teoria da prosperidade. *Novos Estudos*, São Paulo, Cebrap, n. 44, 1996.

<sup>118</sup> Entrevista concedida em 14/09/2014.

<sup>119</sup> MARIANO, Ricardo. *Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal*. *Estudos avançados*, vol.18, no.52 São Paulo Set. /Dec. 2004. Pp 19.

<sup>120</sup> MARIANO, Ricardo. *Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal*. *Estudos avançados*, vol.18, no.52 São Paulo Set. /Dec. 2004. Pp 14

certamente subestimado) para 2.101.887 adeptos no Brasil, de onde se espalhou para mais de oitenta países.<sup>121</sup>

Mariano nos conta ainda que a maioria desses adeptos pertencem majoritariamente aos estratos mais pobres e menos escolarizados da população, casos comuns dentre da população gonçalense, sobretudo, aos moradores do bairro em questão. Além disso, o crescimento da presença de praticantes de uma “nova” religião ou mesmo a mudança religiosa de uma parcela da população faz mudar, assim como a construção de um bloco carnavalesco ou uma escola de samba, a vida cotidiana das pessoas de um mesmo lugar. Para seu Jorair Ferreira, o aparecimento de pentecostais no bairro não causou estranhamento, contudo, as novas falas contrárias ao carnaval e também contra a Porto da Pedra foram entendidas de maneiras negativa.

Embora essa informação pareça ter pouco envolvimento com o fim do carnaval gonçalense, entende-se que nesta época havia um forte pensamento contrário a prática de algumas festas populares por parte dos adeptos dessas religiões.

Para alguns campos religiosos, tais como a Igreja Universal do Reino de Deus, a ideia de diabo e utilização de maledicências serve para exprimir o olhar sobre o outro. Além disso, faz com que o adepto se mantenha em constante vigília para a guerra espiritual proposta pela sua igreja. Nesta batalha, o fiel deve sempre buscar se livrar e combater o mal, o que, no nosso caso, seria o carnaval e a GRESUPP.<sup>122</sup>

Começou a surgir muito crente. A cidade já tinha crentes, mas era diferente, sabe? Os caras não se metiam com o carnaval. Aí do nada começaram a implicar com a gente que fazia samba. Acho que eles achavam que a gente era da macumba. Teve uma vez que quase teve confusão porque abriu uma igreja de porta ali no Boa Vista e veio um monte de mulher de saia grande e cabelo preso dar papelzinho no nosso ensaio, achei aquilo muita safadeza. A gente não ia na casa deles para falar mal da religião deles. Eles também não tinham que ir lá e falar isso.<sup>123</sup>

Há de se considerar que estes mesmos cidadãos gozavam inteiramente de seus direitos políticos. Dessa forma, suas demandas, tal como a diminuição do subsídio para as festas

---

<sup>121</sup> MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. Estudos avançados, vol.18, no.52 São Paulo Set. /Dec. 2004. Pp 17.

<sup>122</sup> MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. Estudos avançados, v. 18, n. 52. São Paulo Set / Dec. 2004. Pp 32.

<sup>123</sup> Entrevista concedida em 14/09/2014.

populares, eram levadas em consideração pelos vereadores e prefeitos da cidade nesse dado período.<sup>124</sup>

Não obstante o crescimento de alguns núcleos no campo político acabou por trazer limitações ao apoio para o carnaval local, muitos de seus adeptos estão presentes na elaboração da festa de carnaval, pois trabalham na mesma. Todavia, o aumento do discurso de demonização advindo de alguns grupos pentecostais que cresciam na cidade, como demonstrado anteriormente, tem sido extremamente prejudicial para a Porto da Pedra, em especial no que se refere as suas relações com o poder público.

Deste modo, entende-se que houve substancial diminuição de apoios e acordos que a Porto da Pedra havia firmado com a Prefeitura e/ou com funcionários da mesma (vereadores, prefeito, assessores e candidatos). Isso ocorria, pois, nenhum servidor do poder público, que necessitaria de votos para entrar ou se manter no cargo iria querer ser visto na companhia de quem seu eleitorado “demoniza”<sup>125</sup>.

## 2.2 O show tem que continuar

Após análise da situação política, econômica, social e religiosa de São Gonçalo, entende-se com mais clareza quais foram os caminhos tomados e quais as consequências que essas escolhas acarretaram ao município e seus habitantes. Conforme demonstrado, houve uma diminuição dos gastos públicos e também nos investimentos em áreas culturais, como por exemplo o carnaval. Existiram ainda, ações advindas do campo religioso que modificaram profundamente as relações existentes na cidade.

Sabe-se que, sem seu principal patrocinador – a Prefeitura – o GRES Unidos do Porto da Pedra não se sustentaria por muito mais tempo, o que fatalmente ocorreu no ano de 1985, quando a agremiação decidiu por encerrar suas apresentações no centro da cidade.

Uma vez feito o panorama geral do caso, pergunta-se: e a Porto da Pedra e sua gente? Sabe-se que entre os anos de 1985 e 1992, o GRESU Porto da Pedra não se apresentou em

---

<sup>124</sup> FRESTON, Paul. Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo. 1993.

<sup>125</sup> Não obstante o crescimento pentecostal ser importante para muitas transformações que se dão tanto no município quanto no carnaval local e de modo mais geral, no momento não foi possível tratarmos de modo mais acurado de todos os meandros disso na política local e de que modo melhor compreender estas relações entre palanque e púlpito são mais complexas e transitam entre diversos setores da vida social.



nenhum desfile oficial, seja em São Gonçalo ou em outras cercanias. E como não existiram apresentações, reuniões ou exposições referentes a agremiação nesse dado período, faz-se oportuno dizer que, esta parte da pesquisa nos trouxe certas dificuldades.

Entendendo que a agremiação pouco se apresentava, pouco registro se tem. Todavia, assim como já havíamos feito no início da obra, buscamos elucidar o final da década de 80 e início da década de 90 através das vivências e memórias dos sujeitos que participaram - de alguma maneira - da história do bairro ou da agremiação. Novamente recorreremos às memórias para decifrar esse momento histórico.

Em meio às análises sobre a constituição da memória, descobriu-se que a engenhosidade da mente humana não tem limites e, da mesma maneira como esta constrói lendas e edifica instituições, também estabelece - através de experiências - coletividades. Essas estruturas sociais são base para o convívio social humano.<sup>126</sup>

Outro ponto diz respeito à condição de seletividade da história, pois entendemos que, nem todas as vivências constituem a biografia de um lugar ou de uma instituição como a Porto da Pedra, por exemplo. E se existe qualquer tipo de seleção, há necessariamente uma construção, um apontamento.

E se a memória é socialmente construída e sofre alterações ao longo do tempo, podendo ser modificada conforme as demandas do presente, assim também ocorre com a documentação. Desse modo, não há maneiras de se distinguir a fonte escrita e fonte oral. Seriam ambas versões da história.<sup>127</sup>

Sendo assim, ao dissertarmos sobre a constituição da memória, evidencia-se que mesmo um evento já acabado pode ser resgatado por fatos atuais, ou seja, o passado emerge de acordo com as demandas do presente, e disso deriva seu caráter de incompletude e de fragilidade. Desse modo, afirma-se que as narrativas são feitas ao longo do tempo.

Sujeitos que hoje são entrevistados sobre o passado da agremiação Unidos do Porto da Pedra recobram e direcionam suas memórias ao fato solicitado, e se articulam com aquilo que mais lhes é mais próximo. Isso, normalmente, os coloca em lugar de destaque, pois estariam eles exercendo posição de agentes do processo ou mesmo observadores, o que já delega a estes (as) colaboradores (as) – e as suas memórias - grande importância.

---

<sup>126</sup> HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (eds.). *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, pg. 59.

<sup>127</sup> AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & Abusos da história oral*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. Pp 14.

Contudo, é preciso ter em mente que a memória de uma comunidade e tudo que dela se origina é resultado de disputas. Diferentes grupos, não necessariamente rivais e que tenham entrecruzamentos entre seus respectivos passados, buscam através de suas memórias a legitimidade para suas narrativas. Afirma-se isso, pois se sabe que uma das principais bases para as relações sociais do presente é o passado e como ele foi concebido.

Vemos por exemplo que, dentro de uma sociedade que possui apreço por certa instituição, como é o caso da Porto da Pedra, ter algo a ver com a construção da mesma delega status social ao indivíduo. Isso implica dizer que ter seu nome relacionado ao símbolo cultural do lugar ou ser agente desse processo histórico tem seu valor simbólico.

Desse modo, abrangemos os motivos de alguns dos (as) entrevistados (as) se reafirmarem enquanto fundadores, como é o caso de Cabrinha e Paulinho Chaffin, ou então como guardiões da história da instituição, como Seu Jorair Ferreira. Para eles, e principalmente para essa geração, fazer parte do bloco do bairro ou ser seu criador é de extrema significância, haja vista a estima das pessoas para com a instituição.

Outro fato interessante, é que estes colaboradores não tecem suas narrativas sem antes demonstrar que possuem determinados artefatos como fotos e documentos escritos, que corroboram para a sua versão da história. Como já foi explicitado aqui, todos os supracitados colaboraram com alguns documentos – oficiais ou não - da agremiação, além de suas respectivas entrevistas.

Como dito anteriormente, a construção da memória é um campo de disputa, e esses objetos são as armas desses senhores frente ao prêmio que é fazer parte da história do lugar e do seu símbolo cultural. Vale lembrar também que a sociabilidade existente no bairro do Porto da Pedra tem como um dos seus símbolos culturais a própria instituição carnavalesca, e esse já é motivo suficiente para a disputa acerca do passado.

Todavia, não se deve pensar que tais indivíduos que viveram os acontecimentos pesquisados e que hoje auxiliam a análise a partir de suas vivências, modificariam suas versões de maneira premeditada para que fossem eles os principais articuladores desse passado. Eles apenas se utilizam de suas memórias para se colocarem na história da agremiação e desse modo na biografia do lugar. Obviamente que cada indivíduo contará a sua versão da história, não que esta seja verdadeira ou falsa, mas apenas uma parte importante do fato. Além disso, podemos presumir que, um sujeito imbuído da história presente e dos seus paradigmas encontrará dificuldades em registrar o seu passado, que por vezes já foi esquecido, reinventado ou mesmo modificado ao longo do tempo.

Um bom exemplo de como essa construção se dá é o próprio termo *escola de samba*, que teria sido inventado na década de 1930, período em que agremiações como Portela e Mangueira iniciavam suas respectivas trajetórias<sup>128</sup>. E, se existe um direcionamento quando o assunto é a década de fundação dessas instituições, o mesmo não se pode dizer sobre a origem do termo.

Cartola, por exemplo, dizia que o termo tem ligação com o fato de os músicos que lá se apresentavam serem tão bons, que ensinavam, assim como professores; por isso o local deveria se chamar ‘escola’. Outra lenda sobre a criação do termo vem do Morro do Estácio e, segundo Ismael Silva, tem a ver com uma escola que havia no local e que servia de refúgio para os sambistas quando estes escapavam da polícia. Entretanto, tanto uma quanto a outra foram concebidas anos à frente, quando o termo já era substancialmente utilizado e poucos sabiam o motivo.

Para Ferreira, durante a década de 1930, o termo escola era amplamente utilizado pelo governo varguista, tornando-se sinônimo de coisa boa. Querendo os sambistas a “aceitação” da população, usaram o termo, comum a maioria dessas pessoas.<sup>129</sup>

Segundo Leopoldi:

A designação *Escola de Samba* não se impôs abruptamente: “Não houve uma decisão de criar um novo tipo de grupo carnavalesco chamado escola de samba” – diz Sérgio Cabral. “Fundaram mesmo foi um bloco que recebeu o título de escola de samba, uma espécie de agnome do Deixa Falar. O nome escola de samba só viria se impor anos mais tarde quando outros blocos carnavalescos (como a Estação Primeira de Mangueira, por exemplo) foram substituindo aos poucos a expressão bloco carnavalesco por escola de samba”.<sup>130</sup>

Para Tinhorão:

Até pelos menos 1934, as denominações bloco e escola de samba coexistiam sem preferência. (...) Em 1932, o jornal carioca Mundo Esportivo referia-se às Escolas de Samba chamando-as de “Escolas de Melodia da Metrópole”.<sup>131</sup>

<sup>128</sup> CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.

<sup>129</sup> FERREIRA, Felipe. *O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro. Ediouro: 2004.

<sup>130</sup> CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba*. Rio De Janeiro: Fontan, 1974, pp.22. In: LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de Samba, ritual e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010, 102.

<sup>131</sup> TINHORÃO, José Ramos. *Pequena história da música popular*. Petrópolis: Vozes, 1974, pp.171.

Ainda sobre a questão da memória e de que maneira ela se constitui, vale a pena fazer menção ao conceito de *lugares de memória*. Tal concepção disserta sobre espaços que podem ter um triplo significado, um triplo entendimento e uma tripla aplicabilidade.

Para o Nora, estes seriam lugares físicos onde a memória social se constrói e também pode ser alcançada. Da mesma maneira, estes poderiam acionar algum tipo de vivência, pois possuem ou trouxeram para si, ao longo do tempo, uma função de basear as memórias coletivas. Além disso, tais lugares são simbólicos, onde a memória coletiva se expressa e se revela. Acredita-se que o autor tenha pensado nesse conceito como uma forma de definir uma fronteira entre a memória, o tempo histórico e seus mais diversos espaços.<sup>132</sup>

Em outras palavras:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais.<sup>133</sup>

Contudo, segundo o autor, história e memória seriam conceitos que, embora ligados e complementares, estariam necessariamente em lados opostos: a memória seria algo vivo dentro do ser, enquanto a história estaria atrelada a construção de situações já passadas e incompletas.

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações.<sup>134</sup>

Outro papel da memória seria dar base para a manutenção de vários grupos e suas respectivas identidades. Assim sendo, voltamos ao ponto inicial da nossa discussão, uma vez que as narrativas empregadas pelos mais diversos personagens atuantes no fim da década de 1980 baseiam-se em suas memórias e no modo notável como ela é mantenedora de laços sociais.

---

<sup>132</sup> NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. Projeto História, nº 10, dez, 1993. p. 25

<sup>133</sup> NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. Projeto História, nº 10, dez, 1993. Pp. 13.

<sup>134</sup> NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. In: Projeto História. Nº 10. São Paulo: PUC, 1993, pp 9.

Assim, a partir das memórias existentes para diferentes grupos, pode-se atribuir vários sentidos à elaboração de um carnaval, aos seus espaços ou mesmo às origens de uma agremiação. Isso porque a memória capitania a lembrança e a história a transmite.

De acordo com Nora:

Na mistura é a memória que dita e a história que escreve. É por isso que dois domínios merecem que nos detenhamos, os acontecimentos e os livros de história, porque não sendo mistos de história e memória, mas os instrumentos, por excelência da memória em história, permitem delimitar nitidamente o domínio. Toda grande obra histórica e o próprio gênero histórico não são uma forma de lugar de memória? Todo grande acontecimento e a própria noção de acontecimentos não são, por definição lugares de memória? As duas questões merecem uma resposta precisa.<sup>135</sup>

Com isso, entendemos que a institucionalização, as modificações ocorridas ao longo do tempo, os ensaios de rua, os desfiles, além da fala desses sujeitos, são propagadores dos acontecimentos passados, e dessa maneira guardiães da memória desses diferentes grupos que se articulam entre si, associando memória e história e servindo como ponte entre passado e presente.

“Enredos que contam as histórias das comunidades, ou de moradores, como o (palhaço) carequinha são normalmente comprados pela comunidade (...) e são esses que o povo mais canta forte”<sup>136</sup>.

Considerar os preparativos de uma escola de samba ou mesmo o desfile de carnaval como uma memória única e uniformizadora implica em demonstrar como a configuração deste passado foi construído e perpetuado. Tal fato pode ser observado na construção “heroica” tanto do nome escola de samba, descrita anteriormente, quanto na edificação da memória da instituição carnavalesca Unidos do Porto da Pedra.

Nesta perspectiva, a produção anual feita por uma escola de samba, que apresenta para o público um enredo - que, por definição, conta história e levanta questões sobre a sociedade - se configura como instrumento de divulgação de uma memória. Este guarda em suas narrativas, gravuras e fotografias que, uma vez visualizadas, constituem importantes acervos selecionados e que, dialogam com caracteres da própria agremiação.

---

<sup>135</sup> NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. In: Projeto História. Nº 10. São Paulo: PUC, 1993, pp 7.

<sup>136</sup> Entrevista com o Carnavalesco Jaime Cezario, no dia 18/11/2015.

E é a partir do conceito de construção histórica, baseada na memória, de Nora, que nos aproximamos do pensamento dos indivíduos que, por ocasião desta pesquisa, começaram a memoriar para então discorrer sobre como se deu a reconstrução da agremiação gonçalense.

Hoje em dia, quando se conversa com algum amante da Porto da Pedra sobre sua história - indo desde a fundação do bloco - o discurso que mais se encontra é o oficial, propagado pela própria instituição. Uma das maneiras de se verificar isso é o site da agremiação, que mantém um espaço reservado para a biografia da mesma. Contudo, mesmo nesse local, reservado para discorrer sobre toda a história da instituição, há um hiato acerca do período por nós discutido aqui: o fim da década de 1980 e o início dos anos noventa.

Esse é, certamente, um momento de transformação das atividades da escola de samba gonçalense. Alguns dos diretores que vieram após 1978 mantiveram alguns ensaios com as peças da bateria ou mesmo com camisas da Porto da Pedra, sobretudo conforme o carnaval se aproximava. Apesar disso, é motivo de debate entre alguns personagens influentes na década de 1980 e aqueles que viriam a seguir (1993), se a Porto da Pedra acabou em 1985 ou não.

Existem algumas pessoas que entendem que durante esse período a escola de samba encontrou seu fim, não tendo nenhuma atividade.

Dizer que a Porto da Pedra, a escola que a gente desfilava quando era mais novo continuo depois que parou é uma grande de uma mentira, não tinha isso. A Porto da Pedra era um bloquinho do pessoal aí, virou escola, desfilou um tempo e depois acabou. Quem falar o contrário está mentindo.<sup>137</sup>

Outros personagens entendem que, mesmo sem desfilar, a Porto da Pedra se mantinha viva pelas ruas do bairro enquanto instituição carnavalesca.

A escola parou, parou, parou, parou. Mas a gente que gostava continuava fazendo uns batuques aqui, umas festinhas ali. (...) Sempre que chegava perto do carnaval eu pedia para o falecido Cirley fazer umas marchinhas, a gente chamava uns meninos da bateria, uma garotada que queria aprender e assim a gente continuava com a escola. (...) Parou de Desfilar, mas de existir não. A gente continuava com a Porto da Pedra.<sup>138</sup>

Observando esses dois pensamentos, podemos reafirmar que a memória coletiva está em constante disputa. Porém, não se deve julgar tais posicionamentos, pois como já fora dito, fazer parte da construção social de algo relacionado ao seu lugar de origem é decerto algo que vale o embate. Em outras palavras, estar presente na reestruturação da escola de samba do

<sup>137</sup> Entrevista concedida por Sebastião Bergara, em 22 de novembro de 2016.

<sup>138</sup> Entrevista concedida por Seu Jorair Ferreira, em 14/09/2014.

bairro e poder narrar isto é simbólico, ainda mais dentro de uma sociedade que tem laços de afinidade com o carnaval.

A narrativa oficial, mantida pela própria instituição, se abstém, porém, os personagens que ajudaram a edificar essas memórias nos concedem uma interessante discussão sobre os fatos que ocorreram ao longo desse período (1985-1993), que terá uma importância ímpar para a (re) constituição da agremiação anos mais à frente.

É aquele negócio, Deus tem um plano para tudo no mundo. Eu sinceramente, vendo tudo isso hoje, acho que esse tempo foi na verdade um aprendizado. O pessoal era muito cru e passou a entender e saber o que era carnaval. Além disso, voltou uma galera boa depois, voltou o Lambel e o Sergio com dinheiro (...) aí a gente pode fazer um bom carnaval.<sup>139</sup>

A afirmação descrita acima corrobora com a nossa tese de que o presente molda o passado. Tião Bergara, desse modo, só pôde proferir esse pensamento depois de ter vivido todo o processo histórico. Além disso, para este personagem a agremiação encontrou seu fim justamente quando parou de desfilar o carnaval gonçalense. O que veio a seguir foi outra instituição, “que só usava o mesmo nome”.

Os que mantêm este discurso, normalmente fazem parte do grupo que veio anos mais à frente, mais precisamente em 1993. Estes baseiam seus argumentos em situações como a mudança do estatuto e as alterações estruturais e de pessoal que a Porto da Pedra sofreu.

Bergara, embora não participasse da direção da Porto da Pedra durante a década de 1980, brincava o carnaval e auxiliava na feitura de alguns serviços burocráticos referentes ao desfile da agremiação, principalmente quando a mesma desfilava no bairro. Era ele o responsável por fechar acordos com os comerciantes que queriam contratar a bateria da Porto da Pedra. Deste modo, pode-se afirmar que, além de morador e folião, Bergara era também um tipo de articulador da Porto da Pedra com a população do lugar.

Os irmãos Bergara ajudavam (...). Tião era pau para toda obra, ajudava a comprar as coisas, arrumava umas apresentações nos bares. O irmão dele ajudava na bateria, acho que ele era da macumba e fazia a bateria (...) a gente pode dizer que ele foi nosso primeiro mestre de bateria.<sup>140</sup>

Para Bergara, a Porto da Pedra que retornou na década de 1990 pouco ou nada tinha a ver com a instituição que havia fechado suas portas na década anterior. Segundo o mesmo, a

<sup>139</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>140</sup> Entrevista de Pedro Celestino, o Cabrinha em 07/03/2014.

Porto da Pedra que “nasceu” na década de 1990 era outra escola de samba, que havia apenas utilizado os documentos da “antiga” Porto da Pedra para poder “pular etapas e não ter que fazer todo o percurso novamente”<sup>141</sup>.

Aquela escola de samba que a gente fez em 80 parou de funcionar, ela simplesmente não existia mais. Pode até ter um monte de gente que te fale que estava pelo bairro e coisa e tal, mas não tinha nada no bairro na época. Jorair que volta e meia fazia um pagode, pegava uns instrumentos antigos, mas isso não era aquela escola, era outra coisa. A Porto da Pedra estava morta e enterrada.<sup>142</sup>

Ao longo desse processo, faz-se necessário observar que essa é uma das pouquíssimas falas que dizem respeito a uma ruptura na história da Porto da Pedra. Nesse sentido, podemos entender que Tião Bergara, possivelmente, estava insatisfeito com a maneira que a história da Porto da Pedra está sendo contada, e ao ser convidado a dar o seu relato sobre esses eventos, colocou-se – a si mesmo e ao seu grupo - em lugar de evidência.

Por outro lado, Seu Jorair contradiz esta fala pois, ao contrário de Sebastião Bergara, visa a manutenção das memórias que ele e seu grupo propagam. Seu Jorair Ferreira, através da sua narrativa, estaria “protegendo um passado” onde ele mesmo era um dos principais personagens. Para ele, a Porto da Pedra, mesmo que de maneira acanhada se mantinha viva em pequenas apresentações no bairro.

Seu Jorair se coloca como guardião das tradições, seria ele o mantenedor das esperanças de que um dia a instituição retornaria. Obviamente, essa é uma fala atual de um homem que viu e ajudou na construção desse passado.

Eu guardei a bandeira lá em casa, a bandeira e os documentos. Tanto é que é na minha casa que Lambel e outros amigos foram buscar as papeladas para dar início novamente na escola. (...). Fiz isso por carinho, para lembrar depois. Era um tempo muito bom.<sup>143</sup>

Outra narrativa que se mostrou bastante interessante ao longo da pesquisa, uma vez que traz um contraponto para esse debate, é a de Pedro Luís, ou mesmo Pedro Gordo, isso porque pode ser interpretada como uma visão de um sujeito que estava fora desse embate, uma vez que, embora gostasse e brincasse o carnaval, não ajudava burocraticamente em sua elaboração.

<sup>141</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>142</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>143</sup> Entrevista concedida em 12 de dezembro de 2016.



Pedro Gordo é filho de um dos comerciantes que na década de 1970 ajudou financeiramente na construção do bloco carnavalesco. E assim como seu pai, ele também se mantinha próximo ao carnaval doando dinheiro ou auxílios.

Sendo morador e folião, Pedro Luís nos trouxe nova luz acerca desse debate. Para Pedrão, como também é apelidado, “tudo que tinha o nome de Porto da Pedra o pessoal daqui ia atrás”<sup>144</sup>.

Aqui (Porto da Pedra), os moradores são bem bairristas. Por exemplo, quando tinha jogo de futebol do Unidos, ia torcida. Eu mesmo ia. Era um monte de gente que ia atrás de uns “perna de pau”, mas que eram uns pernas de pau que estavam representando o nosso bairro, você está me entendendo? O pessoal gosta do bairro, sabe?<sup>145</sup>

E continua:

Sobre o bloco, eu acho igual ao Tião, não tinha mais Porto da Pedra, tinha uns sambas por aqui, isso nunca deixou de ter, tinha até a esquina do pecado. (...) Aí (Jorge) Lambel veio uns anos depois e pegou a Porto da Pedra de Jorair (...) e deixou o mesmo nome. Até porque o pessoal gostava (...). Tudo que tinha o nome de Porto da Pedra o pessoal daqui ia atrás.<sup>146</sup>

Embora amigo de muitos dos já citados, Pedro Gordo mantinha-se um tanto quanto distante da feitura do carnaval, o que, como já dito anteriormente, nos traz uma nova visão acerca do assunto.

Eu gostava da bagunça que tinha. Eu gostava de beber, falar bobagem, arrumar umas namoradas, estar com o pessoal. Mas de fazer? Deus que me livre. Era muita gente já para fazer, era muito cacique e pouco índio.<sup>147</sup>

E embora auxiliasse em alguns serviços referentes ao carnaval do local, Pedro Gordo não frequentava reuniões e nem tinha pretensões de se tornar diretor ou algo do gênero. Para ele, brincar os folguedos era o mais importante. Sua fala acaba por se tornar de extrema importância, uma vez que ele não era burocraticamente ligado a Porto da Pedra, mas mantinha laços fraternos com a mesma. Sua fala nos mostra o olhar e o papel do folião.

---

<sup>144</sup> Entrevista concedida por Pedro Gordo, em 22 de novembro de 2016.

<sup>145</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>146</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>147</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

O folião é, sem dúvida, o principal artista do espetáculo. É para ele, com ele e por ele que a festa ocorre. A figura do brincante está presente nesses tipos de festas desde tempos imemoriais (não que essas comemorações sejam o carnaval).<sup>148</sup> Talvez essa condição seja latente sociabilidade do ser humano, pois, como pode-se observar, faz parte de um ritual complexo de trocas e divertimentos que anualmente se repete e que envolve danças, gestos, brincadeiras, toques.<sup>149</sup>

Segundo Leach: “a ação ritual e de crenças são expressões semelhantes e devem ser entendidas como formas de afirmação simbólica sobre a ordem social”<sup>150</sup>.

Ainda sobre o ritual presente nas festas carnavalescas e também nas comemorações populares espalhadas pelos mais diversos lugares, sabe-se que a dança tem um papel importantíssimo:

A dança não só aciona todo o sistema muscular do dançarino como também requer a atividade dos dois sentidos capitais, a visão, que guia o dançarino em seus movimentos entre os outros, e a audição, que lhe permite seguir o ritmo da música. Assim, o dançarino encontra-se em uma condição em que todas as atividades corporais e mentais estão harmoniosamente dirigidas para uma mesma finalidade.<sup>151</sup>

E, mesmo o Pedro, esse folião descrito acima, procurava manter distância das questões organizacionais, o que não lhe retirou nenhum tipo de experiência no que tange o ato de memoriar e socializar durante o carnaval. Contudo, esse personagem do carnaval do bairro do Porto da Pedra auxiliava à sua maneira, por vezes doando dinheiro para a feitura do carnaval do bairro e também da escola (anos à frente), emprestando seu caminhão para afazeres da instituição, sendo o Rei Momo das brincadeiras do lugar, doando frutas do seu comércio para recepções na Porto da Pedra e também fazendo parte do grupo mais importante para o carnaval: os brincantes.<sup>152</sup>

---

<sup>148</sup> FERREIRA, Felipe. *O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro. Ediouro: 2004

<sup>149</sup> CAVALCANTI, Maria Laura. *Carnaval, Ritual e Arte*. Rio de Janeiro. 7 letras: 2015.

<sup>150</sup> LEACH, Edmund (1967). APUD: LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de Samba, Ritual e Sociedade*. Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 2010, pp 43.

<sup>151</sup> RADCLIFFE-BROWN (1948). APUD: CAVALCANTI, Maria Laura. *Carnaval, Ritual e Arte*. Rio de Janeiro. 7 letras: 2015, pp 35.

<sup>152</sup> Pedro Luís ou Pedro Gordo, como é o popularmente conhecido pelas ruas do bairro é morador e folião das atividades culturais ocorridas no lugar. Pedro possui até os dias de hoje uma quitanda no centro do bairro, porém já teve açougue, mercadinho entre outros tipos de comércio e, desse modo, vivenciou inúmeras das passagens por nós estudadas.

E mesmo existindo inúmeras memórias, histórias e personagens no passado do GRES Unidos do Porto da Pedra que, como já verificado ao longo dessa dissertação, estão em constante conflito, alguns fatos são entendidos pela maioria esmagadora dos (as) entrevistados (as) de maneira harmoniosa. Tais acontecimentos podem ser narrados de diversas maneiras, mas a base da história é a mesma:

Lá por aqueles anos que a gente estava falando, Sérgio de Oliveira queria montar uma empresa de limpeza de óleo e chamou o (Jorge) Lambel para ser sócio dele (...). A empresa que esses dois montaram ajudou a levantar a Porto da Pedra e colocou a escola para desfilar no especial.<sup>153</sup>

Conforme apontado e, como será abordado no próximo subcapítulo mais detalhadamente, a empresa montada por esses dois importantes personagens da história do bairro do Porto da Pedra auxiliou no retorno da agremiação gonçalense ao carnaval. Além disso, existem aqueles que entendem que havia um projeto desses dois sujeitos através da escola de samba que visava abranger ao bairro por meio de ações culturais.<sup>154</sup>

Verifica-se que a empresa em questão, nomeada de Companhia de Transporte de Óleo ou simplesmente COMTROL S/a, pôde em cerca de cinco anos se estabelecer enquanto grande firma do concorrido mercado de limpeza e transporte de óleo da Baía de Guanabara, podendo assim, injetar volumosa quantia para a elaboração do carnaval da Porto da Pedra.

Visto que nesse subitem discutiu-se a memória acerca da Porto da Pedra e, como ela é construída pelos personagens que viverão o final da década de 1980, elucida-se na próxima parte do texto a principal força motriz que auxiliou nessa reconstrução: Control S/a. Entretanto pergunta-se: Quem são os seus donos? Como a empresa foi montada? Por que tamanho investimento em setores culturais (carnaval) através da Porto da Pedra? Como essa empresa ajudou a Porto da Pedra a desfilar no carnaval do Rio de Janeiro? Todos esses questionamentos serão respondidos a seguir.

---

<sup>153</sup> Entrevista concedida por Sebastião Bergara, em 22 de novembro de 2016.

<sup>154</sup> Entrevista concedida por Mauro Quintaes, em 17 de maio de 2016.

### 2.3 O patrocínio da empresa COMTROL S/A e o ressurgimento do G.R.E.S Unidos do Porto da Pedra na década de 1990

Dentro do mundo carnavalesco sabe-se que:

Não existe maneira de fazer carnaval sem dinheiro, carnaval que eu digo é botar uma Escola na rua, mesmo que seja para desfilar em São Gonçalo. Sem dinheiro, não tem como. E quem disser ao contrário, de duas uma: ou é mentiroso ou não sabe nada de carnaval.<sup>155</sup>

Cavalcanti também analisa o ritual, o tempo e dinheiro:

Tempo extraordinário, risonho e festivo, tempo de tolerância e renovação. (...). Entretanto, tempo tenso, de uma competição sempre refeita, que não só custa suor e dinheiro – por vezes muito – como gera renda e emprego, movimentando a vida de milhares de pessoas.<sup>156</sup>

Torna-se claro que, mesmo com toda a vontade de se “colocar o bloco na rua” faz-se necessário determinado capital e organização para que a festa aconteça. A Porto da Pedra, seja enquanto bloco carnavalesco ou escola de samba, é um exemplo disso, pois teve ao longo de sua biografia, pelo menos, dois momentos de esgotamento financeiro que a levaram a uma brusca diminuição ou mesmo ao seu fim temporário, como foi visto ao longo dos capítulos um e dois.

A necessidade de investimento fez com que as escolas de samba buscassem nos mais variados patrocinadores maneiras de conseguir tal capital. Isso se dá porque além do dispêndio do material, há de se contratar profissionais, que mesmo que prestem o serviço de maneira improvisada, cobram pelo trabalho.<sup>157</sup>

Para angariar fundos, as escolas de samba dialogaram, ao longo de suas respectivas histórias, com os mais diversos tipos de chancelas. E se observarmos a Porto da Pedra como tipo ideal para essa análise verificaremos que em seus primórdios foram os livros de ouro a principal forma da instituição angariar capital, este era percorria as ruas do bairro, sendo assinado por moradores e comerciantes do lugar. Desse modo, era a partir da organização, auxílios e doações que a agremiação fazia seu carnaval.

<sup>155</sup> Entrevista com Paulinho Chaffin no dia 20/08/2012.

<sup>156</sup> CAVALCANTI, Maria Laura. *Carnaval, Ritual e Arte*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2015. Pp.169.

<sup>157</sup> LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de Samba, Ritual e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010. P.p 62.

Segundo Queiroz, as grandes escolas do Rio de Janeiro tiveram em sua gênese (assim como nosso objeto), apoio da comunidade que as envolvia. Estas, organizavam rifas, bingos, feijoadas e caldos para angariar fundos. Contudo, doações e prestações de serviços eram, ao mesmo tempo, maneiras de a população ajudar na construção do carnaval.<sup>158</sup>

Os bicheiros surgem nesse âmbito como um porto seguro para as agremiações que queriam montar seu carnaval.<sup>159</sup> Seus investimentos giravam em torno do capital econômico, mas que retornavam em forma de capital social.<sup>160</sup>

O capital social, deste modo, possui várias acepções. Contudo, sua fórmula mais utilizada está ligada a soma de conceitos advindos da teoria social e da econômica de capital. Para Bourdieu, tanto capital social como capital cultural necessitam de se interligar para que desse jeito possamos dar conta da estrutura, do funcionamento e da classificação do mundo social.<sup>161</sup>

Desse modo, podemos considerar que o capital econômico pode ser aplicado lado a lado a outros tipos de estruturas, o que ofereceria a conceituação do objeto muito mais olhares e definições. Em outras palavras, poderíamos observar o investimento do bicheiro, descrito acima, não apenas pelo viés econômico, mas também pelo emprego desse dinheiro, que não necessariamente voltaria para as mãos do investidor em forma de papel moeda, mas sim em forma de reconhecimento social.

Para Bourdieu:

O conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis.<sup>162</sup>

Analisando também a partir do olhar micro e observando mais atentamente esses indivíduos, podemos verificar que estes sujeitos, que fazem parte das mais variadas estruturas,

---

<sup>158</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

<sup>159</sup> CAVALCANTI, Maria Laura. *Carnaval, Ritual e Arte*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2015. Pp.156 – 157.

<sup>160</sup> BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). *Escritos de educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

<sup>161</sup> BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

<sup>162</sup> BOURDIEU, P. O capital social – notas provisórias. In: CATANI, A. & NOGUEIRA, M. A. (Orgs.) *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998, pp 67.

se arranjam de acordo com o tipo de capital acumulado, que pode ser cultural, econômico, social e simbólico.

O capital social, que muito nos interessa, diz respeito à uma gama de afinidades, analogias e semelhanças que cada ser constrói ao longo de sua vivência. Desse modo, tal capital está associado às relações interpessoais, que podem ser diárias ou ocorridas uma vez no ano, como no caso do carnaval. Na utilização desse capital estão às pessoas, que se constituem através das mais diversas estruturas, dentre as quais as escolas de samba.

Nesse sentido, podemos afirmar que as escolas de samba desde a sua formação é um ritual de integração social<sup>163</sup>, e que “sempre guardaram íntima relação com o ambiente mais imediato, no sentido de que sua atividade, em geral, constituía um catalisador das manifestações sociais da comunidade”<sup>164</sup>.

Além dessa estrutura social baseada em redes de doações e troca de capitais<sup>165</sup>, faz-se necessário dizer que o distanciamento do Estado como órgão gerenciador das culturas públicas<sup>166</sup> muito contribuiu para que, dentro do carnaval, a lógica do mecenato fosse implementada.<sup>167</sup>

Com a proibição dos jogos de azar no ano de 1946, pelo governo Dutra, os apontadores do jogo de bicho passaram a viver na clandestinidade e, necessitavam de maneiras de serem aceitos socialmente, uma dessas maneiras era a troca de capital econômico por capital social, que já fora explicado acima. Contudo, ainda houve durante esse período o crescimento das periferias urbanas no Rio de Janeiro, que sem a tutela do Estado ficou à margem dos contraventores.

A expansão da rede do jogo do bicho na cidade preencheu, dessa forma, os vazios administrativos deixados pelo poder público. Enraizando-se em seus territórios de ação, neles encontrou as agremiações locais: clubes de futebol e as escolas de Samba. Assim sendo, na medida em que se demarcavam, em toda a cidade, as grandes áreas territoriais de atuação de cada banqueiro, iniciava-se o relacionamento mais estreito entre os “banqueiros” de um determinado território e as agremiações nele sediadas.<sup>168</sup>

<sup>163</sup> LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de Samba, Ritual e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010. P.p 149.

<sup>164</sup> LEOPOLDI, José Sávio. *Escola de Samba, Ritual e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010. P.p 71

<sup>165</sup> BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

<sup>166</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

<sup>167</sup> CAVALCANTI, Maria Laura. *Carnaval, Ritual e Arte*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2015. Pp.155-167.

<sup>168</sup> CAVALCANTI, Maria Laura. *Carnaval, Ritual e Arte*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2015. Pp.157.

Durante o período da ditadura civil-militar brasileira, o crescimento do jogo do bicho e, conseqüentemente do investimento do carnaval cresceu de forma espantosa, pois o governo buscava maneiras de entrar nas áreas mais distantes, todavia entendia que tal ação não deveria envolver grandes montantes de capital, nem de pessoal e nem de logística. Uma solução encontrada para esse problema foi deixar na mão do jogo do bicho a organização de determinadas áreas periféricas. Além do mais, o inimigo com o qual o Estado se preocupava, à época, eram os comunistas, não os “pacíficos” e “ordeiros” bicheiros.<sup>169</sup>

Surgiram os patronos das escolas de samba, representados pelos banqueiros do jogo do bicho, que passaram para a história do mecenato como uma das poucas categorias de homens ricos a investirem na forma popular.<sup>170</sup>

Dentro do imaginário popular, a figura do bicheiro se cristalizou em um ser de boa índole, que não fazia mal se não fosse atrapalhado em seus negócios. Eles atuavam em áreas que o Estado não operava, mantendo investimentos em segurança, infraestrutura do bairro e, sobretudo agindo como fornecedor cultural. Tal fato, talvez tenha sido credenciado pela lisura do tratamento com o qual os apontadores tratam os apostadores e, também pela “palavra de honra”, uma vez que a banca sempre paga.<sup>171</sup>

Visto isso, voltemos ao assunto referente ao carnaval gonçalense e a história da Porto da Pedra. Como já mencionado, entre o ano de 1985 e 1993 a GRES Unidos do Porto da Pedra não desfilou nenhum carnaval oficial, justamente por conta da falta de dinheiro, além de outros problemas internos, como por exemplo brigas entre diretores e falta de pessoal.

Deste modo, a instituição ficou parada durante alguns anos, sendo restabelecida no entre os anos de 1992 e 1993. A volta da agremiação só foi possível graças ao investimento de dois moradores do bairro do Porto da Pedra, que haviam acabado de ingressar no lucrativo comércio de óleo refinado. Seus nomes são Jorge Luiz Seixas Guinâncio ou popularmente conhecido como Jorge Lambel e Ubervaldo Sergio de Oliveira.

A empresa mencionada é a CONTROL S/a:

A Control Comércio e Transporte de Cargas Ltda, é uma empresa focada no desenvolvimento sustentável, fundada em 1991, apresenta soluções para a destinação ambientalmente correta de resíduos gerados em atividades marítimas e

<sup>169</sup> JUPIARA, Aloy; OTAVIO, Chico. Os porões da contravenção. Jogo do Bicho e ditadura militar: a história da aliança que profissionalizou o crime organizado. 3 eds. Rio de Janeiro: Record, 2016.

<sup>170</sup> FARIAS, Julio César. O Enredo de Escola de Samba. Rio de Janeiro: Litteris, 2007. Pp 19.

<sup>171</sup> MAGALHÃES, Felipe. *Ganhou, Leva! O jogo do bicho no Rio de Janeiro (1890-1960)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

industriais, oferecendo serviços desde a coleta e transporte até a recuperação, reutilização e descarte.<sup>172</sup>



Charge mostrando Jorge Lambel (à esquerda) e Sérgio de Oliveira (à direita). (Acervo Katia Lambel)

Segundo o site da instituição, a firma possui tamanho médio e trabalha com alguns importantes investidores nacionais e internacionais, tendo contrato de prestação de serviços para empresas como Petrobras e Odebrecht. A Comtrol é dona de uma frota própria para fazer a coleta e transporte de material. Os serviços prestados pela empresa vão desde “gerenciamento total de resíduos, incluindo coleta, transporte e destinação final de resíduos sólidos e líquidos, não perigosos e perigosos, gerados por embarcações, plataformas de petróleo, indústrias”. Contudo, seu maior produto é, certamente, o óleo retirado de embarcações as quais recebem tais benefícios”<sup>173</sup>.

Sua fundação se deu quando Sergio de Oliveira e Jorge Lambel, amigos de infância, nascidos e criados no bairro do Porto da Pedra, passaram a investir juntos no negócio de limpeza, extração e transporte de óleo na Baía de Guanabara. Contudo, esse não havia sido o primeiro plano da dupla para ganhar dinheiro. Além disso, o fato de procurarem ganhar mais dinheiro tinha um motivo: as combalidas finanças de ambos.

Tanto o Sérgio quanto o Lambel gostavam muito de apostar em rinha de galo, em corrida de cavalo. O dinheiro que o Sérgio ganhava no escritório não estava dando para as despesas. Ele precisou arrumar um outro negócio para poder manter a casa.<sup>174</sup>

<sup>172</sup> <http://www.comtrolbr.com/site/a-comtrol/release>, visto em 06/01/2017.

<sup>173</sup> Ver mais em: <http://www.comtrolbr.com/site/a-comtrol/release> (visto em 06/01/2017)

<sup>174</sup> Entrevista concedida por Dona Gilce de Oliveira, viúva de Sérgio de Oliveira, em 09 de janeiro de 2017.



Com esposa e filho, Sérgio precisava, assim como Lambel, aumentar seu ganho mensal, pois havia adquirido pesadas dívidas referentes a apostas. Primeiramente, ele investiu na fabricação e venda de gelo.

Saia ele o Lambel de tardinha e à noite para vender gelo. Vendia gelo para bares, restaurantes, boteco em geral. (...). Às vezes eles iam para a Praia das Pedrinhas ou para o Mercado de Peixe de Niterói para vender também para os pescadores. Acho que foi aí que surgiu a ideia de criar peixe.<sup>175</sup>

Ainda mantendo o comércio do gelo, “porque tinham clientes certos e isso dava um dinheirinho”<sup>176</sup>. A dupla, que precisava de dinheiro para equilibrar seus vencimentos, pensou em investir em um novo negócio: criação e venda de peixes. A ideia teria sido dada por um dos pescadores aos quais eles vendiam o gelo e que também moravam no Porto da Pedra.<sup>177</sup>

Para tal, compraram alguns viveiros para os animais se reproduzirem e um barco. Entretanto, a falta de experiência e alguns seguidos furtos à sua propriedade fizeram com que Sérgio deixasse de lado esta ideia.

Naquela época, o Sérgio, que era um cara muito bom, um verdadeiro empreendedor, sabe? Então, ele tinha juntado um dinheiro, acho até que tinha vendido um carro que ele tinha. Ele pegou esse dinheiro e abriu um negócio para ele mesmo, ele comprou uns viveiros de peixe e um barco ‘furrequinha’ com um rapaz que morava aqui no Porto da Pedra também. (...). Esse negócio não deu certo, porque toda noite vinha uns safados e levavam os peixes de Sérgio. Então ele desistiu.<sup>178</sup>

É importante ter em mente que o bairro do Porto da Pedra é localizado no litoral da Baía de Guanabara e, dessa forma possui contato direto com o mar e rios. Desse modo, não é incomum para os moradores do lugar investir em produtos de origem marítima.

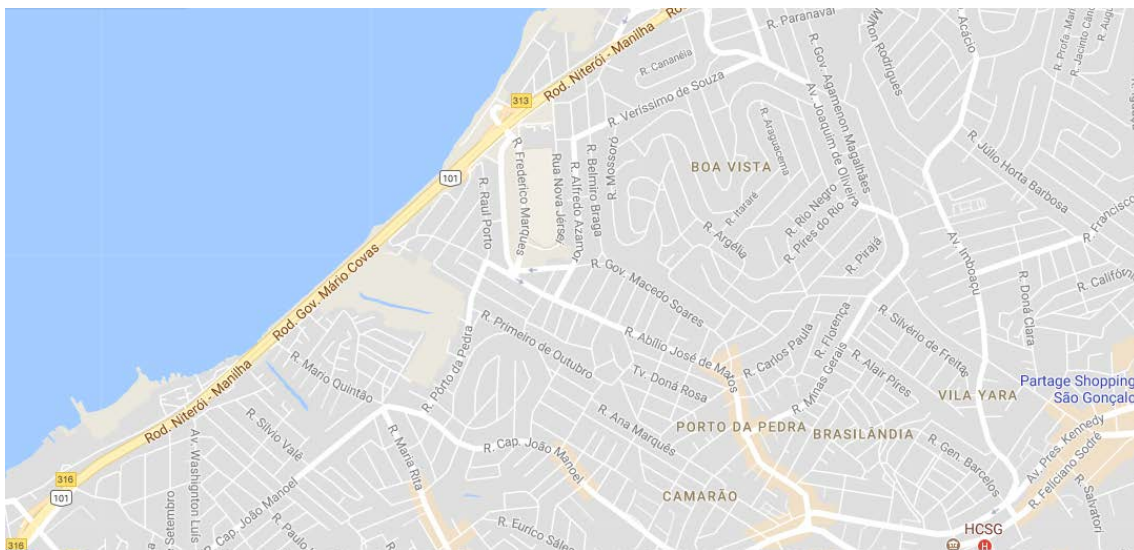
---

<sup>175</sup> Entrevista concedida em 09 de janeiro de 2017.

<sup>176</sup> Entrevista concedida em 09 de janeiro de 2017.

<sup>177</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>178</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.



Mapa retirado do site: Google Maps (dias de hoje) que mostra o bairro do Porto da Pedra e sua saída para a Baía da Guanabara.

Era assim aqui no Porto da Pedra, não tinha muito emprego e quando uma pessoa queria arrumar uns trocados tinha que dar seu jeito. Eu já tive açougue, que meu falecido pai me deixou, já tive bar e sempre tive isso aí que tenho hoje. (...) o Sérgio naquela época falou com Seu Zé, que era pescador (sic) e viu que dava para arrumar um dinheiro com peixe, acho até que ele andou pescando antes de entrar mesmo no negócio.<sup>179</sup>

Como visto acima, tal negócio não deu certo, porém este lhes havia dado o caminho das pedras para um novo e lucrativo empreendimento, que estaria novamente ligado ao mar. Entretanto, dessa vez o produto a ser trabalhado não viria da extração animal, mas sim mineral.

Para que o barco do Sérgio pudesse andar, eles compravam óleo barato com um senhor que morava na beira da praia. Aí um dia parece que eles perguntaram para esse coroa como que ele conseguia o óleo. Foi então que ele deu a planta para o negócio da vida dos dois. O pessoal podia retirar óleo dos tanques dos navios que ficavam parados na Baía.<sup>180</sup>

Vale à pena mencionar que, assim que Sérgio comprou o barco e investiu no criadouro de peixes, ele também passou a conhecer a região, pois embora fosse morador do bairro, pouco sabia sobre pesca e ainda menos sobre o negócio ligado ao manejo de óleo. Ainda assim adquiriu habilidades de navegação e passou a ter conhecimento das atividades ligadas a retirada de óleo na Baía da Guanabara.

O conhecimento acerca deste enriquecedor mercado chegou a ambos de maneira curiosa. Foi-me confidenciado que, Sergio e Lambel buscavam maneiras de conseguir reduzir

<sup>179</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>180</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

os gastos e, assim sendo buscaram maneiras de comprar o combustível para o seu barco onde fosse mais barato. Chegaram então a um pescador da Praia das Pedrinhas.

Um dia, Sergio e Lambel vendo todos aqueles pescadores sem dinheiro, mas com o barco cheio de óleo e eles com os tanques vazios. Aí eles foram se informar né?! (...). Todo mundo sabia onde podia tirar, que horas podia ir lá na Ilha tirar o óleo. Todo mundo, menos o Sergio e o Lambel.<sup>181</sup>

Tal transação era deveras lucrativa, pois, segundo informações, o óleo que era deixado nas ilhas próximas ao litoral gonçalense já era refinado e, em algumas vezes usado apenas uma vez pelos navios, que não o reutilizavam.

O que acontecia lá era o seguinte, os navios vinham deixavam o óleo que já tinha usado e iam embora. Não tinha onde deixar eles deixavam em qualquer lugar mesmo. (...). Eles deixavam o óleo que já tinham usado uma ou duas vezes. Um navio não pode ficar usando e usando o mesmo óleo, duas vezes até dá, mas mais do que isso pode escangalhar o maquinário. Então eles largavam, porque também não tinha onde deixar.<sup>182</sup>

Nos fora relatado que, esse óleo refinado era utilizado uma ou duas vezes pelos navios e rebocadores que faziam a travessia na Baía de Guanabara e, embora não pudessem mais ser utilizados por essas embarcações, ainda possuíam vida útil para outros negócios, como por exemplo, a indústria de limpeza e a indústria química, que davam serventia para os compostos químicos desse produto.

Outro possível destino para o óleo refinado ou “queimado”, como era chamado pela população, eram navios menores, onde seus proprietários não tinham o problema da reutilização. Além disso, o óleo refinado poderia ser misturado a óleo diesel virgem, o que adulteraria o produto, aumentando seu volume. Sendo assim, postos de gasolina, borracharias, caminhoneiros, empresas de ônibus, entre outros poderiam comprar o produto.

Ao passo que haviam sido informados do comércio de extração de óleo, juntaram o capital adquirido e o alocaram nesse empreendimento, onde inclusive passaram a contratar pessoal. Todo esse processo de investimentos e reinvestimentos ocorreu entre os anos de 1986 e 1991 desse modo, nos faz dissertar sobre um dos motivos pelos quais entendemos que esse segundo empreendimento deu certo: a ECO 92.

---

<sup>181</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>182</sup> Entrevista concedida por José Carlos (nome fictício). Tendo em vista a delicadeza do tema, nosso (a) entrevistado (a) autorizou que sua entrevista fosse utilizada sob a condição de seu nome não constar ao longo da obra.

A Eco-92 foi uma Conferência das Nações Unidas ocorrida no ano de 1992 na cidade do Rio de Janeiro, que visava debater e lançar programas acerca do meio ambiente, desenvolvimento, desmatamento e maneiras de se utilizar da natureza de maneira sustentável. Obviamente que tal evento não seria pensado de um ano para o outro, o que deu tempo para a cidade do Rio de Janeiro se preparar para sediar o acontecimento. Isso fez gerar inúmeras medidas de proteção à natureza, o que incluía despoluição da Baía de Guanabara.<sup>183</sup>

Com a conferência alguns projetos relacionados a despoluição da Baía de Guanabara começaram a acontecer e, mesmo com um aporte financeiro do governo federal, houve algumas propostas menos custosas que buscaram nas populações das regiões litorâneas de Baía algum tipo de solução para essa situação.<sup>184</sup> Alguns habitantes das praias de São Gonçalo passaram a ir até as ilhas próximas e a barcos ancorados para retirar o óleo e então vender a algum órgão do governo.

Os moradores daqui, ainda mais o pessoal da praia começou a pegar óleo e vender, eles vendiam para posto, para caminhoneiro, para outros barcos. Tinha até gente que tirava de um barco, botava no tonel e vendia para o mesmo barco.<sup>185</sup>

Seguindo:

Era um dinheiro fácil, era só meter a mão e pegar. O lugar que o pessoal pegava era abandonado (...) tinha umas ilhas por aqui por perto que mais parecia uma mina de ouro (...) outra coisa também é que era fácil de vender.<sup>186</sup>

---

<sup>183</sup> Ver sobre em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-07/despoluicao-da-baia-de-guanabara-comecou-na-decada-de-90-sem-eficacia>

<sup>184</sup> Ver em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,em-20-anos-despoluicao-da-baia-de-guanabara-vira-esgoto-imp-,851258>

<sup>185</sup> Entrevista concedida por Dona Maria das Dores (nome fictício). Tendo em vista a delicadeza do tema, nosso (a) entrevistado (a) autorizou que sua entrevista fosse utilizada sob a condição de seu nome não constar ao longo da obra.

<sup>186</sup> Entrevista concedida por José Carlos.

N.º: 53049

O Globo

Data: 22/07/2001

## Entenda como tudo começou

• Uma mina de ouro (negro) na Baía de Guanabara. Foi o que descobriram, há mais de dez anos, Joel Nolasco, José Carlos Ferrelra de Castro e Jorge Lambel, limpando tanques de navios petroleiros e retirando das águas da baía o óleo derramado. Recebiam verbas da Petrobras e permissão para vender o combustível recuperado. Anos depois, passaram a desviar óleo diesel, lubrificantes e produtos nobres como benzeno, tolueno, neutro básico, neutro médio, neutro pesado, blind stock, etileno e outros. Os três foram assassinados.

Era preciso garantir o sucesso das operações de desvio de combustíveis e a impunidade dos envolvidos. Juntaram-se num único grupo empresários do ramo de navegação, transportes de combustíveis e estaleiros, funcionários de companhias de petróleo e policiais.

O grupo montou um esquema de "laranjas" e empresas de fachada para permitir que o combustível roubado passasse pelo mercado negro e retornasse ao mercado formal, sem deixar vestígios. Contrataram um despachante e uma advogada que realizou várias alterações contratuais substituindo sócios, alterando a divisão de cotas e aumentando

do os capitais dessas empresas.

A formação da empresa Control ilustra bem as suspeitas investigadas pela Polícia Federal. Seu histórico começa com a criação da Sermapi (Serviços Auxiliares Marítimos Piloto SA), em 1970, para combater a poluição por óleo no mar. Em 1984, foi autorizada a recuperar por meio de filtragem e negociar os óleos e seus derivados retirados de porões dos petroleiros e do mar. Seis anos depois, foi criada a Control para a coleta, drenagem, transporte marítimo e ferroviário e a venda do óleo recuperado.

Eram sócios da empresa Valmir Barbosa Coelho, José Carlos Ferreira de Castro, Renato Cezar Ferreira Bittencourt, Antonio José Maylasky Pereira da Cunha Ferrer e Célio Costa Souza. Na segunda alteração contratual, em 1992, o capital da empresa passa de um milhão de cruzeiros para vinte milhões de cruzeiros. No mesmo ano, a Control incorpora a Sermapi.

Em 1994, Célio vende suas cotas a Jorge Lambel, Ubaldo Sergio de Oliveira e Nilson Neves de Almeida. No dia 15 de maio de 1995, José Carlos se retira da sociedade e sete dias depois é morto. Nilson morre em abril de 1996. Seus herdeiros venderam suas cotas para Jorge Lambel.

N.º: 53047  
O Globo  
Data: 22/07/2001

## *Adulteração e roubo de combustível estão ligados*

ANP e Polícia Federal unem esforços no Rio

• Há pelo menos seis meses a Agência Nacional de Petróleo (ANP) iniciou no Rio ações de fiscalização para combater a adulteração de combustível no estado. Acreditando estar no rastro de donos de postos de gasolina inescrupulosos, acabou descobrindo que os comerciantes estão na ponta final da chamada máfia do óleo, que é responsável pelo desvio de combustível de navios fundeados na Baía de Guanabara.

As investigações começaram com um levantamento simples: os fiscais cruzaram as informações das distribuidoras de combustíveis para saber quais postos de gasolina deixaram de comprar combustível nos últimos meses. Paralelamente, localizaram distribuidoras atuando ilegalmente na Região Metropolitana do Rio. Numa delas, em Duque de Caxias, cinco tanques de óleo foram lacrados e três caminhões apreendidos com óleo adulterado.

Notando a gravidade da situação e apoiada por investigações da Divisão de Combate ao Crime Organizado e Inquéritos Especiais — unidade da PF, em Brasília, que combate o crime organizado no país — o diretor-geral da ANP, David Zylbersztajn, formou sua própria tropa de choque: chamou o general Zamir Welloso; o delegado Pedro Berwanger, ex-superintendente da PF do Rio; e ainda convocará mais dois delegados federais para a equipe.

Dos 1.717 postos de gasolina cadastrados no Rio, cerca de 50% deles estão na categoria que a ANP define como “bandeira branca”: não representam nenhuma distribuidora de petróleo. É para este grupo que a investigação está direcionada. Os fiscais acreditam que eles possam estar sendo usados pela máfia do óleo.

Na quinta-feira passada, fiscais da ANP e federais fecharam as principais saídas do Rio. A ação — barreiras foram montadas em estradas em dez pontos do estado — tinha por objetivo apreender caminhões que transportam combustível adulterado. Após dez horas de operação, 15 caminhões foram apreendidos e mais de 500, fiscalizados.

Segundo relatos, ambos tiravam manualmente o óleo das embarcações deixadas na Baía de Guanabara e, principalmente os resíduos deixados nas ilhas existentes na região. Contudo, a canoa que Sérgio havia comprado para o seu negócio de peixes suportava apenas levar quatro barris médios e, por conta disso a dupla fez novo investimento e comprou um navio de porte maior.

Às vezes era até engraçado, a gente via o Sérgio e o Lambel com aquele caíque na cabeça indo para praia, quem sabia pilotar mesmo era o Sérgio. (...). Eu lembro que os negócios iam bem e eles compraram uma chata, sabe? Se eu me lembro bem, o barquinho que eles compraram carregava 16 barris daqueles de óleo. (...). Eram dois caras bons, trabalhadores.<sup>187</sup>

Nº 37890  
Jornal do Brasil  
Data: 10/04/00

## Produto é desviado de navios

A partir dos depoimentos de Vanilson Figueiredo de Carvalho, as investigações do Ministério Público estadual revelaram toda a mecânica da Máfia do Óleo para furtar combustível de navios da Petrobras. O produto seria transportado em pranchas ou chatas que, atracadas nos navios da Petrobras em áreas de Niterói e São Gonçalo, bombeiam o óleo para caminhões tanques. Estes caminhões carregados seguiriam então para galpões de empresas ligadas aos pi-

ratas da Baía da Guanabara.

No início deste mês, o grupo do MP que investiga a Máfia do Óleo passou a ter o apoio da Procuradoria da República no Rio. A investigação aponta para um gigantesco esquema que poderia incluir até funcionários da Petrobras. De acordo com relato de Vanilson, o desvio do óleo é feito por um grupo empresarial, cujo nome é mantido em sigilo. Paralelamente, o grupo compra legalmente o combustível da Petrobras e, atuando como interme-

diário, revende a navios de diferentes empresas. Durante o roubo do produto, com a cobertura das tripulações e de forma a enganar os donos das embarcações, o óleo é repassado a um policial civil – cujo nome não foi divulgado – cúmplice do esquema. As chatas, carregadas com o óleo desviado, são conduzidas até o cais por um rebocador. O esquema, segundo o depoimento de Vanilson de Carvalho, também teria cobertura de funcionários da Alfândega.

Reportagem do Jornal do Brasil em 10/04/2000 (Acervo público).

<sup>187</sup> Entrevista realizada em 22 de novembro de 2016.

N.º: 53046  
O Globo  
Data: 22/07/2001

# Óleo e sangue nas águas da baía

Antônio Werneck, Elenice Bottari e  
Renato Garcia

**U**m desvio de 257 mil litros de óleo diesel por dia, 3,5% da produção no país. Isto é apenas uma parte do que é roubado pela chamada máfia do óleo de navios da Petrobras e de outras empresas petrolíferas que ancoram na Baía de Guanabara. Uma ação que deixou em 12 anos de atuação um rastro de 30 assassinatos — dez deles de policiais — só no Estado do Rio e envolve uma rede criminosa com a participação direta de pelo menos 50 pessoas, entre as quais um oficial de alta patente da Marinha; policiais federais, civis e militares; empresários; profissionais liberais; traficantes de drogas; e petroleiros.

Um assunto tão grave que, com o aval do Palácio do Planalto, passou a ser investigado por uma tropa de choque enviada ao Rio, formada por policiais federais de Brasília, fiscais da Agência Nacional do Petróleo (ANP), inspetores do Setor de Inteligência da Receita Federal e procuradores do Ministério Público federal. Batizado de Operação Pelicano, o trabalho de investigação que começou em setembro do ano passado tem pela frente pessoas extremamente violentas que costumam matar seus próprios cúmplices. Alguns dos acusados já foram indiciados (há mais de 20 inquéritos instaurados), mas não se intimidaram; o esquema continua crescendo e envolve atualmente grandes empresas do ramo, além de firmas de fachada.

A máfia — que começou com o desvio de óleo, diversificou suas atividades para pirataria naval, contrabando de armas e tráfico de drogas — conta até com embarcações próprias. Com o roubo ou furto de óleo, cerca de dez derivados vêm sendo negociados. Três vezes por semana, por exemplo, durante a madrugada, um rebocador levando uma chata parte de Gradim, em São Gonçalo, e ainda na Baía de Guanabara, com a conivência de alguns petroleiros, encosta em navios para retrair, através de dutos, parte do óleo diesel que está sendo transportado para os terminais das distribuidoras.

## Óleo roubado é revendido em postos

• Depois de roubado, o óleo é levado — segundo inquérito da Polícia Federal — para as empresas Navegação São Miguel (responsável pelo abastecimento de combustível de 70% dos navios que operam na Baía de Guanabara), a Control, o estaleiro Ebin, em Niterói, e o estaleiro Albatroz, no Caçu. Destas empresas, o produto é bombeado para caminhões-tanque e distribuído para postos e empresas de navegação.

De acordo com a investigação da Polícia Federal, a venda do produto roubado é feita com notas fiscais falsas de empresas criadas pelo esquema, como o Estaleiro Albatroz, cujo dono, Wandilson dos Santos Rodrigues, está desaparecido desde agosto de 1996, quando foi visto pela última vez entrando num contêiner da empresa Cargo Wei, supostamente envolvida no esquema. O carro usado pelos suspeitos do sumiço de Wandilson foi encontrado no fundo da Baía de Guanabara. Até hoje, a família do empresário espera que a história seja esclarecida:

— Se pelo menos encontrássemos o corpo, essa história teria um desfecho. Mas não sabemos nada — conta o filho da vítima, Wanderson.

A responsável pela criação e por alterações contratuais de firmas ligadas ao esquema seria uma advogada, velha conhecida da Justiça do Rio. Ela foi condenada em outubro de 1990 a quatro anos e seis meses de prisão por receptação e uso de documento falso. O processo disciplinar na Ordem dos Advogados do Brasil, seccional Rio, instaurado na época da condenação, prescreveu e a advogada voltou a atuar no Rio.

Outras empresas envolvidas no esquema são a Control e a Ebin, de propriedade do policial Jorge Luiz Seixas Guinâncio, o Jorge Lambel, que seria um dos chefes da quadrilha, assassinado no Estaleiro Ebin em dezembro do ano passado. ■



Esse era, como se sabe, um negócio lucrativo, que incluía funcionários dos mais variados poderes e empresas, a Petrobras, por exemplo, como mostra a reportagem acima. Por conta disso, pode também ser entendido como perigoso. Sendo assim, um negócio como esse poderia gerar em um curto espaço de tempo inimigos em potencial, dentre os quais o próprio governo. Assim, para mascarar suas ações, a dupla decidiu comprar um terreno no bairro do Porto da Pedra, nas proximidades do largo da ATN, e lá montou uma pequena casa de shows, passando a investir também no carnaval.<sup>188</sup> Desse modo, estava de volta ao cenário cultural de São Gonçalo o Grêmio Recreativo Unidos do Porto da Pedra.

Esse terreno foi comprado com ajuda de Pedro Gordo e Sebastião Bergara. O local, embora bem localizado, era acidentado e tinha alguns problemas, como por exemplo, uma árvore que precisava ser retirada. Parte do lugar pertencia a Pedro Gordo e a outra, maior, pertencia a um senhor, de idade já avançada.<sup>189</sup>

---

<sup>188</sup> Entrevista concedida por José Carlos.

<sup>189</sup> Infelizmente nem Pedro Luís nem Sebastião Bergara lembraram-se do nome deste senhor

# Petrobras pode ter funcionários na máfia do óleo

Nº: 53253

O Globo

Data: 29/07/2001

Antônio Werneck, Elenice Bottari e Renato Garcia

• A Petrobras está investigando o envolvimento de seus funcionários com a máfia do óleo. A companhia começou a apurar quantas pessoas de seus quadros participariam dessa quadrilha. O delegado Cláudio Nogueira, responsável pelas investigações, adiantou que vai apontar o nome dos funcionários da estatal envolvidos no esquema em seu relatório final, que será enviado para a empresa e para a Justiça Federal.

Com base em denúncias sobre roubo de combustível e em levantamento do Sindicato Nacional das Distribuidoras de Combustíveis (Sindicom), o deputado federal Carlos Santana (PT-RJ) pedirá ao presidente da Câmara de Deputados, deputado Aécio Neves (PMDB-MG), na próxima quarta-feira, a instalação urgente de uma CPI para investigar a máfia do óleo. O pedido de CPI já conta com 270 assinaturas de parlamentares, bem mais do que o mínimo exigido que são 170 assinaturas.

## Vinte e seis empresas estão sob suspeita

O GLOBO revelou, no domingo passado, que 1,8 milhão de litros de óleo diesel de navios petroleiros são roubados por semana na Baía de Guanabara. O produto volta ao mercado formal através de notas frias de empresas de fachada, que têm à frente laranjas de grandes empresários do ramo. Desde que assumiu as investigações da máfia do óleo em setembro do ano passado em seis cidades brasileiras, a Polícia Federal já identificou pelo menos 26 empresas envolvidas no esquema. Elas poderão ser denunciadas e a Justiça Fede-

ral deverá pedir a prisão preventiva de seus sócios.

Levantamento do GLOBO constatou que boa parte das empresas tem endereços iguais. Na Rua Carlos Seidl 846, no Caju, por exemplo, funcionam o Estaleiro Albatroz, a Tecno Boiler Multi Serviços Ltda e a L. Nolasco Comércio e Transportes Marítimos. No número 2.996, na Vila do João, em Bonsucesso, funcionam a Tecom Terminais de Cargas, Cargo Wei e a Hipemar Terminais de Cargas. No número 950 da Carlos Seidl, além da Aquarius Serviços Marítimos, funcionam outras empresas de engenharia.

No endereço comercial da

Companhia de Navegação São Miguel, no 44º andar da torre do Rio Sul, em Botafogo, policiais e auditores fiscais constataram o funcionamento de mais quatro empresas: a Clima e Detalhes Comércio Ltda; a Hidroclean Serviço Marítimo Ltda; a Import- Empresa Marítima Portuária Ltda; e a Skaymar Ltda. Os auditores afirmaram ter encontrado uma agenda com anotações de grandes movimentações financeiras supostamente realizadas pelos sócios da São Miguel. Os depósitos e ordem de pagamento estão descritas detalhadamente. Ao todo cinco bancos são citados seguidamente nas anotações, com os

respectivos números das contas e os supostos beneficiários. Numa delas, um dos sócios autoriza o depósito de US\$ 330 mil num banco situado num paraíso fiscal.

De acordo com as investigações da Polícia Federal, muitas empresas foram criadas apenas para fornecer notas fiscais frias ao esquema de revenda do combustível roubado no mercado formal. O delegado Cláudio Nogueira tem em mãos cerca de uma tonelada de documentos apreendidos semana passada em empresas ligadas à máfia. Essa documentação está sendo agora analisada por auditores.

Segundo o deputado federal

Carlos Santana, autor do pedido de CPI da máfia do óleo, o mercado negro do combustível atua hoje em todo o país:

— É muito grave a situação, um assunto que estou acompanhando há muito tempo. Estamos aguardando o fim do receso para pedir à Presidência da Câmara que instale a CPI da máfia do óleo.

O deputado acha que os consumidores devem desconfiar de preços de gasolina:

— Quando um posto vender gasolina a preço muito baixo; este produto é roubado, adulterado, ou não está sendo recolhido o ICMS — afirmou o deputado.

Diretor da Defesa da Concorrência do Sindicato Nacional das Distribuidoras de Combustíveis, Alísio Vaz, explicou que o levantamento feito pelo Sindicom tratava da questão da adulteração dos combustíveis. Segundo ele, a própria Agência Nacional de Petróleo (ANP) estima que cerca de 7% da produção nacional esteja sendo adulterada e revendida em postos do Rio e de São Paulo:

— Não é difícil verificar quem são os envolvidos na máfia. Mas um comerciante que consegue comprar o litro do combustível por R\$ 1,20 pode desconfiar que ele é adulterado. Porque os bons fornecedores cobram em média R\$ 1,50. ■

## Entenda o caso

• Responsável pelo desvio de 257 mil litros de óleo diesel por dia, 3,5% da produção do país, a máfia do óleo deixou em 12 anos de atuação um rastro de 30 assassinatos — dez deles de policiais — só no Estado do Rio. O esquema envolve uma rede criminosa com a participação direta de pelo menos 50 pessoas, entre as quais um oficial de alta patente da Marinha, além de policiais federais, civis e militares, empresários, profissionais liberais, traficantes de drogas e petroleiros.

Até agora foram presas oito pessoas suspeitas e apreendidos caminhões e barcos no Rio, Santos (SP) e Vitória (ES). A Polícia Federal deve indiciar 25 pessoas no Rio.

Quem intermediou a compra e venda desse terreno foi Sebastião Bergara, que nesse momento trabalhava como vendedor para uma imobiliária. Pedro vendeu a eles a parte do terreno que lhe cabia, isso porque queria ele abrir um novo sacolão.

Eu que fiz esse arranjo todo, era uma casinha velha que tinha lá atrás. Lambel queria comprar para fazer um pagode, o Sérgio não queria não. Lambel adorava samba. Carnaval era com ele mesmo. Aí teve um dia que ele falou assim comigo: “Tião, fecha o negócio”, aí eu falei para ele: “e Sérgio?” E ele me disse: “com Sérgio resolvo eu.” Eu fui para casa, lavrei o documento e pronto. Negócio fechado.<sup>190</sup>

Jorge Lambel tinha a intenção de fazer no local uma casa de shows. E o fez, mas repensou esta ação depois de ter ido a uma festa no GRES Engenho da Rainha.<sup>191</sup> Deste modo, poderia ele ter as duas coisas que tanto almejava, a casa de shows e o retorno da agremiação oriunda do bairro.

O que o Lambel queria mesmo era fazer um bar, por isso ele comprou esse terreno. Ele queria era ter um lugar para poder parar e beber (...). Ele também queria ganhar mais dinheiro, porque o negócio do óleo estava dando dinheiro, mas não tanto quanto ele queria. (...) Sérgio queria era manter o que tinha.<sup>192</sup>

Pedro Gordo também nos concedeu a sua versão dessa história:

Ele (Lambel) era meu amigo a muitos anos. (...). Eu gostava de parar com ele para beber e jogar conversa fora, e naquela época eu tinha um bar, bem ali na esquina. E nesse bar ele me perguntou como que estava indo os negócios. Eu que já conhecia ele, estranhei. Lambel era um cara metucioso, gostava de saber onde estava pisando, por isso ele veio me perguntar antes, ele não era um cara que jogava dinheiro fora.<sup>193</sup>

O retorno ou (re) fundação da Porto da Pedra, como preferem alguns<sup>194</sup>, será explicado com mais detalhes no próximo capítulo. Todavia, diferentemente de 1978, quando a agremiação regressou a suas apresentações através de doações e construções coletivas, dessa vez a Porto da Pedra se estabeleceu a partir da lógica do mecenato, muito comum em escolas de samba espalhadas pelo Rio de Janeiro. E se nos outros locais do Estado era o jogo do bicho

<sup>190</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>191</sup> Tal ação será narrada com mais clareza no próximo capítulo.

<sup>192</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>193</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>194</sup> Como já demonstrado nesse capítulo, para Sebastião Bergara, a Porto da Pedra que desfilava no carnaval gonçalense na década de 1980 era outra instituição, diferente da Porto da Pedra que estava sendo criado em 1992.

e até o tráfico de drogas que investia no carnaval e na agremiação do lugar, no Porto da Pedra era a *máfia do óleo* que definia os rumos da escola de samba.

Por fim, viu-se que o afastamento gradativo do Estado brasileiro naquilo que tange a economia naval fez chegar até a Baía de Guanabara novas estruturas empresarias. A lógica da liberalização da economia, explicada no subitem 2.1, mostrou-nos que, conforme as empresas públicas foram saindo desse mercado, empresas privadas foram chegando, para prestar os mesmos serviços. Todavia, como podemos observar, nem todas essas empresas agiam de maneira legal para manter o seu aparato mercadológico.

E seguindo a mesma lógica empreendida pelo ditado popular que diz: “Deus fecha uma porta, mas abre uma janela”, o processo de neoliberalização da economia gonçalense, que segundo o nosso entendimento, auxiliou nas mudanças do carnaval do lugar, ajudou na vinda e também na formação de empresas privadas na região que, como será visto mais à frente, ajudaram no regresso do GRESUPP. A Comtrol S/a é exemplo disso.

### 3 “O CARNAVAL DE SÃO GONÇALO FICOU PEQUENO”<sup>195</sup>: A IDA PARA O CARNAVAL CARIOCA E A REESTRUTURAÇÃO DO GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DO PORTO DA PEDRA

Rei Momo

Abre as Portas do meu Rio.

Que sempre faz

O Carnaval dos Carnavais.<sup>196</sup>

Após a análise e estruturação da obra que, entre outros aspectos, visa descrever os processos de institucionalização da agremiação carnavalesca Unidos do Porto da Pedra promoveu ao longo de sua história, chegamos ao terceiro e último capítulo da obra.

Até este ponto descrevemos e analisamos a Porto da Pedra desde a sua criação como bloco de arrastão em 1973, passando pelo seu registro em cartório e associação a AGESBC (Associação Gonçalense de Escolas de Samba e Blocos Carnavalescos) em 1978. Viu-se também a modificação do seu caráter em 1981, ano em que a agremiação deixa de ser considerada bloco carnavalesco para assumir a estirpe de escola de samba, ademais dissertou-se ainda sobre a construção da memória da instituição, a construção de seus desfiles ao longo da década de 1980 e o momento de esgotamento em 1985.

Para nós, todos esses fatos geraram importantes reflexões acerca da disputa da memória e, ainda, sobre a construção coletiva e a sociabilidade existente no bairro homônimo.

Sendo assim, vislumbramos no terceiro capítulo ir adiante, detalhando os fatos pertinentes ao retorno da GRESUPP, bem como os métodos e articulações promovidas para a reestruturação da mesma, em 1993.

Desse modo, tomamos como ponto de partida o ano de 1992, momento em que os empresários e moradores Jorge Seixas e Sérgio de Oliveira passaram a se articular com pessoas do meio carnavalesco e a alocar quantias de dinheiro visando a (re) constituição da agremiação em questão.

---

<sup>195</sup> Relato contido na entrevista realizada com Seu Jorair Ferreira, no dia 26/11/2014.

<sup>196</sup> Samba enredo do GRESU Porto da Pedra para o carnaval de 1996. Autoria de Billy Boy, César Reis e Élio Sabino.

### 3.1 De São Gonçalo para o mundo

Autores como Rabelais e Bakhtin<sup>197</sup> nos falam, através de seus escritos, sobre as festas populares na Europa medieval e também no período do renascimento. Dissertam sobre a maneira como estas eram disseminadas e de como algumas de suas histórias eram contadas. Seus pensamentos nos trazem um novo olhar acerca das relações e estruturas sociais daquele período, pois nos fazem perceber, por exemplo, como homens e mulheres narravam suas lendas e como produziam seus divertimentos.

Através de suas narrativas, Rabelais nos aproxima do imaginário de uma considerável parcela da população europeia do século XVI. Ele descreve contos populares disseminados por aqueles tempos, onde figuras grotescas e cômicas como os gigantes Gargântua e seu filho Pantagruel, se faziam presentes. Além disso, nos mostra como eram os divertimentos, costumes e crenças desse grupo social.

A maioria dessas brincadeiras era diretamente ligada aos costumes das antigas festas pagãs e geralmente contavam com a presença de pessoas mascaradas e fantasiadas. Os principais disfarces eram os que procuravam imitar animais selvagens.<sup>198</sup>

Os modos como as brincadeiras e festas eram vivenciados e transmitidos nos ajudam a entender e explicar um pouco deste mundo. Contudo, sabe-se que esta população, narrada acima, não mantinha ao longo do resto do ano, esses comportamentos inversamente opostos aos valores sociais estabelecidos. Por isso delimitou-se a este conjunto de procedimentos fora do comum o título de *Carnavalização*.

A esse conjunto de comportamentos ele deu o nome de “carnavalização”. Quer dizer, para Bakhtin, a carnavalização não está ligada somente ao período do carnaval e suas festas. Para ele, o mundo carnavalizado é o mundo das festas do povo, das brincadeiras grosseiras e das inversões típicas das brincadeiras populares do fim da Idade Média<sup>199</sup>

E assim como a própria palavra causa discordância entre pesquisadores, o mesmo também vale para o sentido que alcança. Isso porque, podemos observar o carnaval através

---

<sup>197</sup> BAKHTIN, Mikhail, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Edumb, 1999.

<sup>198</sup> FERREIRA, Felipe. *O Livro de Ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, pp. 31.

<sup>199</sup> FERREIRA, Felipe. *O Livro de Ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, pp. 23.

múltiplos olhares, seja ele no sentido simbólico e/ou através do tempo, como afirma Cavalcanti. Indo além, afirma-se aqui que não existe apenas um entendimento e nem um único olhar sobre tal festa, que é ampla e irrestrita. Podemos, por exemplo, analisar tal folguedo através dos prismas político, econômico, cronológico, social, entre tantos outros.

Neste sentido, assegura-se que, existem diversos *Carnavais* dentro na mesma festa. Sendo ele, além de objeto de pesquisa, um ritual, uma passagem, uma celebração e uma celebração que muito nos conta sobre a população que o faz. É nesse espaço, por exemplo, que se encontram diferentes esferas e estruturas sociais.

Por conta desses fatos, e de muitos outros, afirma-se que o *carnaval* é terreno fértil para uma pesquisa histórica, sociológica, antropológica, artística ou de qualquer ciência. DaMatta, por exemplo, utiliza o carnaval para entender a sociedade brasileira, seus rituais e sua composição:

O carnaval é um momento de *communitas*, mas que serve - nas condições da organização social da sociedade brasileira, dividida em classes - para manter a hierarquia e a posição de classes. Numa palavra, *communitas* do carnaval é uma função da rígida posição social dos grupos nela implicados no mundo cotidiano. Sua universalidade e homogeneidade servem para reforçar a particularidade e a heterogeneidade do mundo cotidiano brasileiro.<sup>200</sup>

No bairro do Porto da Pedra, embora existisse carnaval anualmente, não havia, como dito anteriormente, uma escola de samba e nem mais qualquer bloco carnavalesco que desfilasse por suas ruas. Tal realidade era outra, quando anos antes uma agremiação homônima ao bairro ensaiava por suas cercanias e desfilava o carnaval da cidade. Entretanto, como demonstrado nos capítulos anteriores, sabe-se que a Porto da Pedra passou por problemas estruturais e financeiros ao longo da década de 1980, que a conduziram a uma paralisação geral de suas atividades.

A chegada de uma nova fonte de renda, representada pela empresa Comtrol S/a, propriedade de dois antigos moradores e foliões do bairro, acabou por modificar tal realidade. Isso porque, mesmo distantes das atividades culturais do lugar, “Sérgio e Lambel eram dois aficionados em carnaval”<sup>201</sup> e passaram a investir na festa.

---

<sup>200</sup> DAMATTA, Roberto. Carnaval e Sete de Setembro: um estudo preliminar de dois rituais nacionais brasileiros. Rio de Janeiro: Mimeo, 1974, p.16.

<sup>201</sup> Entrevista concedida por Pedro Gordo, em 22 de novembro de 2016.

Os dois gostavam de carnaval, eles eram muito festeiros. Toda bagunça que tinha Lambel estava junto. O Sérgio era mais na dele, mas também gostava. O Lambel que era mais de farra. Parece que eles começaram a dar certo lá no óleo e queriam comemorar. Tinham para gastar e queriam fazer um bloco aqui no bairro, mas era coisa pequena, depois que foi crescendo.<sup>202</sup>

Para além do carnaval, sabe-se que ambos gostariam de investir em outras fontes de renda, talvez para atingir maior quantia de capital. Para Sérgio de Oliveira, esta aplicação deveria se resumir em um reinvestimento na própria empresa de extração e venda de óleo, uma vez que o empreendimento estava, ainda, em seus primeiros anos.<sup>203</sup> Lambel, por outro lado, entendia que novos e diferentes investimentos eram necessários e que a dupla deveria deslocar seus recursos para outros negócios que não a Control S/a.

Como eu tinha falado, o Lambel queria abrir um bar aqui na esquina e como eu conhecia o dono do ponto e também já tinha um comércio aqui (no bairro do Porto da Pedra) ele veio me perguntar. Queria saber se era bom, se estava dando dinheiro, esse tipo de coisa, sabe? Eu apresentei para o senhor que era dono do ponto, mas eu não lembro o nome dele, acho que era Seu Zé, mas não tenho certeza, ele morava a duas ruas daqui para trás. Pois bem, Lambel não fechou o negócio com esse senhor que eu tô te falando. Mas ficou com aquilo na cabeça. Um tempo depois ele veio me perguntar sobre o terreno que era do lado do meu sacolão. Era um terreno grande e pertencia a um coroa. Lambel vendeu um carro que ele tinha na época e comprou. Ainda fiz um negócio com ele e ele também levou parte do meu terreno. (...) Ali ele começou a fazer uma casa de shows, que também passou a servir para a Porto da Pedra ensaiar.<sup>204</sup>

Pedro Luís, carinhosamente apelidado de Pedro Gordo ainda nos confidencia uma cômica história referente à compra do mencionado terreno.

E isso tudo aí ainda me fez ficar mal com o Sérgio (...). Sabe por que? O Sérgio não queria mais comprar nada e nem mexer com negócio de casa de show, de carnaval, de nada. Mas o Lambel queria porque queria comprar o terreno e montar um bar. (...) Depois de eu ajeitar isso tudo com o Lambel, até quem fez os papéis foi o Tião (Bergara) veio o Sérgio aqui no sacolão e falou para mim: “Gordo, você não me arruma de vender terreno nenhum para o Lambel. Ele é maluco e nem sabe o que vai fazer com isso”. Daí eu falei isso para o Lambel e ele me respondeu: “Deixa que com o Sérgio eu me resolvo”. Fechamos tudo, assinamos e pronto. Eu estava precisando do dinheiro e o Lambel queria o terreno. Mas o Sérgio bem que ficou uns tempos sem falar comigo direito (...). Eles eram mais que irmãos, só decidiam as coisas juntos.<sup>205</sup>

---

<sup>202</sup> Entrevista concedida por Sebastião Bergara, em 22 de novembro de 2016

<sup>203</sup> Entrevista concedida por Dona Gilce de Oliveira, viúva de Sérgio de Oliveira, em 09 de janeiro de 2017

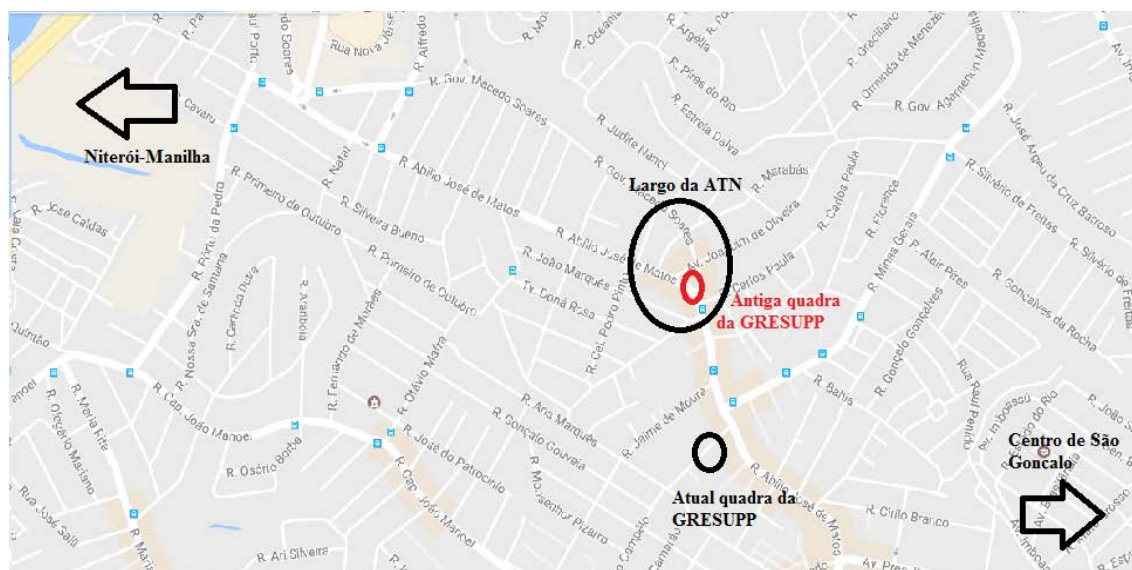
<sup>204</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro.

<sup>205</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.



Outro caso referente à compra desse terreno é que, segundo informações, o mesmo poderia ter sido erguido não no Porto da Pedra, mas no bairro vizinho, o Boa Vista.

Eu cheguei aqui, conheci o Lambel, o Sergio de Oliveira e eles sabiam que eu fazia parte de uma escola de samba em Niterói, só que eu tinha me afastado dessa escola. Então ele achou por bem vir conversar comigo para a formação de uma escola aqui. Que queria fazer uma escola lá dentro da Boa Vista, que tinha um galpão que ele tinha lá. Só que eu falei para ele: “Lambel, você há de convir que quem mora em Niterói, em Icaraí não vai vir aqui na Boa Vista ver ensaio de escola de samba, até porque o bairro não ajuda, porque o bairro era mal visto. Eram muitos marginais! E ele veio e falou: “realmente, é verdade”. E comprou a quitanda do Pedro e comprou a casa de uma senhora que derrubou e fez a quadra, que é a quadra velha.<sup>206</sup>



Bairro do Porto da Pedra, imagem retirada do site Google Maps.

Além do fato que esse empreendimento, por pouco, não foi realizado em um outro bairro, a fala de Mauricio Pinheiro nos mostra que, já em 1992, Jorge Lambel gostaria de retornar com os ensaios do GRES Unidos do Porto da Pedra. Prova-se isso ao passo que verificamos sua procura por um local para a realização dos ensaios da agremiação e também por pessoas com experiência na feitura do carnaval ou sujeitos que tivessem algum tipo de ligação com a Porto da Pedra. Maurição, por exemplo, era diretor de harmonia e morador do lugar. Verifica-se ainda que, a reestruturação da antiga escola de samba seria deveras vantajosa, pois daria possibilidade da lavagem de dinheiro da empresa Control através do GRESUPP.<sup>207</sup>

<sup>206</sup> Entrevista concedida por Mauricio Pinheiro, o Maurição, em 17 de julho de 2015.

<sup>207</sup> Pode-se entender a lavagem de dinheiro como um processo onde os lucros gerados a partir de atividades ilegais são “purificados” e/ou ocultados. Tal ação serve para que o capital inicialmente ilegal se transforme em um dinheiro lícito.

Eles gostavam sim de carnaval, mas também precisavam dar uma volta no leão. Afinal de contas era um negócio ilegal, né? (...). Os caras não tinham nada, nenhum patrimônio, aí daqui a pouco eles aparecem com uma casa de shows? Como que aconteceu isso? O governo ia querer saber. Na minha opinião, juntou o útil ao agradável, porque eles botavam dinheiro num negócio que eles gostavam, que era o bloco e também saiam do governo.<sup>208</sup>

Para Bezerra, por trás de todo o esquema de corrupção / lavagem de dinheiro existe um acordo, bem delimitado, entre seus atores. Para ele, vigora através das “relações de dependências mútuas e assimétricas, constituído, entre outros, por autoridades municipais, federais e agentes privados”<sup>209</sup> acordos em que, tais agentes verificariam, prioritariamente, o benefício próprio.

Seguindo a temática, entende-se que a corrupção bem como os esquemas de lavagem de dinheiro, tem início a partir da existência de relações intrapessoais entre aqueles que trabalham diretamente com a burocracia do Estado e, por vezes, personagens do setor privado. Para ele, esses agentes se utilizariam dessas relações, da burocracia e de seus cargos para manter ganhos tortuosos.<sup>210</sup>

A corrupção, segundo Bezerra, é a relação direta com práticas socialmente institucionalizadas no dia a dia do cidadão brasileiro e, por conta disto, não seria ativamente combatido ou mesmo questionado.

Sobre a Control e sua relação com o bairro, observa-se que, mesmo tendo ciência de que alguma coisa ilícita poderia estar ocorrendo na empresa, a população e os funcionários da GRESUPP nada faziam a respeito, seja por medo ou por conveniência, haja visto que muitas pessoas passaram a ter empregos após o advento da companhia. Além disso, este exemplo corrobora com a tese de Bezerra, que aponta a existência da corrupção nas relações cotidianas.

O autor ainda nos fala sobre como a corrupção se entrelaça com o personalismo presente na cultura brasileira. Chama-se atenção no texto, que entre outras coisas debate os limites da corrupção e da política, como o modelo nacional coloca acima dos valores e normas constituídas o apego a determinadas figuras políticas.

Este personalismo demonstrado pelo autor é observado também na Porto da Pedra, pois figuras como Jorge Lambel, Sérgio de Oliveira e outros tantos, recebem para si a acunha

---

<sup>208</sup> Entrevista concedida por Dona Maria das Dores.

<sup>209</sup> BEZERRA, Marcos Otávio. *Limites entre corrupção e política. Democracia Viva*. N. 10, nov. 2000/fev 2001. p. 46-53.

<sup>210</sup> Marcos Otávio Bezerra, *Corrupção: um Estudo Sobre Poder Público e Relações Pessoais no Brasil*, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

de líderes comunitários, que atuam em espaços em que o Estado é falho. Assim sendo, para a população local estes agentes estavam mais próximos da figura do herói do que do vilão.

A movimentação de significativo montante por dois sujeitos que, até então não tinham grande patrimônio poderia gerar desconfiança para os órgãos públicos. Por conta disso, tornar-se-ia atrativo para os empresários este investimento no carnaval do bairro, na casa de show construída em 1993 e na (re) estruturação do GRES Unidos do Porto da Pedra.

Outro fato que nos chamou atenção acerca da angariação deste capital é que, na época em que a Porto da Pedra ensaiava o seu retorno enquanto escola de samba foi confeccionado, tal como na época do bloco, um livro de ouro.

Quem fazia antes era o Cabrinha. Esse aí, eu não lembro quem fez não. Mas eu sei que teve um livro de ouro correndo pelo Porto da Pedra. Eu sei porque o pessoal de Lelego, de Arlindo e uma galera veio me perguntar se a escola ia sair de novo. Eles queriam ver no que podiam ajudar. <sup>211</sup>

Segundo essa fala, a responsabilidade pelo investimento relativo ao retorno da Porto da Pedra não estaria atrelada única e exclusivamente a Control S/a, mas também aos moradores e sua generosidade. Contudo, se teria sido o livro de ouro o grande artifício que os antigos diretores encontraram para conseguir fazer retornar a Porto da Pedra, por que então esta ação não havia sido feita anos antes, quando a instituição estava à beira da falência ou mesmo nos anos que se seguiram?

Torna-se importante observar de que maneira esta informação foi passada, pois quem a promove pode, na verdade, estar querendo, de maneira pensada ou não, trocar o protagonismo por detrás do massivo investimento. Além disso, seria muito custoso para os articuladores da escola de samba trazer novamente a mesma para os desfiles somente com o dinheiro arrecadado com festas, livros de ouro e afins.

A propagação desta história acaba por se tornar útil a dupla Sérgio e Jorge, isso porque dessa maneira, ambos poderiam maquiagem seus investimentos e articulações econômicas. Além disto, tal atitude também seria interessante para ambos, pois mesmo contribuindo com o dinheiro para a feitura do carnaval, seus nomes não teriam destaque nos noticiários. Entretanto, ao fazerem isso, ganhariam notoriedade e respeito daqueles que, de alguma maneira, saberiam a realidade por detrás do retorno da Porto da Pedra.

Outro fato é que, mesmo que este livro de ouro trouxesse significativa relevância para a elaboração de um desfile, todos os frequentadores da Porto da Pedra entenderiam que, na

---

<sup>211</sup> Entrevista concedida por Seu Jorair Ferreira, em 14/09/2014.

verdade, fora Sérgio e Jorge que haviam colocado a quantia necessária para que a Porto da Pedra pudesse desfilar, uma vez que todas as atividades ligadas a instituição seriam feitas no lugar que ambos construíram para servir de casa para a renovada instituição.

Além do mais, o protagonismo que ambos exerciam nas decisões relativas aos caminhos que escola de samba deveria traçar, não deixaria dúvidas de quem eram os verdadeiros mecenas por detrás do ressurgimento da agremiação. Uma jogada inteligente, pois ao mesmo tempo em que a dupla conseguia reconhecimento local, também manteria afastados os olhares da justiça federal.

Nada obstante, não se deve excluir a importância desta fonte histórica, isso porque, embora não tenha sido *o Livro de Ouro* o principal fomentador do retorno das atividades carnavalescas da Porto da Pedra, sua utilização nos demonstra a valorização, por parte dos foliões presentes no bairro e arredores, do capital participativo e a importância que os mesmos davam para tal atividade. Faz-se interessante observar que a doação dos moradores ocorreu mesmo havendo um grande patrocinador por trás das recém-inauguradas atividades da instituição carnavalesca da localidade.

Outra ocorrência que pode ser retirada deste fato é que, mesmo desarticulada, sem capital e sem desfilar a alguns anos, a Porto da Pedra ainda possuía alguma relevância social para a comunidade que a cercava. Disserta-se desta forma, pois entende-se que, mesmo sabendo do amplo aporte financeiro feito pela Comtrol S/a, estes foliões, mesmo que poucos, sentiam a necessidade de ajudar a escola de samba em seu retorno. Tal fato demonstra, novamente, o apelo que a Porto da Pedra tinha em seu bairro de origem.

Voltando ao debate sobre a recomposição do GRES Unidos do Porto da Pedra no início da década de 1990, notar-se-ia que sob a gerência de Jorge Lambel e Sérgio de Oliveira, a agremiação passou a contar com local para ensaios e para guardar seus objetos, o que causaria melhorias no desempenho da instituição no meio carnavalesco. Ademais, ter uma quadra para ensaios periódicos auxilia na preparação de uma boa apresentação em um meio tão competitivo quanto o carnaval.

De mais a mais, reestruturação causou, igualmente, um aumento das atividades no logradouro, pois houve, neste momento, a contratação de pessoas que trabalhavam como costureiras, mecânicos, ferreiros e entre outros profissionais que poderiam ou não estar ligados ao meio carnavalesco.

As atividades culturais também sofreram significativas mudanças. O bairro que, tradicionalmente estava ligado a festejos populares, iniciou novamente seus preparativos para

a laboração de um novo carnaval. Não queremos, entretanto, que pareça que nossas fontes e pesquisa nos levaram ao entendimento de que o Porto da Pedra, na figura de seus moradores, se animou de maneira homogênea e sem tensionamentos a este regresso.

O furor comunitário ao ver que determinadas ações poderiam estar retornando, muito mais tem a ver com a falta de emprego - já debatido no segundo capítulo - que imperava pelas ruas do lugar e também com a falta de determinadas ações culturais no lugar. O retorno da escola de samba significava um alento para alguns moradores do local, pois dava a possibilidade de uma remuneração, mesmo que temporária, e também o divertimento no final de semana.

Ainda sobre as modificações ocorridas no bairro, sabe-se que para além das questões econômicas e culturais que sofreram modificações com a entrada da escola de samba neste espaço, a questão religiosa gerava ainda tensionamentos. Isso porque obstante de ter uma resistência ao carnaval, muitos dos habitantes do bairro, que aderiram aos preceitos pentecostais, contudo, dependiam do carnaval para trabalharem. Este é decerto, um dos maiores conflitos ocorridos no local.

Além disso, a população do bairro havia ficado órfã de atividades culturais, pois desde o fim do financiamento, por parte da Prefeitura, de algumas festas, tal como o carnaval, os habitantes de São Gonçalo, de maneira geral, pouco tinham acesso a algum divertimento público. Vale lembrar que a cidade era, até esse momento, desprovida de cinemas, shoppings, teatro e outros lugares relativos a entretenimentos.

Quando a Porto da Pedra voltou, muita gente saiu do vermelho. Por isso que eles eram amados aqui, quase deuses. Eles podiam contratar gente de um monte de lugar, mas eram bairristas, chamavam as costureiras daqui. É claro que elas tinham qualidade, porque senão eles não chamavam, ainda mais o Sérgio.<sup>212</sup>

Todavia, não se entende aqui que, mesmo tendo uma tradição ligada a festas populares, tais como: festas juninas, folia de reis e o próprio carnaval, o bairro do Porto da Pedra tenha uma vocação natural para fazer tais festividades - até as recentes mudanças no campo religioso. Esta inclinação é fruto da sociabilidade já discutida no primeiro capítulo. Ainda sobre este assunto, faz-se interessante mencionar que em um lugar onde as pessoas pensam, discutem e fazem carnaval, muito provavelmente terá gerações de pessoas amantes dessa festa.

---

<sup>212</sup> Entrevista concedida por Sebastião Bergara, em 22 de novembro de 2016

Assim, não podemos afirmar que, necessariamente, todos esses sujeitos supracitados são ou serão amantes do carnaval ou mesmo da Porto da Pedra, isso porque muitas das vezes mantêm com ambas uma relação de trabalho. Obviamente que, esses trabalhadores esperam que a escola de samba se mantenha bem, pois desta forma, poderiam manter suas atividades. Contudo, este vínculo não lhe garantiria nenhum outro tipo de filiação para com a instituição que lhe contrata.

Este caso nos faz perceber o quanto o carnaval e a agremiação modificaram algumas das estruturas pré-existentes no bairro. Muitas das relações culturais e econômicas, como demonstrado ao longo desse capítulo, estavam ligadas a Porto da Pedra. Era a instituição que conseguia empregar determinado número de pessoas e também manter viva algumas atividades, como por exemplo: ensaio da bateria, aula de capoeira, oficina de percussão, festas e divertimentos.

Apesar disso, voltamos a afirmar que não necessariamente todos esses que foram empregados sejam pentecostais (ou não) e amantes (ou não) do carnaval. Estes (as) mantêm com a agremiação uma relação de trabalho. A Porto da Pedra, neste sentido, entendia, auxiliava e dialogava com os problemas sociais da região, porque ela estava alocada na região e era construída diariamente por sujeitos viventes nesta mesma região, desta forma, estava ela intrinsecamente ligada a este panorama existente no lugar. O que possibilita outros entrecruzamentos e conexões entre carnaval, religião e formas de inserção e sociabilidade local.

Além disso, abre-se aqui um parêntese para, novamente comentar sobre a questão religiosa e o quanto ela gerava e ainda gera conflitos dentro do próprio bairro. Imaginemos, por exemplo, uma costureira que desde o ano de 1993 estava desempregada ou com poucos pedidos de trabalho. Com o crescimento da Porto da Pedra, ela acabou por ter um alívio financeiro. Agora pense que esta mesma senhora frequentava ou passou a frequentar neste período igrejas evangélicas. Sabe-se que essas igrejas e seus líderes mantinham uma guerra santa contra qualquer instituição carnavalesca. Esta mulher, precisa do emprego para manter sua casa, mas precisa também ser aceita pelos seus pares religiosos. Assim sendo, temos um impasse

Outro ponto relevante para este debate é que mesmo sem frequentar determinadas atividades culturais, alguns moradores do Porto da Pedra mantiveram suas ligações com a festas populares, até porque, estes mantinham vínculos com o carnaval, não sendo eles necessariamente ligados a agremiação gonçalense. Se por um lado entender que esse sujeito

está conectado a Porto da Pedra por laços de afinidade pode ser um mero equívoco, por outro lado ambos estão relacionados pelo carnaval e pela sociabilidade que a festa promove.

Além do mais, mesmo que a GRES Unidos do Porto da Pedra não existisse mais, as pessoas continuavam a se articular promovendo rodas de samba, ensaios de bateria, pintura das praças e ruas onde tradicionalmente se brincava seus folguedos. Isso além de ir para outros locais do estado a procura de divertimento e trabalho.

Jacirley Vanderlei Galvão, ou simplesmente Cirley, compositor da agremiação, já citado nessa dissertação, é um dos sujeitos que mais exemplificam esse tipo de vivência. Morador do bairro, esse senhor auxiliou na construção do bloco e do campo de futebol ainda em 1973.<sup>213</sup>

Foi ele também um dos principais compositores do Porto da Pedra entre os anos de 1978 a 1985, inclusive sendo de sua autoria os sambas com os quais a Porto da Pedra sagrou-se campeã no carnaval gonçalense. Com o encerramento das atividades agremiação em 1985, Cirley foi buscar em outras praças um lugar para manter seu hobby de compor sambas enredo.

Teria sido Cirley um dos principais articuladores, ao longo da década de 1980 e 1990, das brincadeiras e atividades carnavalescas do bairro. Segundo Pedro Gordo, o antigo compositor foi um dos grandes entusiastas do retorno da Porto da Pedra e, teria sido ele, mesmo que de forma indireta, um dos principais fatores deste regresso.

Isso eu acho que aconteceu em 1993, não sei o ano direito, mas eu lembro que o enredo que o Shirley estava concorrendo era no Engenho da Rainha e falava alguma coisa sobre Circo, Palhaço. Sobre o Palhaço Carequinha. Era alguma coisa assim, mas eu não lembro. Depois você procura direito. Pois bem, o Shirley chegou na final desse samba lá nessa escola que te falei e arrumou um ônibus junto com a parceria dele para levar o pessoal do Porto da Pedra. Aqui o pessoal gosta muito de carnaval, aí juntou uma galera boa e fomos.<sup>214</sup>

E continua:

O Shirley me chamou para ir nessa disputa de samba aí que eu estou te falando. O problema era ir, mas como ele arrumou um ônibus, facilitou. Isso era uma sexta-feira, eu falei para minha mulher para se arrumar que a gente ia sair. Eu ia fechar o bar mais cedo também. Nisso chegou o Lambel querendo beber, aí eu disse para ele que ia fechar porque tinha marcado com o Shirley de dar uma força lá no samba dele. Lambel me perguntou onde era e falou que ia também. Na época ele estava com um carro. Ficamos bebendo e depois fomos para lá. Saímos daqui era mais de meia noite. No samba foi uma alegria só, Lambel parecia um pinto no lixo. Soltaram fogos, bebemos bastante. Quando estávamos voltando ele me disse que ia ajudar a

---

<sup>213</sup> Rever em capítulo 1.

<sup>214</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

fazer a Porto da Pedra voltar e ia usar o barracão que estava construindo no terreno para as coisas da escola.<sup>215</sup>

A fala de Pedro Gordo evidencia dois fatos: o primeiro deles é a demonstração de apreço por parte de alguns moradores do logradouro pelo carnaval, pois mesmo não havendo nenhuma representante do bairro para os festejos do rei momo, eles iam atrás deste tipo de divertimento em outras bandas; segundo e, talvez, mais importante fato diz que: “foi esse o dia em que o Porto da Pedra teve de novo uma Escola de Samba”<sup>216</sup>

Eu tô falando sério! O Lambel voltou de lá e ficou doido. Eu já sabia que ele ia fazer alguma casa de show aqui do lado, mas naquele dia ele teve alguma coisa como uma revelação divina, um negócio muito forte. Ele voltou o caminho todo falando disso. Que iria colocar os instrumentos aqui, os ensaios iam ser ali, o palco ia ser no outro lado.<sup>217</sup>

Entretanto, mesmo com tal revelação carnavalesca tendo acometido Jorge Lambel, a revitalização da escola de samba passava prioritariamente por algumas dificuldades e também alguns questionamentos: quem seriam os diretores? Quem seria o presidente uma vez que nem Lambel e nem Sérgio gostariam de ter seus nomes envolvidos com esse evento? Como deveriam ser as regras que regeriam a nova agremiação? Desfilaria o carnaval de São Gonçalo ou algum outro?

Sabe-se que desde 1973 existia uma rede de sociabilidades que fez construir, crescer e manter a agremiação, tendo ela caráter de bloco ou mesmo de escola de samba. Assim, o que fez a Porto da Pedra retornar aos desfiles foi a demanda de uma população somado ao patrocínio de dois grandes mecenas da região. Ambas as estruturas nos ajudam a entender como foram gerados empregos no lugar, por exemplo. Além disto, a reabertura de uma escola de samba no lugar é decerto garantia de mudança neste mesmo espaço, seja no âmbito econômico e/ou cultural.

Para finalizar essa discussão, compreende-se que nenhuma instituição cultural nasce e cresce unicamente por desejo de duas pessoas. Tal agremiação é fruto de construções heterogêneas e que se manifestam através das relações interpessoais. A Porto da Pedra, neste sentido, era a instituição cultural local que mais dialogava com esta população de maneira geral, isso porque a agremiação se tornou a mantenedora de muitos dos empregos gerados no bairro, além de também ser a principal feitora das atividades culturais deste espaço. Outro

<sup>215</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>216</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>217</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.



ponto, diz respeito ao apelo que a mesma possuía para aqueles que ali habitavam, haja visto que, como dito anteriormente por Pedro Luis “aqui (no Porto da Pedra) se você colocar o nome do Porto da Pedra o pessoal compra a ideia e vai atrás”.<sup>218</sup>

Assim sendo, afirma-se que não é por conta do financiamento, ou da geração de emprego que a Porto da Pedra tem seu retorno em 1993, a agremiação retorna as suas atividades graças a um conjunto de fatores que trabalharam para tal desfecho, dentre os quais: a relações interpessoais (amizade e relações familiares), econômicas e culturais que a população do bairro tem com a escola, além das redes de sociabilidade existentes.

Voltando aos questionamentos, sabe-se que todas essas perguntas descritas acima precisariam ser sanadas, mas naquele momento não havia quem as soubesse responde-las. Por conta disso, “Sérgio entrou em cena” e vendo que seu amigo “tinha encasquetado com a ideia de fazer uma escola de samba” resolveu ajudar.<sup>219</sup>

O Lambel já estava fazendo isso (chamar pessoas para trabalharem na Porto da Pedra), mas quem sempre dava a palavra final, aquela que sacramentava tudo era o Sergio (...). O Lambel era teimoso e queria fazer (a Porto da Pedra se reestruturar). O Sérgio vendo que o negócio já não tinha mais volta foi lá e ajudou ele né! Tudo que o Lambel fazia ele precisava do Sérgio. Lambel era trapalhão e o Sérgio organizado, sabe? Aí ele começou a chamar um pessoal aqui de São Gonçalo e de Niterói para poder ajudar, um pessoal que entendia de carnaval.<sup>220</sup>

Sendo assim, alguns profissionais tais como ferreiros, eletricitas, adrecistas, costureiras, engenheiros hidráulicos, sendo eles “90% do bairro”<sup>221</sup> foram sendo contratados. A parte relacionada à harmonia havia ficado sob a tutela de Jorginho harmonia e Maurício Pinheiro, o Maurição, que além de morador do bairro e amigo pessoal da dupla, já havia lidado com algumas questões ligadas ao carnaval por outras agremiações. A parte burocrática foi dividida entre três antigos foliões: Seu Jorair, Seu Paulo Chaffin e o próprio Tião Bergara.

Jorair Ferreira e Paulinho Chaffin foram incumbidos de resgatar todos os documentos que a (antiga) Porto da Pedra havia deixado. Tal função fora designada para ambos, pois teriam sido eles os últimos responsáveis pela agremiação. Ademais, nem Sergio e nem

---

<sup>218</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>219</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>220</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>221</sup> Entrevista concedida em 26 de novembro de 2014.

Lambel gostariam de criar uma nova agremiação, isso porque “daria muito trabalho fazer uma escola de samba do zero”.<sup>222</sup>

E, embora haja uma discussão sobre essa ser ou não uma nova escola de samba<sup>223</sup>, ficou decidido que pelo menos os antigos documentos, tais como registro em cartório e do diário oficial, além do título, cores e nome seriam resgatados.<sup>224</sup> Há de se pontuar também que, existiu, por parte de Jorge Lambel e Sergio de Oliveira, um cuidado especial para a formação da direção da agremiação, que passou a ser formada por aqueles que já haviam estado de alguma maneira atrelado a Porto da Pedra.

O antigo estatuto, utilizado desde 1981, pouca utilidade teve, isso porque a nova direção achou por bem alterá-lo. Coube, então, a Sebastião Bergara fazer uma nova constituição para a Porto da Pedra. E é aí que se pode encontrar, em forma de leis, as intenções da direção da agremiação para com a instituição.

Na seção II: Conselho deliberativo. Artigo 16 do estatuto feito em 18/11/1993 encontra-se apontamentos acerca o conselho deliberativo, bem como sua composição, eleição e competências. Escreve-se no documento: “O conselho deliberativo é o órgão destinado a legislar e a delibera sobre o GRESUPP, agindo nesta qualidade como representante imediato”<sup>225</sup>.

Segue: “O conselho deliberativo é constituído por 28 (vinte e oito) membros, sendo 12 (doze vitalícios), 11 (onze) eleitos e 5 (cinco) suplentes. ”. Por fim: “Os membros vitalícios do conselho deliberativo terão mandatos vitalícios e só os perderão em decorrência de morte de um deles ou quando estiverem enquadrados nas sanções do artigo 28”<sup>226</sup>.

Talvez, a informação mais relevante que possamos extrair deste documento é o fato de a diretoria passar a possuir membros vitalícios, que além de serem perpetuados no quadro de diretores, também poderiam passar para seus filhos e/ou netos seu título honorário. Isso, sem dúvida, representaria a manutenção de poderes de algumas famílias dentro da instituição. O

---

<sup>222</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>223</sup> Rever no capítulo 2.

<sup>224</sup> Como demonstrado no primeiro capítulo, a Porto da Pedra se sagrou campeã de blocos carnavalescos na cidade de São Gonçalo em 1980. Tal vitória lhe deu o título de Escola de Samba, deixando a mesma de se considerar Bloco Carnavalesco.

<sup>225</sup> O Estatuto do Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra nos foi concedido por Seu Jorair Ferreira.

<sup>226</sup> Estatuto do GRESUPP, de 18/11/1993. Seção II, Artigos 16 e 17, p. 5.

que pode ser traduzido como a continuidade de familiares tanto de Jorge Lambel quanto Sérgio de Oliveira à frente da Porto da Pedra.

Dito isso, verifica-se que embora a agremiação fosse uma escola de samba voltada principalmente para a disputa do carnaval, uma centelha familiar estava presente e, assim sendo, os investimentos tanto de Lambel quanto de Sérgio continuaria nas mãos de seus herdeiros. Isso, fatalmente transferiria os recursos da Porto da Pedra para ambas as famílias e transformaria a agremiação em uma empresa familiar.

Aquele que foi nomeado para fazer o livro de normas da agremiação resume:

Isso tudo foi pensado, a gente tinha um conselho de famílias, só entrava quem tinha prestado algum serviço e também quem tinha verdadeira paixão pelo Tigre. (...) essa era uma forma da gente manter o poder né. Nunca se sabe o que o mundo vai te trazer.<sup>227</sup>

Embora não lembre de todos os participantes deste conselho, Sebastião Bergara cita que o mesmo era composto por: Sérgio de Oliveira, Jorge Lambel, seus descendentes e respectivas esposas, Hélio Montebelo, além dele mesmo.

Outro fato de grande importância para a (re) construção da Porto da Pedra no início da década de 1990 foi seu símbolo. Se antes a instituição carnavalesca era representada por duas mãos que se atavam, agora o *tigre* era posto no emblema da escola de samba.

Quando foi fundada em 1973, a Porto da Pedra – ainda enquanto bloco de arrastão e sem possuir nenhum registro de cartório – possuía enquanto insígnia duas mãos que se apertavam. Este segundo relatos seria a tradução do “companheirismo e da união do bairro que fez a Porto da Pedra nascer”.<sup>228</sup>

Todavia, a manutenção deste símbolo para esses novos tempos não era tão bem vista por parte da nova diretoria da agremiação, sobretudo por Jorge Lambel.

O pessoal queria mudar, e o Lambel já tinha falado que queria um símbolo novo. Até porque tinha um caminhão de Escola de Samba que já tinham as mãos se apertando de símbolo. Se eu me lembro bem, não foi feita nenhuma reunião ou votação sobre isso, mas eu me lembro que o único que foi contra mudar o símbolo tinha sido o Jorair, mas eu posso estar errado. Mas, no final das contas, quando o Lambel falava era lei. E ele queria algo novo.<sup>229</sup>

---

<sup>227</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>228</sup> Entrevista concedida em 07 de março de 2014.

<sup>229</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

É interessante observar que, mesmo em uma instituição que faz questão de se apegar ao passado para basear parte de sua narrativa histórica, a notícia da construção de um novo símbolo foi bem recebida pela maioria de seus diretores. Contudo, deve-se pontuar que, era esse o desejo do principal patrocinador.

Além do mais, a escolha de um novo mascote dialogava igualmente com tudo aquilo que estava se pretendendo para a construção de um moderno ideário para a instituição. Em outras palavras, não se pode apreender que esta nova insígnia deixou de dialogar com a representatividade necessária para o bastião de uma escola de samba, isso porque: “o tigre é um animal que briga, que protege sua cria e além de tudo é um bicho muito bonito.”<sup>230</sup>

Sobre a constituição de um novo símbolo para a instituição, pode-se entender também que nem só de amizade vive uma escola de samba e, durante esse período, “a vontade de voltar já ganhando o carnaval era enorme”<sup>231</sup>. Por conta desse fato, os diretores, possivelmente, deixaram as mãos atadas de lado, que rememoravam as relações interpessoais, para abarcar novas relações que visavam dialogar com a competição do mundo do carnaval carioca.<sup>232</sup>

A noção de representação, bem como de competitividade, torna-se cada vez mais importante, pois ela nos concede a compreensão acerca de alguns objetos e seus sentidos, como é o caso da bandeira, das cores e da mascote para uma escola de samba e seus adeptos.

Para Chartier, as representações muito nos falam sobre diferentes lugares e temporalidades. Nos fala também sobre as maneiras de como a realidade social é construída por meio de classificações, divisões e delimitações. Ele entende que determinados códigos, padrões e sentidos são compartilhados, e apesar de poderem ser naturalizados, seus sentidos podem mudar, pois são historicamente construídos e determinados pelas relações de poder, pelos conflitos de interesses dos grupos sociais.<sup>233</sup>

Outro ponto é que a escolha de um tigre para mascote da agremiação é de extrema significância, isso porque o animal é reconhecidamente símbolo de poder e, tal como nos foi contado anteriormente, este símbolo foi justamente escolhido para que a escola de samba gonçalense passasse a impressão de força e garra, adjetivos bem-vindos a qualquer instituição

---

<sup>230</sup> Entrevista concedida em 20 de janeiro de 2017.

<sup>231</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>232</sup> CAVALCANTI, Maria Laura. *A festa em perspectiva antropológica: carnaval e folgedos do boi*. Artelogie (Online), v. IV, p. 125-140, 2013.

<sup>233</sup> CHARTIER, Roger. *História Cultural – Entre práticas e representações*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

cultural que se disponibiliza a representar uma comunidade. Além disso, marcaria sua entrada em um campo maior do que o carnaval de São Gonçalo.

A modificação do símbolo representava e confirmava a mensagem de modernidade, que tanto os recém empossados diretores buscavam promover. Esse novo emblema representaria uma nova fase da vida da agremiação, que embora mantivesse nome, títulos e cores da (antiga) Porto da Pedra, procurava nesse período um recomeço.

Mantiveram-se assim antigas representações, que acabaram por construir pontes com o passado e com a memória da instituição. Feições como: o nome, cores e mesmo a data de fundação foram deixadas. Contudo, vestiu-se um novo emblema, que passou a ser adotado como novo símbolo oficial.

A ideia do tigre quem teve fui eu e o Lambel. Parece que Lambel viu um globo repórter e achou o símbolo legal. O Estácio tinha um leão, a Beija-flor também. A gente era o tigre. (...) tem muita escola de samba que tem bicho como símbolo. Além do mais, o tigre é um animal forte, aguerrido, que não se entrega nas batalhas.<sup>234</sup>

A partir dessa fala, nota-se também que a agremiação estava atenta ao mundo carnavalesco e, buscava em outras escolas de samba maneiras de como gostaria de se observar. Assim sendo, deve ser levado em conta que muitas das escolas de samba presentes no ideário daqueles que estavam compondo a Porto da Pedra em inícios da década 1990 eram instituições que permaneciam, à época, disputando o campeonato, inclusive sagrando-se campeã em algumas oportunidades, como foi o caso da Beija-flor de Nilópolis e da Estácio de Sá.

---

<sup>234</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.



Uma das primeiras bandeiras confeccionadas com o símbolo do Tigre. (Acervo GRESU Porto da Pedra).

Por fim, entende-se que tanto o símbolo criado em 1973 – as mãos dadas – quanto a alegoria feita em 1993 – o tigre – mantiveram um franco diálogo com a comunidade residente no bairro homônimo a instituição e arredores. Pode-se afirmar que em ambos os momentos houve uma tentativa de elevar a moral da mesma, sendo em um primeiro momento para exaltar a união dos componentes e na segunda para dar ênfase a garra daqueles que participavam assiduamente da formação deste “novo” Porto da Pedra. Talvez essa fosse a propaganda ideal para um período em que a instituição queria novamente se colocar em meio ao mundo carnavalesco – eixo São Gonçalo e Niterói – e também elevar a moral daqueles que a cercavam. Uma maneira de iniciar um novo começo.

Uma curiosa história sobre o tigre é que, buscando agregar toda São Gonçalo, a direção da Porto da Pedra buscou através de uma disputa selecionar um desenho que serviria como o rosto para seu novo mascote. “A inscrição era gratuita, feita na secretária da escola e a única coisa que a gente pedia era que desenhassem um tigre”<sup>235</sup>.

Tal informação foi colocada em jornais, panfletos e transmitida por algumas rádios. No dia da entrega e averiguação dos desenhos feitos houve uma feijoada na quadra. Todavia, nenhum dos participantes chegou a expectativa desejada.

Rapaz, no dia chegou a ser engraçado. Tinha de tudo, tinha leão, gato, hiena, jaguatirica, uns tigres mansos. Até veado tinha. Mas nada do Tigre que a gente estava querendo, nada. Chegou um determinado momento que o Lambel ficou bravo

<sup>235</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

e me disse: “Vocês são uns desenhistas de merda. Não tem um tigre aqui. ” Sérgio ria de se escangalhar.<sup>236</sup>

Uma vez que o plano de conseguir uma imagem bem-feita do Tigre – novo símbolo do GRES Unidos do Porto da Pedra – não tinha dado certo, Sebastião Bergara aconselhado por sua esposa entrou em contato com um profissional conceituado da área de desenho gráfico e ele, por fim, fez o símbolo da GRESUPP.

Já que tinha dado esse problema todo esse negócio do pessoal desenhar o Tigre, eu tive que partir para contratar alguém né? Na época eu conhecia um pessoal da globo, que me apresentou um camarada que desenhava para o Hans Donner. O cara era fera, na época não tinha igual. Falei com o Sergio e ele mandou fechar. Fechei e na época paguei até em dólar, não foi real não, paguei foi em dólar.<sup>237</sup>



Primeiro modelo para a bandeira (Acervo Sebastião Bergara).

E assim, depois de ter escolhido o real emblema da instituição – que ainda hoje se mantém – e também de ter escolhido seu corpo de diretores e elaborado o *estatuto*, a Porto da Pedra e seu pessoal passou a voltar todas as suas atenções para o carnaval gonçalense que estava se aproximando. E embora houvesse uma pomposa injeção de dinheiro para a contratação de pessoal e de material “parecia que nunca estava bom para o Sérgio”<sup>238</sup>

Na época a gente contratou pessoal de marcenaria e ferragens para fazer dois carros alegóricos. A gente fechou com todas as costureiras do bairro para fazer as fantasias. Ainda tinha muita gente para pagar. Eles arrumaram um menino que era

<sup>236</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>237</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>238</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

carnavalesco, que pagava também. Muita coisa. Muita coisa. Ou seja, era dinheiro para caramba que a gente estava gastando. E isso tudo era para São Gonçalo, não era para o Rio.<sup>239</sup>

Todo esse aparato era voltado para que a escola voltasse em grande estilo para o carnaval de São Gonçalo. Sergio de Oliveira que em um primeiro momento se manteve afastado dos afazeres do GRESU Porto da Pedra, ficando “apenas” com a gerência de sua empresa, passou pouco a pouco a figurar entre aqueles que mais estavam presentes nas reuniões e na elaboração do carnaval.

O Sergio ficou afastado no começo, ele era um pouco orgulhoso também né. E como tinha dito que não queria saber de Escola de Samba. Mas depois que ele viu que as coisas estavam dando certo e estava tudo pegando corpo, ficando bonito ele começou a ajudar. Era ele que dava as ordens com o dinheiro e outras coisas tipo as baianas.<sup>240</sup>

Tanto dinheiro realocado para o carnaval nos demonstra que a empresa de extração de óleo estava progredindo, e que o investimento na Porto da Pedra estava a todo vapor. Algo que também precisa ficar claro ao se falar acerca da empresa Control S/a é que, se a mesma havia praticado determinados serviços ilegais – retirada de óleo de embarcações e o desvio de pagamento de impostos, por exemplo – a agência também tinha sua conduta legal. Desse modo, o capital empregado para a feitura do carnaval da Porto da Pedra, enquanto escola de samba e o investimento cultural no carnaval do bairro, onde eram alocados caminhões pipas, contratados shows para o divertimento das pessoas e outras coisas mais, passavam diretamente pela mão de Sergio de Oliveira, que por sua formação de contador entendia e se baseava nesses preceitos para alcançar a redução dos impostos para a empresa Control S/a.

O investimento era tamanho que, dentro de São Gonçalo a Porto da Pedra, mesmo sem ter desfilado, não possuía adversários que pudessem fazer frente ao seu poder econômico, vide tamanho capital aplicado. Vale ainda mencionar que:

Só para você ter uma média de como a gente vinha para disputar o carnaval daqui da cidade, um dia eu encontrei com Beto Galo, ele era um dos homens forte do carnaval daqui e ele me disse o seguinte: “Bergara, se a gente somar todo o investimento de todas as escolas de samba da cidade não dá o que vocês vão colocar na avenida.”<sup>241</sup>

---

<sup>239</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>240</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>241</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.



Todo esse aparato poderia servir, como dito anteriormente, para mascarar o dinheiro ilegal retirado da extração e recepção de óleo. Contudo, não havia como disputar o carnaval gonçalense sem chamar a atenção. Uma maneira encontrada foi mudar de zona de desfile, pensou-se rapidamente na cidade do Rio de Janeiro. Mas como chegar até lá? Um simples show, ocorrido na quadra da Porto da Pedra resolveu esse problema para Sergio de Oliveira e Jorge Lambel, pois foi nesse espetáculo que a dupla conheceu Jorginho do Império.

Contudo, não podemos reduzir todo esse investimento a lavagem de dinheiro. Sabe-se que tanto Sérgio quanto Lambel eram aficionados em carnaval e tinham para com a Porto da Pedra e para com o bairro relações de proximidade, vale lembrar que ambos estavam no momento da fundação do bloco em 1973.

Sendo assim, entende-se que ambos, assim como o corpo de diretores da agremiação, buscavam, a sua maneira, modernizar o carnaval do lugar, apresentando aquilo que julgavam como o melhor possível, modificando alegorias, contratando pessoal, produzindo shows e ensaios e verificando cuidadosamente a feitura dos preparativos para a festa.



Jorginho do Império em entrevista. (Acervo Jorginho do Império).

Desse modo, retifica-se que não é única e exclusivamente por conta do dinheiro ou mesmo dos esquemas de corrupção que o GRES Unidos do Porto da Pedra retornou a suas atividades. Para que uma instituição como essa regresse, é necessário que haja uma demanda popular para tal.

Assim sendo, podemos apontar a entrada de capital através do empreendimento de Sérgio de Oliveira e Jorge Lambel como um ponto importante para este regresso. Contudo, as

relações com os políticos da região, as trocas diárias com a população do bairro e arredores e as redes de sociabilidade criadas são tão importantes quanto o dinheiro investido. O retorno da agremiação gonçalense, neste sentido, pode ser definido como um somatório de situações. Além do mais, sabe-se que já existia, na região, uma cultura ligada ao carnaval e às festas populares, como já explorado por nós no primeiro capítulo. Essa estrutura social é certamente o ponto de partida para o retorno da Porto da Pedra as atividades.

Por fim, é interessante verificar que, a partir da década de 1980 algumas escolas de samba passaram a se alinhar a empresas (públicas e/ou privadas) e a patronos (jogo do bicho, tráfico de drogas, máfia do óleo) para a feitura e desenvolvimento de seus carnavais. A Porto da Pedra, como demonstrado aqui, mantinha uma relação extremamente próxima da empresa Control S/a, por exemplo. Sendo assim, temas ligados a essas empresas e ao mercado, de maneira geral, passaram a figurar entre os enredos escolhidos pelas agremiações.

Sabe-se ainda que, os desfiles da década de 1980 foram marcados “pela influência do tropicalismo e ganham uma estética visual mais moderna e enredos mais comportamentais e menos históricos.”<sup>242</sup> Na década seguinte há:

(...) a extensão temática dos enredos, com abordagens antropológicas e existenciais, crítica social, humor, temas universais, abertura a temas estrangeiros e, principalmente, a ênfase na captação financeira, configurando o enredo de patrocínio.<sup>243</sup>

Contudo, essas mesmas escolas de samba que passaram a atrair o capital empresarial, lícito ou não, continuavam a ter laços e redes de sociabilidade de suas respectivas comunidades, sendo estas, por sua vez, entrelaçadas a uma lógica familiar presente na constituição dessas instituições. Sendo a Porto da Pedra representante dessa estrutura de relações e significações, também acaba por se tornar exemplo dessa construção comunitária e familiar que, assim como outras agremiações, passa a recorrer ao capital empresarial para poder construir seus desfiles.

Essa dicotomia é exemplificada ao passo que verificamos a contratação de moradores do bairro e a elaboração de um novo estatuto que, entre outras coisas, concede as famílias dos patronos a direção da agremiação de maneira hereditária. Entretanto, essa mesma estrutura instituição, com base familiar, também contrata novos e experientes profissionais para a

---

<sup>242</sup> FARIAS, Julio César. O Enredo de Escola de Samba. Rio de Janeiro: Litteris, 2007. Pp 23.

<sup>243</sup> FARIAS, Julio César. O Enredo de Escola de Samba. Rio de Janeiro: Litteris, 2007. Pp 28.

montagem de seu carnaval. Essa oposição entre o local e o global, entre o familiar e o empresarial é, decerto, uma polarização presente na festa e em sua elaboração.

A modificação do símbolo da agremiação – mãos atadas para o tigre- talvez seja o exemplo máximo disso, pois evidencia a transformação simbólica da agremiação, que deixou de prezar, prioritariamente, pelas relações de amizade para disputar, tal como um tigre, o carnaval.

### **3.2 De São Gonçalo para o carnaval do Rio de Janeiro: Transformações e disputas no seio do GRES Unidos do Porto da Pedra**

A partir dos debates travados aqui, temos ciência de que o carnaval no bairro do Porto da Pedra, que sofreu significativas diminuições entre os anos finais da década de 1980 e os iniciais de 1990, começou a se reconfigurar em 1993. Tal fato, como já explicitado aqui, só pôde ocorrer por conta de alguns fatores, que vão desde o aumento do projeto de privatização de áreas próximas ao próprio bairro e, por seguinte do município de São Gonçalo até a criação de empresas locais que começaram a auxiliar financeiramente no fomento de algumas manifestações culturais, visando talvez a diminuição de impostos e também o aumento do capital social perante a população.<sup>244</sup>

Neste momento, o GRES Unidos do Porto da Pedra passa a receber investimentos massivos da companhia de captação e limpeza de óleo Control S/a, cujo os donos eram dois antigos moradores e foliões do bairro: Jorge Lambel e Sergio de Oliveira. A partir da aplicação de capital o que se vê é a contratação e incorporação de profissionais oriundos do carnaval. O que, notadamente, fez aumentar a circulação de outras pessoas que não as residentes no bairro, a maioria delas oriundas do meio carnavalesco.

Outro fator levado em consideração é o número de antigos foliões inseridos na reativação da instituição carnavalesca existente no bairro. Vê-se isso a partir da elaboração do livro de ouro – já discutido aqui – e ainda no contingente de pessoas que passaram a prestar serviços para a agremiação.

---

<sup>244</sup> Tal informação é encontrada no segundo capítulo dessa dissertação.

Toda essa estruturação se baseou, como já demonstrado, no capital investido pela empresa Comtrol S/a e tinha como objetivo o retorno da Porto da Pedra aos desfiles carnavalescos da cidade de São Gonçalo.

Eu lembro na época, a Porto da Pedra estava linda, a gente tinha carnaval para colocar, tinha gente com vontade de fazer e tanto Lambel quanto o Sérgio estavam com bala na agulha e injetando muita grana para fazer um carnavalzão (...). Tinha gente, aqui em São Gonçalo, em Niterói e até do Rio querendo saber quando que a gente ia desfilar. (...) a gente já voltou sendo grande.<sup>245</sup>

Embora entusiasmada, a fala de Paulinho Chaffin demonstra a maneira como algumas pessoas observavam a montagem deste carnaval, onde, obviamente criavam expectativas. Isso por si só já nos mostra a reverberação que a escola estava tomando já nesse momento, vide suas propagandas em rádios e jornais da região.

Ainda buscando dimensionar o montante alocado por Jorge Lambel e Sérgio de Oliveira, sabe-se que por volta do ano de 1993, iniciou-se a construção de um novo empreendimento por parte de ambos os empresários. Construída na rua João Silva, número 82, foi erguida em um rápido espaço de tempo – 1 anos e 3 meses – uma outra casa de shows.

Embora não conclua, esta nova iniciativa da dupla corrobora com as falas - já descrita aqui - de que quanto mais dinheiro ganho com a extração e venda de óleo, tanto Sérgio quanto Lambel precisavam buscar novos lugares para lavar o capital ganho. A nova aquisição visava ser maior em termos estruturais, mais bem equipada e, como revelado em conversas com a filha de Jorge Lambel, Katia Seixas: “não ter nenhum vínculo com o Grêmio Recreativo.”<sup>246</sup>

Este novo investimento também nos mostra sobre o crescimento do poder aquisitivo de Sérgio e Jorge, isso porque, se a primeira casa de shows construída, a qual a Porto da Pedra utilizava como quadra de ensaios e apresentações, havia sido feita em um galpão improvisado e tinha a ocupação máxima de “menos de mil pessoas”<sup>247</sup>, esta, contudo, poderia comportar “confortavelmente mais de cinco mil pessoas”<sup>248</sup>, possuindo maior número de banheiros, bares, camarotes e saída de emergência.

---

<sup>245</sup> Entrevista concedida por Paulo Chaffin, em 18 de agosto de 2015.

<sup>246</sup> Entrevista concedida por Katia Seixas, em 14 de janeiro de 2017.

<sup>247</sup> Entrevista concedida por Mauro Quintaes, em 17 de maio de 2016.

<sup>248</sup> Entrevista concedida por Katia Seixas, em 14 de janeiro de 2017.



A nova quadra do GRESUPP foi construída em 1993 (foto de 2012) (Acervo Jornal O Globo). 249

Para além desses fatos, a construção de uma segunda casa de shows nos convence que ambos buscavam investir cada vez mais no mundo do entretenimento e produções culturais. Esta, que a princípio nada tinha a ver com a Porto da Pedra (a não ser os mesmos “donos”) se tornará no ano de 1994 a nova quadra da agremiação e grande trunfo da direção da escola de samba para colocá-la como uma nova e emergente força no carnaval carioca.

Ao mesmo tempo em que se erguiam as paredes desse novo empreendimento, construía-se conjuntamente uma estratégia de captação de pessoal e de foliões para o retorno da GRES Unidos do Porto da Pedra. Vale lembrar que, embora saibamos que o futuro dessa empreitada é a Porto da Pedra desfilar no carnaval carioca, até este momento, todo o comprometimento e investimento feito era visando o carnaval da cidade de São Gonçalo.

As ações de marketing tinham como função promover a escola de samba em território gonçalense. Para sua chefia havia sido escolhido Sebastião Bergara, ao que parece, braço direito da dupla Sérgio de Oliveira e Jorge Lambel. Serviços de rádios, jornais e panfletos eram usados pela instituição para a promulgação da mesma.

Setores políticos da cidade também começaram a se aproximar e a frequentar muitas das atividades feitas e/ou relacionadas a Porto da Pedra, dentre eles pode-se citar Ezequiel

<sup>249</sup> Ver mais em: <https://oglobo.globo.com/rio/feijoada-nota-10-concurso-que-vai-eleger-escola-com-melhor-tempo-movimenta-as-quadras-das-agremiacoes-2690269>.

Mattos<sup>250</sup>, importante político da cidade, que foi a partir de 1994 tornando-se um “porta voz da Porto da Pedra”<sup>251</sup>, explanando-a cada vez mais.

Abre-se um parêntese para explicar a importância de Edson Ezequiel de Matos para a Porto da Pedra no início da década de 1990. Figura comum nos debates políticos e envolvidos com causas cívicas da cidade de São Gonçalo, Ezequiel foi, ao longo do tempo debatido nesta obra, deputado estadual (1986) e prefeito da cidade (1989), tendo ele relevância no governo de Leonel Brizola, enquanto este ocupava o posto de governador da cidade do Rio de Janeiro.<sup>252</sup> Igualmente, foi um “grande amigo para a Porto da Pedra em tempos difíceis.”<sup>253</sup>

A gente precisava mesmo de um cabo eleitoral e o Ezequiel, que gostava de uma cervejinha, estava em todas as nossas apresentações. Ele morava ali em cima no camarão já, para vir para cá era um pulo. (...) eu botava ele para falar no microfone quando tinha ensaio e botava ele para falar quando a gente ia desfilar. O cara gostava também.<sup>254</sup>

Faz-se interessante lembrar que as articulações entre os produtores culturais da instituição carnavalesca Unidos do Porto da Pedra e elementos políticos da cidade, já havia ocorrido anteriormente. Todavia, a maneira como esse novo acordo se dava, demonstrava que a agremiação, nesse momento, buscava uma consolidação enquanto força cultural do lugar, inclusive se mantendo o discurso de ser “a maior propagandista de São Gonçalo”. Obviamente que, essa propaganda fazia parte do processo de modernização pelo qual a agremiação estava passando. Entende-se assim que, a Porto da Pedra buscava uma expansão de sua marca dentro de um campo carnavalesco mais amplo.

Analisando mais a fundo a aproximação da Porto da Pedra e os representantes do poder político, entende-se que este ato se mostrou proveitoso para ambos os lados, isso porque a agremiação, que estava em processo de reestruturação, buscava parceiros. E novamente observando o trabalho de Bezerra, entendemos que essas relações construídas

---

<sup>250</sup> Edson Ezequiel de Matos é ex-deputado estadual (1987-1989) e ex-prefeito de São Gonçalo (1989-1992 e 1997-2000). Em 2006 foi eleito para o terceiro mandato de deputado federal pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), sendo reeleito em 2010.

<sup>251</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>252</sup> CÂM. DEP. Deputados brasileiros. Repertório (1995-1999); ENTREV. BIOG.; Folha de S. Paulo (31/1/95, 14/1/96); Globo (20/3 e 23/6/96); Jornal do Brasil (6/10/94, 4/10/96); <http://www2.camara.gov.br/deputados/index.html/loadFrame.html> (acessado em 09/03/2017); <http://www.edsonezequiel.com.br/perfil.php> (acessado em 22/03/2017).

<sup>253</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>254</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

entre o poder público e a Porto da Pedra, acabaram também por se tornar um chamariz para corrupção.

Fernando Filgueiras, se baseia em Marcos Bezerra para afirmar que:

A corrupção (...) é decorrente da existência de relações pessoais dos integrantes da burocracia do Estado, implicando em ganhos ilícitos com os recursos públicos.<sup>255</sup>

Essas relações intrapessoais iniciaram-se com a abertura da empresa que pertencia a ambos e se manteve com o regresso da Porto da Pedra. Obviamente que, novos pactos e acordos acabaram sendo feitos.

Ainda sobre as relações entre a Porto da Pedra e o poder público, afirma-se que: “aquele que Lambel anunciava era o candidato” que “o nosso pessoal ia apoiar”<sup>256</sup>. A isto valer dizer que vereadores, candidatos à Prefeitura e mais à frente até senadores e deputados federais, vinham até o bairro do Porto da Pedra buscar auxílio, não necessariamente de dinheiro, para a sua próxima campanha. Esta ação atrelada a utilização da quadra para a promulgação de shows fazia com que a “a quadra da Porto da Pedra” fosse “o salão de festas de São Gonçalo”.<sup>257</sup>

Desde modo, fica claro o entendimento que quanto mais próxima eram as relações entre os diretores da agremiação e os representantes dos poderes públicos, mais bem delimitada e, por mais vezes era acionada as práticas de corrupção descrita aqui, tal como nos aponta Bezerra.<sup>258</sup>

Mas de que maneira ocorria essa associação entre Porto da Pedra, elaboração de shows e a doação de dinheiro da empresa Control S/a? Como já dito no subcapítulo 3.1, este esquema iniciava-se com as concessões que a empresa concedia a Porto da Pedra. A agremiação, por sua vez, organizava alguns shows com artistas populares da época, o que fazia aumentar sua popularidade. Os lucros que chegavam até a Porto da Pedra, através de bilheteria e consumo, sofriam uma adição, que servia para mascarar os valores finais.<sup>259</sup>

---

<sup>255</sup> FILGUEIRAS, Fernando de Barros. A corrupção no Brasil e as instituições políticas. 2006. Disponível em: Acesso em: 10/05/2017.

<sup>256</sup> Entrevista concedida por Pedro Luís, em 22 de novembro de 2016.

<sup>257</sup> Entrevista concedida em 19 de julho de 2014.

<sup>258</sup> Marcos Otávio Bezerra, Corrupção: um Estudo Sobre Poder Público e Relações Pessoais no Brasil, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

<sup>259</sup> Informações contidas em entrevista feita no dia 13/04/2016.

Um dos shows, que teve grande apelo à época, ocorreu no ano de 1993, e para ocupar o posto de artista da noite foi escolhido uma das celebridades do mundo do carnaval da época: Jorginho do Império.

Desde cedo ligado ao carnaval - por conta do seu pai Mano Décio da Viola, importante sambista e fundador da escola de samba Império Serrano – Jorge Antônio Carlos, ao longo da sua vida, sempre manteve laços estreitos com o carnaval e com o samba, sendo ele puxador de samba enredo, diretor de carnaval, diretor de harmonia, compositor, cantor, entre outros cargos.<sup>260</sup>

Jorginho do Império descreve esse primeiro encontro:

Quando fui convidado por um amigo meu, chamado Gaguinho, para fazer um show lá na Unidos do Porto da Pedra, eu não imaginei o que estava por vir. Eu cheguei, e encontrei meus músicos numa casa, que a casa pertencia ou pertence ao Pedro, Pedrão como a gente chama carinhosamente, Pedro Gordo, o rei momo de São Gonçalo. (...)Eu cheguei e meus músicos estavam muito felizes, pelo acolhimento, pela forma que eles foram acolhidos por todo mundo, e começaram a falar muito de uma pessoa que eu ainda não tinha conhecido, que eu não tinha visto ainda, que era um cara de cabeça branca, “que chegou aqui e nos tratou super bem” - isso eram os músicos falando.<sup>261</sup>

Segundo o mesmo, o clima “acolhedor” lhe lembrava o Império Serrano, escola de samba na qual foi criado, isso porque “lá tinha muita gente humilde e que dividia o pouco que tinha”<sup>262</sup>.

E continua:

E daí a pouco apareceu Sergio de Oliveira, carinhosamente Serginho, como a gente tratava. E nós assim, nos identificamos. Foi uma paixão à primeira vista e dali nasceu esse carinho que eu tenho até hoje pelo Porto da Pedra, e aí eu comecei a bater um papo ali com ele e daqui a pouco veio alguém e falou que ele tinha que me levar para conhecer a grande quadra, a grande obra da nova quadra, que naquela ocasião era obra da bela quadra que hoje a Porto da Pedra tem. E nós fomos lá, e ele todo empolgado falando da obra, falando que o palco ia ter 90 metros quadrado, que ia ter uma sala de médicos, para se ocorresse algum problema lá ia ter médicos nos ensaios e eventos da escola. Os banheiros, que iria fazer um banheiro muito bonito e que iria colocar pessoas para cuidar dos banheiros. Até então a gente não via isso nas quadras das escolas de samba, essa preocupação, esse zelo para com as pessoas que frequentam as quadras.<sup>263</sup>

<sup>260</sup> Visto em: <http://dicionariompb.com.br/jorginho-do-imperio> (acessado em 27/03/2017)

<sup>261</sup> Entrevista concedida por Jorginho do Império, em 25 de fevereiro de 2016.

<sup>262</sup> Entrevista concedida em 25 de fevereiro de 2016.

<sup>263</sup> Entrevista concedida em 25 de fevereiro de 2016.





Cabrinha e Jorginho do Império comemorando um título da Porto da Pedra. (Acervo Pedro Celestino).

Mais à frente discorreremos sobre as questões pertinentes a este espaço narrado por Jorginho, que segundo nosso entendimento, teria sido um dos principais artifícios de a Porto da Pedra alcançar, rapidamente, aos patamares que chegou. Por hora, basta dizer que este lugar o qual este personagem se refere é a “nova casa de shows” que estava sendo construída por Jorge Lambel e por Sérgio de Oliveira no ano de 1993

Vale lembrar que, tal como nos mostra Cavalcanti<sup>264</sup>, a entrada de novos profissionais em uma escola de samba ou em qualquer estrutura que demande trabalho em conjunto acaba por promover mudanças substanciais no seio da mesma. Isso porque novas pessoas possuem novas ideias e trazem consigo novas experiências e vivências, em contrapartida, aqueles que ali já estavam podem criar certo distanciamento desses novos personagens, tal como ocorrido com a Porto da Pedra com a entrada do carnavalesco Mauro Quintaes e a e a subsequente saída do artista que até 1994 fazia a parte alegórica e artística da agremiação.<sup>265</sup>

<sup>264</sup> CAVALCANTI, Maria Laura. *Carnaval, ritual e arte*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2015.

<sup>265</sup> Entrevista concedida por Mauro Quintaes, em 17 de maio de 2016.



Jorge Lambel em desfile na Marquês de Sapucaí. (Acervo Dona Gilce de Oliveira)

Vale lembrar que, a ideia dos patronos da escola de samba gonçalense era se manter no carnaval gonçalense e fazer crescer esse novo empreendimento. Assim sendo, não podemos atrelar - pelo menos não nesse momento - a nova construção com a Porto da Pedra.

Novamente dissertando sobre a ida de Jorginho do Império para a Porto da Pedra, é entendido pela totalidade de meus entrevistados que, tal encontro modificou totalmente os direcionamentos pensados para o carnaval da agremiação.

Se eu me lembro bem, a gente tinha um carnaval preparado para desfilar em São Gonçalo, foi o Jorginho que chegou e disse: isso aqui não é para você desfilarem pequeno, isso que vocês têm aqui é melhor do que muita Escola de Samba do Rio.<sup>266</sup>

Se até esse momento a agremiação pensava única e exclusivamente no carnaval da cidade de São Gonçalo, passou, com a chegada de Jorginho do Império a ponderar sobre uma possível ida para o carnaval carioca.

<sup>266</sup> Entrevista concedida por Pedro Luís, em 22 de novembro de 2016.

Então, a gente bateu aquele papo todo e descemos a rua e alguém desse grupo que estava nos acompanhando falou para ele me levar na casa do seu Manoel para a gente ver as fantasias do bloco Porto da Pedra. Rapaz, quando eu cheguei e vi as fantasias, fiquei alucinado, me encantou aquilo tudo que eu vi. E aí, eu comecei a me empolgar com o que eu estava vendo e com o que eles estavam desejando para o bloco do Porto da Pedra.<sup>267</sup>

Ao fim do show foi feita uma reunião na qual participaram Jorginho do Império, Jorge Lambel e Sérgio de Oliveira. Nela o cantor passou a acentuar as boas possibilidades que a Porto da Pedra tinha para com o carnaval. Essa conversa renovou os ânimos de Lambel, mas não contagiou seu sócio e melhor amigo.

Quem queria a escola era Lambel, Sérgio não queria de jeito nenhum. Teve um dia que Lambel foi para minha casa para pedir que eu falasse com Sérgio, porque ele mesmo não tinha como convencer ele. Aí foi pedir isso logo para mim. Isso foi de noite. No dia seguinte eu fui na casa de Sérgio e falei para ele da gente fazer a Escola e coisa e tal. Ele não queria e estava certo disso. Aí eu virei para ele e falei, lembro das minhas palavras até hoje: “Sérgio, Lambel é uma criança e a Escola de Samba é a pipa dele e você está rasgando a pipa dele. Está tirando o pirulito da boca dele.” Isso de algum jeito tocou ele, sabe? Eles eram muito amigos desde criança. Aí ele me disse: “você e Lambel são dois putos. Eu autorizo, dou o dinheiro que precisar, mas não vou mexer em porra nenhuma de samba”. Daí tocamos e quando o Jorginho chegou, ele começou a se animar mais. E eles também viraram amigos. Construíram uma amizade rápida, sabe?<sup>268</sup>

A chegada de Jorginho do Império trouxe consigo, além da experiência do mesmo em fazer carnaval, muitos contatos para os novos – e ambiciosos- planos da Porto da Pedra. Jorginho nos confidenciou em entrevista que: “conhecia muito bem o Jorge de Andrade, que era o presidente da Associação das Escolas de Samba e o José Luiz de Azevedo que era o diretor de turismo” e que havia conversado com ambos sobre a possibilidade de a Porto da pedra desfilar no carnaval do Rio de Janeiro.<sup>269</sup>

A vinda de Jorginho do Império, bem como de outros personagens que, mais à frente serão explicitados aqui, fez crescer a rede de relações e influência da recém-inaugurada Porto da Pedra. Antes a agremiação gonçalense contava “apenas” com um volumoso investimento advindo da empresa Comtrol S/a e suas articulações locais.

As relações estabelecidas até esse momento eram de extrema importância para a escola, pois a auxiliava em seus empreendimentos em São Gonçalo e redondezas. Contudo, com a mudança de planos, onde a direção da escola passou a vislumbrar a disputa do carnaval

<sup>267</sup> Entrevista concedida por Jorginho do Império, em 25 de fevereiro de 2016.

<sup>268</sup> Entrevista concedida por Sebastião Bergara, em 22 de novembro de 2016.

<sup>269</sup> Entrevista concedida por Sebastião Bergara, em 22 de novembro de 2016.

carioca, novas articulações deveriam ser feitas. E estas, certamente causariam estranhamento e conflitos dentro da própria instituição.

Há de se pontuar que a entrada de novos personagens na vida social da Porto da Pedra e, por seguinte do bairro homônimo, como foram os casos de Mauro Quintaes, Jorginho do Império e mais à frente Mestre Cosme e Nino Giovanetti, entre outros, acabou por modificar a lógica vigente tanto na agremiação quanto no bairro. Esses sujeitos, chamados pela direção da instituição para compor o seu quadro de funcionários, muitas das vezes eram entendidos como adversários daqueles que já produziam o carnaval da Porto da Pedra.

A vinda desses novos mediadores culturais<sup>270</sup> se deu por conta de uma recém empreendida tática, que a partir de 1994, passou a investir na contratação de indivíduos com experiência no carnaval carioca. Tal atitude denota competitividade, mostrando as demais agremiações maior investimento, profissionalismo, modernização e eficiência afim de alcançar melhor lugar na disputa no carnaval carioca no menor tempo possível. Isto, como pode-se pensar, é uma das maneiras da Porto da Pedra mostrar quais seriam os seus objetivos. E esta, como bem se sabe, é uma das maneiras de uma agremiação recém (re) inaugurada se relacionar com as outras, já estabelecidas.

A vinda desses novos personagens, que muitas vezes não eram nascidos e nem frequentavam a cidade de São Gonçalo, causava conflitos internos e externos a escola de samba. Para aqueles que já montavam o carnaval da agremiação, os recém-chegados representavam uma ameaça aos seus cargos.

A exemplo Paulo Chaffin, ficou sem função ativa dentro da Escola de Samba. Isso porque se antes ele era o principal responsável pela compra do material das fantasias, com a chegada de um novo carnavalesco, esta função deixou de ser dele, passando para este novo personagem e sua equipe.

O exemplo citado acima elucida como a chegada de novos sujeitos acabou por transformar inúmeras realidades existentes dentro do bairro. Além do mais, a vinda dessas pessoas trouxe consigo novos olhares e percepções sobre o bairro. Contudo, não pode-se negar que a recíproca também é verdadeira, uma vez que os frequentadores do lugar também influenciaram a vida desses novos personagens.

A chegada de novos profissionais (mediadores) foi de extremo auxílio para o rápido crescimento da instituição no carnaval carioca. Se formos pontuar através de uma linha

---

<sup>270</sup> SANTOS, Nilton. *“Carnaval é isso aí. A gente faz para ser destruído!”: Carnavalesco, individualidade e mediação cultural*. Tese (doutorado em ciências humanas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

temporal o crescimento da Porto da Pedra no início dos anos 1990 temos, do período em que há a reestruturação da agremiação até a sua primeira participação na principal divisão do carnaval carioca, apenas 3 carnavais (1994 até 1996). Porém, faz-se necessário dizer que, por conta dessas assistências, a Porto da Pedra por vezes passou a ser taxada com o rótulo de escola de samba beneficiada pela Liga por algumas outras instituições e amantes do carnaval.

Deve-se destacar, entretanto, que a direção da agremiação parecia estar preocupada com prováveis animosidades que estavam sendo geradas entre alguns diretores, a comunidade e esses sujeitos que estavam chegando para prestar serviços à instituição. Isso porque, neste mesmo período em que começaram a chegar essas pessoas vindas de fora do bairro, a quadra da Porto da Pedra passou a ser usada para vários eventos que congregavam moradores e trabalhadores do Porto da Pedra. Além disso, Jorge Lambel entendia que a quadra deveria ser um espaço de lazer para a comunidade moradora do bairro do Porto da Pedra e cercanias.



Na festa em comemoração aos dias das mulheres, o carnavalesco Mauro Quintaes entrega alguns buquês de rosas. (Acervo Gilce de Oliveira).

Outro fato relevante em relação a essas aproximações feitas por Jorginho do Império é o ajuntamento que a agremiação gonçalense passou a ter com outras escolas de samba e também com a LIESGA – Liga das Escolas de Samba do Grupo de Acesso.

Discorrendo primeiramente sobre a aproximação com outras escolas de samba, sabe-se que desde o fim da década de 1980, Jorginho do Império comandava o carnaval da GRES

União da Ilha do Governador, o que de maneira simples fez aproximar os laços entre as duas instituições. Tal fato, inclusive foi preponderante para que a agremiação da Ilha do Governador fosse conclamada como madrinha da Porto da Pedra.

Esses novos profissionais acionados pela direção da instituição absorvem para si o papel de mediadores. Estes passam a dialogar dentro da escola de samba com outros setores da mesma, fazem a ponte entre a agremiação e os seus adeptos e também constroem relações entre a Porto da Pedra e outras instituições carnavalescas, tais como outras escolas de samba e associações voltadas para o carnaval.

Esses mediadores tem um papel imprescindível para a Porto da Pedra, isso porque a escola entrara em um novo mundo, com novas regras e articulações, ter por perto pessoas que já conheciam a maneira como esses arrolamentos se constituíam era, certamente, algo proveitoso para a instituição.

Jorginho do Império, por exemplo, passou a auxiliar a Porto da Pedra com o seu conhecimento. Este mediador passou a amplificar através de suas redes de sociabilidade o nome da escola. Foi a partir dele que a agremiação gonçalense conseguiu uma madrinha, que lhe forneceu um barracão e trabalhadores. Jorginho se utilizou também de suas amizades com Paulo de Almeida para fazer com que a Porto da Pedra pudesse galgar lugares mais expressivos no seu rápido crescimento.

Mauro Quintaes é outro personagem que pode ser entendimento aqui como mediador cultural da instituição, pois ele, a partir de 1994, trouxe consigo alguns profissionais de outras agremiações, que passaram a trabalhar em São Gonçalo e a construir o carnaval da Porto da Pedra.

A chegada desses novos personagens também faz deles importantes peças desta mediação existente entre a agremiação, população e outras instituições carnavalescas. Isso porque, um ferreiro que tinha sido contratado para trabalhar na Porto da Pedra levaria consigo suas vivências para São Gonçalo e o mesmo ocorreria quando este mesmo senhor voltasse para casa ou passasse a frequentar os bares existentes no bairro. Ele seria, desde modo, uma ponte entre a agremiação e o mundo.

Isso é só uma performance que tem no meio do carnaval. O império é padrinho da Beija-flor de Nilópolis, a Portela é madrinha da União da Ilha, isso aí é uma afinidade das pessoas, dos dirigentes. Para o Porto da Pedra é a Ilha, por ter oferecido o barracão, cedido o Mestre Paulão, cedido o Jorginho do Império, quer dizer, no meu caso não tinha nada a ver com a União da Ilha, embora eu estivesse fazendo o carnaval, era mais pela proximidade que a gente tinha, a gente levava os ritmistas da União da Ilha, o Sérgio e o Lambel eram pessoas queridas que sempre estavam lá, no barracão da União da Ilha, junto com o Peixinho e com o Beto Maia,

que eram dirigentes lá da Ilha. Então se criou um laço de amizade com essas pessoas. Um dia o Sérgio virou para mim e disse: “Aí então vamos fazer o batizado, já falei com o Beto Maia e com o Peixinho que a União da Ilha vai ser a madrinha da escola e o padrinho é você”.<sup>271</sup>

No mundo do carnaval, o apadrinhamento a uma escola de samba se reveste em uma áurea sagrada. Tal ação, além de possuir grande simbolismo, faz com que comunidades com histórias e construções sociais distintas se aproximem, isso além de entrelacem seus vínculos de maneira perpétua. Ademais, o ato de apadrinhar, além de constituir-se enquanto ritual, também estabelece mútuos comprometimentos entre as instituições.

No caso deste apadrinhamento em específico, tem-se ciência de que a Porto da Pedra recebeu determinadas benesses, tais como apoio de pessoal competente e a concessão de um barracão na zona portuária do Rio de Janeiro. Em contrapartida, a agremiação carnavalesca passou a prestar algumas mercês a União da Ilha, estes muito mais ligados a questões simbólicas, como por exemplo fazer uma festa para “agradar a sua madrinha”, divulgar seu nome, cantar alguns sambas da mesma.<sup>272</sup>

Contudo, uma dúvida surge: Por que a agremiação escolhida para apadrinhar a Porto da Pedra foi a GRES União da Ilha do Governador? Dentre algumas explicações possíveis podemos citar que o próprio Jorginho do Império, por aqueles anos, estava à frente da organização de carnaval da instituição.

A União da Ilha era a escola que eu era diretor, fui até 95, eu era diretor e tinha a escola nas minhas mãos, eu sabia o que eu podia oferecer para a Unidos do Porto da Pedra e a Unidos do Porto da Pedra tinha muita coisa que a gente estava trazendo até pelo que já estava dentro do meu sangue com relação a União da Ilha, você vê que é uma escola leve. A Porto da Pedra é uma escola leve, igual a União da Ilha, são muito parecidas, eu não podia interferir, e eu não podia colocar na Porto da Pedra um negócio que é mais pesado, como é o Império Serrano.<sup>273</sup>

Além disso, entende-se que existem alguns outros fatores para que a União da Ilha se apadrinha a Porto da Pedra:

É a União da Ilha por tudo, mestre Paulão, que é um cara que gosta de bateria que brinca, o Cosme que veio junto com ele, o Riquinho que hoje é mestre de bateria da Santa Cruz e era ritmista do Paulão na época, então nós fomos criando uma escola em paralelo a União da Ilha do Governador, as cores Vermelho e Branco e a União

<sup>271</sup> Entrevista concedida por Jorginho do Império, em 25 de fevereiro de 2016.

<sup>272</sup> Entrevista concedida por Seu Jorair Ferreira, em 19 de novembro de 2016.

<sup>273</sup> Entrevista concedida por Jorginho do Império, em 25 de fevereiro de 2016.

da Ilha é Vermelho, Branco e Azul, entendeu? E tudo isso influi. As pessoas na ilha andavam de Porto da Pedra nos ensaios da União da Ilha do Governador.<sup>274</sup>

Sendo assim, estabelece-se através de valores antigos do carnaval um laço entre as duas instituições. A Porto da Pedra, que pouco tinha para oferecer, concedeu a União da Ilha, a honraria de se tornar a madrinha. Isso, embora pareça pouco, aumenta sua notoriedade entre seus pares. Se antes a escola não tinha ninguém que se espalhasse em seu modelo de carnaval, agora possui – pelo menos – uma agremiação a quem lhe reverencie. E isto foi providencial para a escola da Ilha do Governador, que estava em franco crescimento desde a década de 1980.

A lógica do apadrinhamento entre escolas de samba é um ritual banhado de simbolismo. No caso da Porto da Pedra também houve um auxílio estrutural. Isso porque, se a mais nova agremiação ganha apoio de pessoal e de estrutura, a mais velha recebe, simbolicamente o título de madrinha, o que lhe dá prestígio dentro deste universo. Ao longo dos anos de 1993 até 1995, a GRES União da Ilha do Governador, concedeu a Porto da Pedra dois mestres de bateria, Mestre Cosme e Mestre Paulão; diretores de harmonia, um engenheiro hidráulico, além de um barracão na região portuária do Rio de Janeiro.

Outro emparelhamento necessário e, também conquistado pelo GRES Unidos do Porto da Pedra ainda no ano de 1994 figurava no campo político. A direção da agremiação gonçalense traçou como plano de ação ter por perto, importantes escolas de samba e membros das ligas carnavalescas que figuravam por aquela época.

Além da União da Ilha do Governador, outra Escola de Samba que prestou auxílio a Porto da Pedra em seus anos iniciais foi a GRES Beija-flor de Nilópolis. Fez isso através da concessão de alguns documentos, tais como seu Estatuto e algumas atas de reuniões “para que a Escola soubesse como se organizar no carnaval”<sup>275</sup>.

O responsável por esse intercâmbio entre as duas escolas, foi Genilton de Souza Pereira, ou Godzila, que nesse momento figurava como diretor da Porto da Pedra e que hoje ocupa o cargo de vice-presidente da Escola de Samba. Genilton tinha na Beija-flor alguns amigos, dentre os quais um primo. Este, usando sua influência dentro da Escola de Samba, conseguiu para Sebastião Bergara, o estatuto da agremiação nilopolitana. Tendo em mãos uma cópia do documento, Godzila deu a Tião Bergara, que fez uso da mesma para basear o livro de regras do tigre de São Gonçalo.

---

<sup>274</sup> Entrevista concedida em 25 de fevereiro de 2016.

<sup>275</sup> Entrevista concedida em 25 de fevereiro de 2016.



O Godzilla tinha um relacionamento com o pessoal da Beija-flor, alguém lá que tinha influência na Beija-flor e com isso ele pegou o regulamento da Beija-flor e trouxe para que eles fizessem o regulamento da Porto da Pedra pelo regulamento da Beija-flor, então a relação que eu sei é essa. O Godzilla que é o cara, ele desfilava pela Beija-flor, e através dele que conseguiram fazer isso.<sup>276</sup>

Sabe-se que a GRES Beija-Flor de Nilópolis, deu um auxílio constante para com a Porto da Pedra, encaminhando ofícios e atas para a instituição gonçalense. Conforme descrito, o estatuto da agremiação de Nilópolis traz a inspiração para a renovação do estatuto da Porto da Pedra, que foi regulamentado em reunião no dia três de novembro de 1993.

Estes fatos interligados nos dão clara visão das trocas existentes entre as agremiações ligadas a manifestações populares. Isso significa que por entre as trocas materiais também haviam trocas simbólicas.

Além disso, faz-se interessante verificar que esse ciclo não se fecha com as benesses que a Porto da Pedra recebia das escolas de samba que frequentavam as principais divisões do carnaval carioca. A instituição carnavalesca oriunda de São Gonçalo também passou a auxiliar, a partir do ano de 1996, alguns grupos folclóricos da região, para quem sabe “manter essa corrente”, isso porque “já tinham dado para a gente lá atrás e seria dever da gente passar para frente alguma ajuda”. Se por um lado, estas relações de troca mantêm os laços com a comunidade, por outro se reafirma no cenário mais amplo do carnaval carioca.

Era como se fosse uma corrente do bem, a Porto da Pedra, tinha recebido uma ajuda lá atrás (...) e tinha um pessoal que desfilava com a gente e depois ia fazer festa junina (...) as peças que a gente não ia usar, que ia jogar fora, a gente dava para esse pessoal. Inclusive tinha uma ala, acho que isso era em 1996, que era só do pessoal do Boa Vista que dançava quadrilha.<sup>277</sup>

---

<sup>276</sup> Entrevista concedida em 25 de fevereiro de 2016.

<sup>277</sup> Entrevista concedida em 19 de novembro de 2016.



Baianas da Porto da Pedra que foram doadas para a quadrilha do bairro do Porto da Pedra. (Acervo Cristiano Pereira)

Cristiano Pereira, conhecido também como Carequinha, é um dos organizadores de quadrilhas no bairro do Porto da Pedra e Boa Vista. Ele nos conta que “durante anos a Porto da Pedra nos ajudou com as sobras de tecidos”<sup>278</sup>.

Esse fato, nos faz crer que, tal corrente, realmente era mantida, por talvez os integrantes da Porto da Pedra, passarem a buscar novos adeptos e foliões para as suas fileiras de integrantes.

Inclusive tinha um componente nosso, que na época era presidente de ala aí na Porto da Pedra. A gente trocava muitas informações, muitas ideias, de mão de obra, de ajuda. Essas coisas eram gratificantes. Para gente então que era da quadrilha foi muito útil. Durante muito tempo a gente usava o nome do Porto da Pedra, inclusive o nome da nossa quadrilha era Balão Dourado do Tigre, durante o tempo em que a gente disputava alguns concursos lá no Rio, a gente usava o nome do Porto da Pedra.<sup>279</sup>

<sup>278</sup> Entrevista concedida por Cristiano Pereira, o Carequinha, em 29 de março de 2017.

<sup>279</sup> Entrevista concedida por Cristiano Pereira, o Carequinha, em 29 de março de 2017.



Rancho Folclórico Boa Vista se apresentando na Quadra da Porto da Pedra. (Acervo Cristiano Pereira)

Disso podemos retirar duas informações. A primeira é que as festas populares comuns no município de São Gonçalo e, que estavam atreladas a comunidade que cercava o GRESUPP desde seus primórdios (1973) continuavam vigorando e se auxiliando mutuamente. Sabe-se que uma, por exemplo, doava tecidos. A outra, nesse sentido, contribuía com pessoal e propagando a Porto da Pedra através de festas juninas.

A segunda informação, a qual nos referimos acima, diz respeito ao ciclo de cooperação que existia entre algumas instituições que promoviam atividades culturais. Se, por um lado, a Porto da Pedra recebia da Beija flor ou da União da Ilha do Governador algum tipo de auxílio, por outro, ajudava doando fantasias, pessoal e “às vezes até dinheiro”<sup>280</sup>.

---

<sup>280</sup> Entrevista concedida em 29 de março de 2017.



Reportagem do Jornal O São Gonçalo de agosto de 1997.

Retornando a análise referente aos múltiplos processos aos quais o Unidos do Porto da Pedra passava, vê-se que a mesma passou a buscar alguns aliados em sua empreitada afim de se consolidar no carnaval do Rio de Janeiro. Deste modo, vinculações políticas se faziam de inteira importância para a agremiação.

Uma das figuras mais citadas nas entrevistas realizadas a fim de conhecer o período em que a Porto da Pedra começou a se organizar para desfilar o carnaval carioca é o senhor Paulo de Almeida. O mesmo foi, durante o período compreendido entre 1993 e 1995, presidente das duas principais ligas carnavalescas da cidade do Rio de Janeiro: a LIESA (Liga Independente das Escolas de Samba) e a LIESGA (Liga Independente das Escolas de Samba do Grupo de Acesso). Há de se dizer que desde o final da década de 1980, Paulo de Almeida estava também ligado a cargos públicos, sendo ele vereador e deputado federal.

E além das aproximações intermediadas por Jorginho do Império e também das vontades políticas existentes nesse processo, também havia um plano traçado pela LIESA de contar com um grupo maior de Escolas de Samba oriundas de outros lugares do estado, que não a cidade do Rio de Janeiro. Deste modo, tanto a baixada fluminense quanto os municípios de São Gonçalo e Niterói foram beneficiados. Neste sentido, escola de samba como GRES

Unidos do Viradouro<sup>281</sup>, a GRES Unidos da Ponte<sup>282</sup> e a GRES Unidos do Cubango<sup>283</sup>, além da GRES Unidos do Porto da Pedra começaram a ter notabilidade no carnaval carioca, que antes era feito somente por escolas do município do Rio de Janeiro e regiões próximas.

É também nesse momento que a Porto da Pedra se filia a AESCRJ (Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro) e com isso “abre caminho” para poder promover seus desfiles em solo carioca.

Uma vez que todo o planejamento do carnaval da Porto da Pedra tinha sido modificado a partir da chegada de Jorginho do Império e o crescimento abrupto da empresa de extração de óleo Control, de propriedade de Sérgio de Oliveira e Jorge Lambel, passou também a se modificar a ideia sobre a utilização do novo empreendimento da dupla. A chamada “quadra nova”, localizada na rua João Silva, número 84, deixou de ser pensada como uma casa de shows e passou a ser a mais nova sede da instituição. A utilização da mesma foi um dos trunfos que Jorge Lambel havia pensado “para transformar de vez a escola”.<sup>284</sup>

---

<sup>281</sup> Escola de Niterói, fundada 24 de junho de 1946, e que ganhou o primeiro lugar do grupo especial no ano de 1997. Ver mais em MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antônio. Samba de Enredo: História e arte. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2010.

<sup>282</sup> A escola originária do município de São João de Meriti, foi fundada no dia 3 de novembro de 1952, Em 1992 a escola foi vice-campeã do então Grupo 1, e voltou ao Grupo Especial no ano seguinte até 1996, totalizando assim 10 participações nesse grupo. Ver mais em: CABRAL, Sergio. As Escolas de Samba - o que, quem, onde, como, quando e porque”, Rio de Janeiro, Fontana. 1974.

<sup>283</sup> Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Cubango é uma escola de samba tradicional da cidade de Niterói, que desde os anos oitenta participa do carnaval carioca. Ver mais em: CABRAL, Sergio. As Escolas de Samba - o que, quem, onde, como, quando e porque”, Rio de Janeiro, Fontana. 1974.

<sup>284</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.



Jorge Lambel, acompanhado por segurança, em desfile na Marquês de Sapucaí

Com a associação da agremiação a AESCRJ (Associação das Escola de Samba da Cidade do Rio de Janeiro), órgão que capitaneava todas as atividades das ligas menores, a Porto da Pedra desfilou em quatorze de fevereiro de 1994, uma segunda-feira de carnaval, a escola de samba pisa desfila pela primeira vez em solo carioca. Com “O novo sol do amanhã” a Porto da Pedra conquistou o segundo lugar e dessa maneira conquistou uma vaga no grupo 4.<sup>285</sup>

O Porto da Pedra ficou em segundo lugar e todo mundo feliz lá em São Gonçalo, porque veio desfilando no Rio. E ainda levou o caneco. Aí o que acontece? A associação acabou, e aí fizeram a LIESGA.<sup>286</sup>

---

<sup>285</sup> Pesquisado em: <http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-do-porto-da-pedra/1994/21/>

<sup>286</sup> Entrevista concedida em 25 de fevereiro de 2016.



Fantasia Porto da Pedra 1994 (Acervo da GRESU Porto da Pedra).

Todavia, devido a problemas internos na AESCRJ foi criada a LIESGA (Liga Independente das Escolas de Samba do Grupo de Acesso), que seria mais próxima politicamente da LIESA (Liga Independente das Escolas de Samba). Em um primeiro momento a nova liga tratou de modificar os grupos, que deixaram de ser conhecidos como 1, 2, 3 e 4 para passarem a ser chamados de Grupo de Acesso A B C D E. Tal modificação demonstra a proximidade de ambas as ligas, uma vez que no nome das séries foi acrescentado a palavra ACESSO, o que dá a entender que o grande objetivo de uma escola de samba seria chegar a se filiar a LIESA e fazer parte da agora principal liga carnavalesca do Estado do Rio de Janeiro.

Jorginho conta ainda que, a partir de uma conversa com um amigo, conseguiu saber como proceder acerca deste problema com a Associação.

Um dia eu passo pelo largo do Santo Cristo e encontrei o Carlinhos Bacalhau, falecido, que era um bicheiro meu amigo e ele me disse: “Poxa Jorginho, você não sabe da maior cara. Acabou a associação, fizeram a LIESGA e levaram para o Paulo de Almeida ser o presidente da LIESGA, porque ele já é o presidente da Liga (LIESA), daí vai ser o presidente da LIESGA e vai comandar as duas ligas”. Daí eu disse: “Está bom. Beleza.” E ele continuou: “Mas olha Jorginho, você sabe que a Vizinha Faladeira era do mesmo grupo que a Porto da Pedra, e eu consegui colocar a Vizinha no grupo A.” e eu falei: “Carlinhos, você conseguiu isso cara?” E ele respondeu: “Jorginho, por que você não dá um pulo lá?”. Eu falei: “Cara, mas eu não sei nem onde é a liga?” E realmente eu não sabia onde era. “Carlinhos, posso deixar o meu carro aqui no seu ponto?” “Pode”. Aí deixei o carro lá, peguei um

taxi, ele me deu o endereço e fui. “Avenida Rio Branco, número quatro, décimo oitavo andar, chega lá, você procura o Paulo”, e eu fui.<sup>287</sup>

Vale lembrar que durante esse período cresceu bastante o poderio dos bicheiros cariocas, que em fins dos anos 1980 criaram a LIESA (Liga Independente das Escolas de Samba), popularmente chamada de Liga e que viam com potencial político e econômico uma possível ida para os grupos de escolas de samba abaixo do especial.<sup>288</sup>

Para Cavalcanti, a criação da LIESA redefiniu os rumos e fez criar novas práticas e articulações no carnaval da cidade do Rio de Janeiro. Contudo, mesmo o poder dentro da instituição mantendo-se nas mãos dos dirigentes das escolas de samba, o poderio maior estava nas mãos da Liga, sob o comando dos bicheiros. A partir desse momento, os diretores e presidentes de escolas de samba precisariam estar ligados a algum personagem do jogo do bicho e da LIESA para se manterem entre as principais agremiações.<sup>289</sup>

As relações, entretanto, mantiveram-se análogas, não havendo, por exemplo uma inversão de autoridade, isso porque o poder dentro da instituição mantinha-se nas mãos dos dirigentes das escolas de samba. Contudo, a partir desse momento, estes diretores e presidentes precisariam estar ligados a algum personagem do jogo do bicho e da LIESA.<sup>290</sup>

Por conta dessas mudanças, as agremiações que não se articularam com essa nova gerência do carnaval carioca começaram a debandaram, sendo que algumas ainda tentaram – sem sucesso – criar outras ligas e/ou associações.

Com o racha, decidiram não desfilar por essa nova liga, o que, fatalmente, gerou algumas vagas para novas associações carnavalescas. Todavia, não seria a colocação e nem os últimos resultados que fariam uma escola de samba subir para o “grupo de cima”, tal ação seria decidida a partir do maior emparelhamento da escola de samba com a direção da liga.

Jorginho continua seu relato, mostrando-nos que, mesmo com um bom desfile e com sua respectiva classificação, ter bons contatos era essencial para as pretensões da escola de samba de São Gonçalo.

---

<sup>287</sup> Entrevista concedida em 25 de fevereiro de 2016.

<sup>288</sup> CAVALCANTI, Maria Laura. *Carnaval, ritual e arte*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2015, p.p.155.

<sup>289</sup> CAVALCANTI, Maria Laura e GONÇALVES, Renata. *Carnaval em múltiplos planos* (Org.). Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009, p. 98-102.

<sup>290</sup> CAVALCANTI, Maria Laura e GONÇALVES, Renata. *Carnaval em múltiplos planos* (Org.). Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009, p. 120-124.



Eu fui na Avenida Rio Branco, número quatro, décimo oitavo andar para conversar com o Paulo Almeida, e aí a gente bateu um papo, ficamos lá conversando e eu estava falando para ele da importância do Porto da Pedra até ali, falei da construção das quadras, da população de São Gonçalo, dos valores e do nível de samba, dos sambistas de São Gonçalo, e o que eles, Jorge Lambel e o Sergio de Oliveira e toda a diretoria do Porto da Pedra naquela época pretendiam com a Escola. Então seria importante se eles realmente pudessem dar uma oportunidade. (...). Teve uma reunião naquela mesma noite e aí fizeram um regulamento em que a Presidência dessa nova liga poderia convidar duas ou três escolas, não me lembro bem, mas sei que foi aí que a gente entrou.<sup>291</sup>

Tendo Jorginho do Império como interlocutor e Jorge Lambel e Sérgio de Oliveira como investidores, a Porto da Pedra passou a ser uma agremiação bem vista pela direção dessa nova associação, que “queria ter parceiros fortes para já nascer forte”<sup>292</sup>.

Além de ter capital para investimento e uma estrutura bem montada, o GRESUPP possuía ainda outro atrativo para o senhor Paulo de Almeida, que embora fosse, neste momento, presidente da LIESGA e também da LIESA, ainda almejava se tornar deputado federal.

E nesse meio tempo, em que a escola estava em ascensão, o Paulo de Almeida era o presidente da associação das Escolas de Samba. O Paulo de Almeida estava em um momento eleitoral, ele estava em campanha política e foi convidado a ir ao Porto da Pedra para conhecer a nova quadra.<sup>293</sup>

Observando a situação em que se encontrava, Paulo de Almeida, que era sem sombra de dúvidas, um dos principais nomes políticos da cidade do Rio de Janeiro, viu nos cerca de um milhão de gonçalenses a oportunidade de conseguir chegar ao cargo de deputado, que tanto ambicionava. A Porto da Pedra, neste sentido, seria uma excelente interlocutora entre o presidente da LIESGA e a população do lugar.

Deste modo, a LIESGA – presidida por Paulo de Almeida - decidiu aumentar o número de escolas participantes em cada uma das divisões. A Renascer de Jacarepaguá, a Inocentes de Belford Roxo e a União de Rocha Miranda, terceira, quinta e oitava colocadas, respectivamente foram convidadas pela LIESGA a compor o grupo de Acesso B, em contrapartida a Unidos do Uraiti não desfilou e se desligou, entrando posteriormente na justiça.

---

<sup>291</sup> Entrevista concedida em 25 de fevereiro de 2016.

<sup>292</sup> Entrevista concedida em 25 de fevereiro de 2016.

<sup>293</sup> Entrevista concedida por Mauro Quintaes, em 17 de maio de 2016.

E como planejado, a Porto da Pedra foi convidada pela LIESGA a integrar o Grupo de Acesso A (antigo Grupo 1) no ano de 1995<sup>294</sup>. Esse feito só pôde ter sido concretizado graças à estrutura da escola e pressões feitas por algumas agremiações como União da Ilha e Beija-Flor, além, é claro, da proximidade de Jorginho do Império com o então presidente da Liga, Paulo de Almeida.

Outros órgãos que estavam interessados nesse debate eram a RIOTUR, que é a empresa de turismo do município do Rio de Janeiro e a LIESA, que via nos grupos inferiores um grande potencial de crescimento. Apesar de haver uma forte ligação entre as duas ligas (LIESGA e LIESA), tendo até ambas o mesmo presidente, o senhor Paulo de Almeida, as ordens de ascensão e rebaixamento não foram respeitadas. Com isso a Porto da Pedra conseguiu receber um convite do presidente da liga para se filiar a entidade e com isso poder participar do então “Grupo de acesso A”. Em suma, a escola de samba de São Gonçalo “saiu” da quinta divisão (grupo de avaliação) para o segundo grupo (Acesso A).

E com isso ele (Paulo de Almeida) criou um regulamento dentro da Liga, da Associação que ele era o presidente, em que a associação naquele ano poderia convidar três escolas de qualquer grupo para integrar o grupo de acesso, e dentro dessas três escolas escolheram a Porto da Pedra para ascender para o grupo de acesso, e nessa ascensão a escola ganhou e foi para o especial. Quer dizer, eu na verdade peguei uma escola de grupo três e no final do ano estava no grupo especial.<sup>295</sup>

Tendo subido de divisão, a escola passou a pensar já no próximo carnaval e, algumas contratações foram feitas. Talvez, a maior delas tenha sido a vinda de um novo carnavalesco para o ano de 1995, seu nome é Mauro Quintaes:

Na verdade, eu fazia a Caprichosos de Pilares e durante o desfile do ano anterior (1993), quando eu fiz um trabalho com Joãozinho Trinta na Viradouro, eu encontrei um diretor de harmonia chamado Jorginho Harmonia, que me convidou. (...) Como eu já estava fazendo a Caprichosos, eu pensei: “vou fazer essa escola do grupo 3 que vai me dar mais uma experiência”, aí falei para ele: “Jorginho me coloca nessa sua escola.” Isso porque eu já tinha ouvido alguma coisa da escola. Ele me perguntou: “e você quer fazer a escola?” Eu falei: “quero”.<sup>296</sup>

Mauro Quintaes era, no ano de 1995, um jovem e promissor carnavalesco, tendo sido ele assistente de importantes e consagrados artistas, tais como Max Lopes, e Roberto Szaniecki e Joãozinho Trinta. Neste momento, estava trabalhando com Joãozinho Trinta na

<sup>294</sup> Disponível em: <http://www.academiadosamba.com.br/memoriasamba/desfiles/1994-4.htm>

<sup>295</sup> Entrevista concedida em 17 de maio de 2016.

<sup>296</sup> Entrevista concedida em 17 de maio de 2016.

Viradouro e assinando um de seus primeiros trabalhos solos na GRES Caprichosos de Pilares<sup>297</sup>.

Eu entro sem o menor compromisso, no sentido de não ter uma ambição muito grande, porque eu já estava numa escola do especial que era a Caprichosos de Pilares, no meu primeiro trabalho solo. (...) E pelo fato dessa proximidade entre São Gonçalo e Niterói, a Viradouro é de Niterói, meu nome já estava mais ou menos ali no zumzum do carnaval.<sup>298</sup>

Sobre a estrutura a qual estava sendo apresentado, Mauro nos conta que este, com certeza foi um dos trunfos que a agremiação tinha para galgar, rapidamente, posições no mundo carnavalesco, isso porque “não havia quadra de Escola de Samba no Rio de Janeiro que se comparasse com a da Porto da Pedra”,<sup>299</sup>.

O Sergio me levou, eu entrei no espaço e estava tudo apagado, sem luz e o meu olho começou a se acostumar com a penumbra e aí eu comecei a entender, eu comecei a olhar. Eu olhei e pensei: “que isso cara”. Era um mundo, era uma quadra enorme, para os moldes da época era uma quadra totalmente diferente, e o conceito que eles estavam implantando era um diferente também, conceito da limpeza, dos banheiros totalmente estruturados para receber os convidados, os camarotes forrados em granitos, um serviço de bufê diferenciado, a escola ficou conhecido por causa dos camarões, pela facilidade de ser ali perto da costa.<sup>300</sup>

A contratação de um profissional como Mauro Quintaes, neste momento, foi uma aposta, pois como se sabe, o mesmo apenas tinha sido assistente de importantes carnavalescos, todavia, seu trabalho já era bem recomendado em 1994. Sua entrada trouxe para a agremiação gonçalense um novo olhar acerca dos temas que seriam tratados. Consigo, Mauro trouxe uma equipe de funcionários que o auxiliaram na feitura destes desfiles que se sucederam.

Mais uma vez, eu trago os profissionais que trabalhavam com Max Lopes, que trabalhavam com Renato Lage, trago escultores, pintores de arte, ferreiros, carpinteiros, eu trago só a nada da mão de obra da época do carnaval carioca para trabalhar na Porto da Pedra, e fizemos um carnaval digno de grande escola. Trouxemos o Nino Giovanetti, para ser o nosso coreógrafo da comissão de frente, que já era um bailarino consagrado, já era um senhor na época, mas ele tinha toda uma história dentro do carnaval. E aí começamos a fazer.<sup>301</sup>

<sup>297</sup> Ver em: <http://dicionariompb.com.br/mauro-quintaes/dados-artisticos>

<sup>298</sup> Entrevista concedida por Mauro Quintaes, em 17 de maio de 2016.

<sup>299</sup> Entrevista concedida por Mauro Quintaes, em 17 de maio de 2016.

<sup>300</sup> Entrevista concedida por Mauro Quintaes, em 17 de maio de 2016.

<sup>301</sup> Entrevista concedida por Mauro Quintaes, em 17 de maio de 2016.

A entrada desses profissionais trouxe, além de seus conhecimentos técnicos, um novo olhar acerca do carnaval para a agremiação e também das outras agremiações para com a Porto da Pedra. Estes sujeitos seriam os mediadores desse universo carnavalesco e, que ocupam locais centrais na operação de transformações e traduções entre os distintos conjuntos de valores em jogo no carnaval carioca.<sup>302</sup>

Mauro Quintaes, que tinha sido contratado para fazer o carnaval da GRESUPP para o terceiro grupo do acesso, foi um dos empregados mais afetados com essa reviravolta ocorrida nos bastidores da ACESRJ, isso porque se antes pensava estar entrando “sem tanto compromisso” em uma agremiação que disputaria um grupo “sem tanta competição”, teve que rever seus conceitos e refazer seus planos para o desfile, pois se antes a escola deveria levar “cinquenta baianas, por exemplo, agora a gente tinha que (...) fazer o triplo”.<sup>303</sup>

Um dos caminhos utilizados pela Porto da Pedra para angariar pessoal foi, novamente, fazer uso de propagandas em meios midiáticos. Assim sendo, faz-se importante frisar que além da aproximação com instituições e pessoas ligadas ao mundo do carnaval, a direção da agremiação entendia que a propagação da marca Porto da Pedra era uma das principais maneiras de fazer a escola de samba crescer.

Tinha radialistas aqui no Rio, que a gente trazia camisa do Porto da Pedra, para a gente divulgar a Porto da Pedra nos seus programas de rádio. Fora do Rio, quando eu ia viajava, eu ia para Campos, para Macaé, para esses lugares, o Sergio me dava umas camisas para eu distribuir para o pessoal para divulgar o Porto da Pedra nesses lugares que a gente ia, então foi tudo maravilhoso.<sup>304</sup>

E continua:

Quando ia chegando o carnaval, fazíamos jantares regados a camarões enormes e frutos do mar somente para os jornalistas. O Porto da Pedra, inclusive, ficou conhecido aqui no Rio como a Escola de Samba que mais bem tratava esse pessoal. A gente sabia que eram eles que iriam falar bem ou mal da Escola, e sendo assim a gente tinha que ter neles bons amigos. O Sérgio era muito malandro, no bom sentido da palavra, e trazia todo mundo para perto dele e assim a Porto da Pedra ganhava mais pessoas que só a queriam bem.<sup>305</sup>

---

<sup>302</sup> SANTOS, Nilton. “Carnaval é isso aí. A gente faz para ser destruído!”: Carnavalesco, individualidade e mediação cultural. Tese (doutorado em ciências humanas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

<sup>303</sup> Entrevista concedida em 17 de maio de 2016.

<sup>304</sup> Entrevista concedida em 25 de fevereiro de 2016.

<sup>305</sup> Entrevista concedida em 25 de fevereiro de 2016.

Tratamos até o momento da ida da Porto da Pedra para grupo de Acesso A. Disserta-se até aqui sobre os fatores externos que levaram a agremiação a condição de desfilar no carnaval carioca. Contudo, sabe-se que muito do desenrolar dessa história está ligada inteiramente a estrutura que a Escola já possuía a partir de 1993.

Eu falava sempre da estrutura da Porto da Pedra, eu falava aos quatro cantos aqui do Rio de Janeiro: poucas escolas tinham a estrutura que eles tinham lá em São Gonçalo. Primeiro com aquela sede suntuosa, maravilhosa do Porto da Pedra, e o tratamento que eles davam para todo mundo. Eu lembro que falavam: “Fomos na república do camarão”, era cada camarão enorme, eles colocavam camarão em todos os camarotes. Eles faziam com que as pessoas saíssem daqui para se sentirem bem lá em São Gonçalo.<sup>306</sup>

Além de possuir uma quadra de ensaios moderna, localizada no bairro do Porto da Pedra, um barracão na zona portuária do Rio de Janeiro cedido pela sua madrinha GRES União da Ilha do Governador, a instituição passou a contratar funcionários que ou estavam em evidencia ou então tinham um “futuro promissor pela frente, como foi o caso de Watuir, Mauro Quintaes e Nino Giovanetti”.

Para além das articulações externas, houve dentro da própria instituição algumas modificações que fizeram com que a Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra inaugura-se, segundo Mauro Quintaes, um novo conceito sobre elaboração do carnaval e feitura de um desfile. Segundo o mesmo:

Então essa coisa de São Gonçalo, da Porto da Pedra mudou o conceito de escolas de samba em todo o Rio de Janeiro. Porque os grandes dirigentes começaram a pensar: “Uma escola pequena de São Gonçalo está nos recebendo tão bem”, porque todas eram convidados, a imprensa ia muito a Porto da Pedra e era sempre muito bem recebida. E começou a circular no meio carnavalesco, essa coisa de um novo conceito de recepção, de convidados e pagantes em uma quadra super estruturada, e eu tenho certeza absoluta que isso mudou muito a cara do carnaval, você hoje vai numa quadra do Salgueiro em que você encontra os banheiros a sua disposição. Então mudou muito isso e a Porto da Pedra foi pioneira nisso.<sup>307</sup>

Tal modificação implementada não era apenas direcionada a recepção de convidados e da imprensa. Havia também uma nova filosofia sendo aplicada na feitura das fantasias. Jorge Lambel e Sérgio de Oliveira passaram a contratar inúmeras costureiras para que estas fizessem as fantasias da agremiação. Outro fato que auxiliava na melhoria do trabalho dado era o tempo que estas trabalhadoras tinham para fazer tais fantasias, cerca de cinco meses.

<sup>306</sup> Entrevista concedida em 25 de fevereiro de 2016.

<sup>307</sup> Entrevista concedida em 17 de maio de 2016.

E uma das teclas que eu batia era: a escola é moderna, a escola é nova, a escola tem um diferencial, então o enredo também tem que ser assim. A escola está se propondo a fazer uma quadra diferente, o conceito de recebimento das pessoas é diferente, já está sendo entendido pelo meio do carnaval, então o enredo também tem que ser ousado. Então foi essa a aposta que eu fiz na ousadia. E funcionou.<sup>308</sup>

Jorginho do Império corrobora com esta tese e nos explica como era feito tal esquema:

Sobre as fantasias, eles montavam ateliês. Eles tiravam a responsabilidade do presidente de ala, porque teve um ano que alguns presidentes de ala estavam com dificuldade de vender as fantasias, e o Sérgio e o Lambel compraram todas as fantasias das alas e deixaram para os presidentes de alas para ficar só vendendo as fantasias com o pagamento na secretaria. Então você ia lá e comprava a fantasia sobre responsabilidade da escola, se a sua fantasia tinha dez plumas ia estar com as dez plumas. Porque antigamente as escolas de samba compravam uma fantasia com trinta plumas e o cara te entregava com vinte. Você pede um sapato 32 o cara te dá um sapato 35, entendeu? E lá eles tinham esse cuidado de fazer as pessoas irem lá, provarem as roupas e tirarem as medidas tudo certinho. Hoje em algumas escolas você ainda vê isso (...) eu vi esse trabalho, comprar a fantasia e pagar na secretaria, a escola é responsável pelas fantasias. O teu sapato era o teu número, tinha um sapateiro lá “Ah deixa fazer mais folgadinho um pouco, como é para desfile, deixa eu apertar...” então era tudo feito assim, na cabeça da pessoa, o chapéu era medido certinho, não tinha aquele negócio de ficar segurando chapéu para não cair, então tudo isso foi referência que eu passei para eles no Porto da Pedra, eu tinha essa experiência da Rocinha, que eles já faziam isso lá. E eles com uma estrutura maior conseguiram fazer.<sup>309</sup>

---

<sup>308</sup> Entrevista concedida por Mauro Quintaes, em 17 de maio de 2016

<sup>309</sup> Entrevista concedida em 25 de fevereiro de 2016.



Fantasia da Primeira Porta Bandeira da Porto da Pedra para o carnaval de 1996. (Acervo Cinthya Santos)

Pode-se dizer que, pelo fato de as fantasias estarem sendo feitas no próprio bairro do Porto da Pedra e por costureiras que, basicamente, eram contratadas, durante um período do ano, para as fazerem, sua qualidade aumentava.



Claudia Mauro, destaque da Porto da Pedra em 1996 (Acervo Cabrinha).

Além disso, os foliões que almejavam desfilar pela agremiação “recebiam o endereço das costureiras e iam lá para tirar as medidas”<sup>310</sup>. Isto, por si só, já confirma nossa ideia de que, durante os carnavais em que Sérgio de Oliveira e Jorge Lambel direcionavam os assuntos da instituição, havia a empregabilidade de uma nova e bem-acabada lógica de se fazer carnaval, este, segundo nosso entendimento, auxiliou a Porto da Pedra a conseguir, em um curto espaço de tempo, uma vaga entre as principais escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1996.

A qualidade das fantasias da Porto da Pedra foi assim uma coisa que hoje tem Escola de Samba que se espelha no que o Porto da Pedra fez quando ela surgiu aqui no Rio. Porque todo mundo viu a qualidade das fantasias, viu que não era fantasia de carregação, viu que não era fantasia que desmontava na avenida. Eles montaram vários ateliês, as pessoas chegavam lá, se você era presidente de ala, se você era o responsável pela ala, mas quem vendia a fantasia era a escola. Eu chegava lá e escolhia uma fantasia, mas onde eu pagava? Eu não pagava para o presidente de ala, eu pagava na secretaria. E o presidente da ala tinha tantas fantasias que ele tinha que vender.<sup>311</sup>

Em 1995, com o enredo *Campo Cidade: busca de felicidade*, de autoria de Mauro Quintaes, a escola fez seu primeiro desfile na Marquês de Sapucaí. Com um enredo dos compositores Elmo Borges, Oswaldo Barba, Zacarias e Jorge Quentinho, a GRES Unidos do

<sup>310</sup> Entrevista concedida em 22 de novembro de 2016.

<sup>311</sup> Entrevista concedida em 25 de fevereiro de 2016.



Porto da Pedra acaba por ganhar o carnaval, sagrando-se pela primeira vez campeã em solo carioca e, por seguinte conquistando uma vaga no grupo especial.



Ala dos compositores comemorando o primeiro título da agremiação Gonçalense (Acervo Pedro Celestino).

Dentre 19 escolas, a Porto da Pedra classificou-se em primeiro lugar, o que foi uma surpresa para muitos daqueles que acompanhavam o carnaval, ainda nesse mesmo ano, o interprete Wantuir recebeu o prêmio de melhor cantor da Série A.



Interprete Wantuir no carnaval de 1995. (Acervo Site do GRESU Porto da Pedra).

Ainda no ano de 1995 houve a eleição para presidência da agremiação que desde 1993 estava sendo presidida por Jorair Ferreira. Para comandar a instituição foi eleito pelo conselho de diretores Sergio de Oliveira. Faz-se interessante pontuar que, se antes Sergio não queria “ter nada a ver com a escola”, neste ponto, o mesmo já estava tão envolvido nas questões referentes a agremiação que decidiu seu ocupar o cargo mais importante. Para o ano em que a Porto da Pedra iria desfilar pela primeira vez no Grupo Especial, toda a estratégia para a elaboração do desfile foi repensada.



Livro de Apresentação do Carnaval de 1996 (Acervo Maurício Pinheiro)

Nino Giovanetti, por exemplo, foi uma das grandes contratações que a Agremiação promoveu no ano de 1996. Sua apresentação ao longo da avenida possuiu quinze componentes e buscou trazer inovações:

Todos os estilos, cores e detalhes dos variados Carnavais realizados em diversas partes do Mundo. (...). Por isso elaboramos bonitas fantasias que serão vistas no desfile, chamando a atenção para o complemento indispensável, o bem-humorado coringa.<sup>312</sup>

<sup>312</sup> Ver em: [http://comissaodefrente.blogspot.com.br/2011/11/comissoes-de-frente-de-1986\\_27.html](http://comissaodefrente.blogspot.com.br/2011/11/comissoes-de-frente-de-1986_27.html)



Diretoria da Porto da Pedra em 1996 (da esquerda para direita estão Jorge Lambel, Jorginho do Império, Mauro Quintaes e Sérgio de Oliveira) (Acervo Dona Gilce de Oliveira)

Entende-se, por fim, que para o carnaval de 1996, ano em que a escola se filiou a LIESA e também disputou contra as principais agremiações, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos do Porto da Pedra continuou com o seu processo de institucionalização, de estruturação, de articulação política, de mobilização cultural, além de continuar a modificar a vida social do seu bairro de origem. Fala-se isso pois, verificou-se que a agremiação procurou, nos anos que se seguiram, continuar a se profissionalizar e também a manter certo ritmo de crescimento, isso porque a lógica era que a escola de samba de São Gonçalo se mantivesse na elite do carnaval carioca, o que demandava organização, articulação e investimento. Todavia, esta é uma história para outro trabalho, que demandará novas entrevistas e pesquisas, que por sua vez, gerará novos questionamentos. Dessa forma, a Porto da Pedra, seja enquanto agente cultural ou como objeto de pesquisa, continuará a fazer parte da vida das pessoas e as pessoas também continuarão a modifica-la diariamente. E isso só, já é motivo de alegria, de festa, de Carnaval.

## CONCLUSÃO

Entender os processos que levaram institucionalização da agremiação carnavalesca Unidos do Porto da Pedra, bem como sua constituição, suas modificações e todo o processo de socialização em que ela estava envolta entre início da década de 1970 indo até 1996 são os objetivos desta tese. Para conseguir que estes desígnios fossem alcançados tivemos que, primeiramente, voltar no tempo e analisar a construção social do bairro do Porto da Pedra e suas redondezas, para entender a conjuntura na qual foram formadas determinadas relações que auxiliaram na constituição desta agremiação. Faz-se isso pois, sabe-se que desde da década de 1950 existia no bairro do Porto da Pedra a elaboração de alguns festejos ligados a festa juninas e ao próprio carnaval. Estes eram feitos mediante a doação dos moradores do lugar, o que já corrobora para o nosso entendimento de que existia no bairro uma lógica comunitária para a feitura de alguns eventos.

Todo esse processo se dava em um bairro populoso e que possuía em seu centro um local denominado largo da ATN (Arraial do Tio Nonô). Nele ocorriam as principais manifestações culturais da localidade. Ademais, era neste espaço que se localizava a habitação, o centro comercial, alguns templos religiosos, além de campos de futebol e terrenos baldios. Assim sendo, observa-se a importância de tal espaço para a constituição social do lugar, pois, como visto, era nele que as principais atividades sociais e trocas cotidianas ocorriam.

Por conta de sua centralidade para o bairro, o largo da ATN passou a sediar anualmente algumas festas e mobilizações sociais, o que também possibilitou a transferência deste conhecimento de uma geração para a seguinte. Esta organização foi preponderante para o emparelhamento de um grupo de jovens moradores, que em 1973, construiu em um antigo terreno baldio, um campo de futebol. A construção, organização e limpeza deste espaço, foi sem dúvida a pedra fundamental para a feitura do bloco carnavalesco que virá a seguir, pois foi a partir dele que vizinhos, jogadores de futebol, comerciantes se juntaram e, desta forma, tiveram suas vivências aproximadas.

Os laços feitos a partir da construção deste campo trouxeram à tona um desejo de alguns moradores da região: a construção de um bloco carnavalesco que desfilaria pelas ruas do bairro. Dessa forma, no ano de 1974, foi criado o Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra, advindo da organização de moradores e comerciantes do local.

Já como bloco carnavalesco, o Unidos, como era popularmente chamado, passou a desfilar pelas ruas do bairro, conforme era desejo de seus fundadores. Todavia, com seu crescimento e maior articulação cultural e política foi convidado, no ano de 1974, a desfilar o principal carnaval do município de São Gonçalo. Entretanto, nos chama atenção à maneira como o bloco, com apenas um ano de existência, foi chamado a desfilar. Entendemos que, por estar próximo do período eleitoral, este convite muito se aproxima a uma troca política entre aqueles que galgavam manter ou conseguir postos na câmara da cidade e os diretores da agremiação. Desde modo, percebemos que, da mesma maneira como esta recém-criada Porto da Pedra modificou e foi modificada pela vida cultural e econômica de seu bairro de origem, o mesmo também ocorreu com as estruturas políticas pré-existentes do lugar.

O rápido crescimento gerou desorganização entre os diretores da organização e, isto somado a falta de capital para investimento foram os principais fatores que fizeram a Porto da Pedra parar de desfilar no ano de 1976. Contudo, no ano de 1978, um grupo de comerciantes do local resgatou o nome da agremiação e (re) fundou, agora de maneira oficial a Porto da Pedra. Por conta disto, pode-se concluir que, mesmo com pouco tempo de existência, o movimento se tornou símbolo das atividades culturais do lugar, modificando a história da população da região. O fato de a instituição ter tido duas fundações deflagrou nos anos que se seguiram uma disputa acerca da narrativa da origem da instituição. Isto porque, tanto o grupo de 1973, quanto o grupo de 1978 tomam para si a acunha de fundadores da agremiação.

Sobre a participação do Bloco Carnavalesco Unidos do Porto da Pedra no carnaval gonçalense sabe-se que, o mesmo se filiou, ainda em 1978, a AGESBC (Associação Gonçalense de Escolas de Samba e Blocos Carnavalescos) e disputou o carnaval da cidade entre os anos de 1978 e 1985. Dentro desse período conquistou o carnaval de 1979, quando ainda compunha a segunda divisão de blocos carnavalesco da cidade. A vitória deu possibilidade a agremiação de subir ao principal grupo de disputa entre de blocos da cidade. O enredo daquele ano homenageava era *feira junina*, tema tradicional do bairro.

Em 1980, agora na principal divisão de blocos carnavalescos de São Gonçalo, a instituição, com o enredo *Mundo Infantil*, novamente disputou e se sagrou campeã do carnaval. Entretanto, a vitória neste carnaval teve um prêmio maior do que apenas o simbolismo de levantar o troféu de campeã. Com este título a instituição se tornou, através de uma norma no estatuto da Associação Gonçalense de Escolas de Samba e Blocos Carnavalescos, uma escola de samba. Seus principais dirigentes eram moradores e

comerciantes do bairro, o que demonstra o elo existente entre a Porto da Pedra e a população que a circunda.

Entre os anos de 1981 e 1985 a Porto da Pedra mantinha ensaios regulares, conforme ia chegando o carnaval, em sua quadra /barracão na Rua 22 de Setembro, localizada no centro do Porto da Pedra. Por conta disto, alcançamos que durante cerca de oito anos (1978 até 1985) a Porto da Pedra estreitou e fez crescer laços com os moradores do bairro, mantendo relações sociais abertas com moradores, políticos e comerciantes. Modificando e sendo modificada pela lógica social vigente no lugar. Estes festejos, descritos acima, ocorriam em um local central do bairro, o que nos ajuda a entender a construção conjunta entre agremiação e moradores. Ademais, essa coligação foi tão importante para os diretores que os mesmos mantiveram o símbolo de duas mãos atadas, simbolizando a união do bairro, construída inicialmente pelos seus precursores de 1973.

Contudo, por conta do fim do financiamento por parte da prefeitura, a saída de importantes patrocinadores e algumas brigas internas entre os diretores acerca do futuro da agremiação, os responsáveis pela escola decidiram por parar de desfilar no carnaval gonçalense.<sup>313</sup>

Para seu Jorair a escola não tinha mais como evoluir em São Gonçalo: “a gente achava que tinha que evoluir, porque em São Gonçalo não dava, aí paramos, a escola ficou parada”<sup>314</sup>.

Sobre este momento há de se pontuar que era um período de redemocratização política brasileira, onde o modelo neoliberal ganhava força entre as camadas políticas e empresariais brasileiras. Por conta disto, houve em todo o Estado do Rio de Janeiro um processo de liberalização da economia, onde o Estado passou a privatizar algumas empresas. Um dos setores mais afetados foi o da construção naval, importante alicerce da economia local. Assim, entendemos que houve uma diminuição do caixa de algumas Prefeituras da região, sendo São Gonçalo uma delas.

Além disso, crescia entre os moradores da cidade uma corrente política estritamente ligada as igrejas pentecostais da região. Estas eram contrárias a feitura do carnaval e mantinham um discurso de demonização contra as festas populares feitas na cidade. Sua principal bandeira era o fim do financiamento público aos festejos. Como demonstrado ao

---

<sup>313</sup> Entrevista concedida em 14 de setembro de 2014.

<sup>314</sup> Entrevista concedida em 14 de setembro de 2014.

longo da pesquisa, houve entre os anos de 1980 e 1989 um crescimento de 2600% em todo Brasil.<sup>315</sup>

Esse aumento cresceu também o número de votantes que, seguindo a doutrina imposta entre os pentecostais, se conservavam contrários ao carnaval. Os representantes do poder público e mesmo aqueles que queriam galgar uma vaga entre os vereadores da cidade não se contrapunham a essa lógica. Mais uma vez as estruturas econômicas e políticas se entrecruzam com a Unidos do Porto da Pedra.

Com o fim do carnaval do município, a partir de 1985, a agremiação passou a se apresentar somente pelas ruas do bairro, porém sem caráter de desfile. Alguns diretores e adeptos da instituição carnavalesca ainda mantinham alguns ensaios conforme se aproximava o carnaval.

Entretanto, é durante este mesmo período que dois antigos moradores do bairro, amantes do carnaval e fundadores do bloco em 1973 começaram a prosperar em um mercado até então fechado aos empresários da região. Jorge Luiz Guinâncio (Lambel) e Ubervaldo Sergio de Oliveira, ambos empresários do ramo de extração e limpeza de óleo da Baía de Guanabara passaram a reunir antigos componentes da escola de samba visando retoma-la.<sup>316</sup>

Contudo, torna-se importante dizer que tal capital era proveniente de um mercado ilegal de extração de óleo que, como já descrito ao longo desta monografia, desviava e roubava óleo para vender a um preço abaixo do mercado para alguns compradores. Além disso, eles mantinham uma rede de corrupção a fim de proteger seus “investimentos”.

Segundo Bezerra, em conjunto com um esquema de corrupção ou de lavagem de dinheiro existe um acordo, bem delimitado, entre seus atores. Para ele, vigora através das “relações de dependências mútuas e assimétricas, constituído, entre outros, por autoridades municipais, federais e agentes privados”<sup>317</sup> acordos em que, tais agentes verificariam, prioritariamente, o benefício próprio.

Assim sendo, entende-se que o crescimento desse esquema, que fazia gerar volumosas quantias de dinheiro, envolvia além dos empresários, uma gama de sujeitos que tinham suas vidas ligadas a órgãos públicos e fiscalizadores.

---

<sup>315</sup> MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. Estudos avançados, vol.18, no.52 São Paulo Set. /Dec. 2004. Pp 14

<sup>316</sup> Jorge Lambel e Sergio de Oliveira eram sócios na empresa Comtrolls/a que limpava e retirava óleo da Baía de Guanabara, atividade extremamente lucrativa durante as décadas de 1980 e 1990.

<sup>317</sup> BEZERRA, Marcos Otávio. *Limites entre corrupção e política. Democracia Viva*. N. 10, nov. 2000/fev 2001. p. 46-53.

Há de se pontuar igualmente que, o retorno da agremiação não se deu, única e exclusivamente por conta do capital investido. Para que uma escola de samba, bem como toda estrutura cultural, se crie é necessário que haja uma demanda social e isso, como visto ao longo da pesquisa, a Porto da Pedra tinha. Podemos assim, assinalar que a entrada de capital foi importante para o regresso da instituição, contudo, este não foi o único motivo para tal. Sabe-se que, as relações políticas, culturais, sociais, além da econômicas são decerto imprescindíveis para a construção de uma estrutura como uma escola de samba. A volta da instituição carnavalesca gonçalense, neste sentido, pode ser definida como um somatório de circunstâncias.

Ainda sobre o investimento de Sérgio de Oliveira e Jorge Lambel, entende-se que ambos os empresários utilizavam a Porto da Pedra para lavagem de dinheiro e que a doação de tamanho capital fez reerguer a instituição, que passou a se planejar para disputar o carnaval gonçalense de 1993. Entretanto, a vinda de um sujeito em especial vai modificar esse panorama, seu nome é Jorginho do Império. Segundo relatos, o cantor conheceu e se impressionou com os preparativos para os desfiles da agremiação gonçalense, sendo depois disso um dos principais mediadores culturais da Porto da Pedra.

Jorginho do Império, bem como outros personagens que já estavam na agremiação são entendidos por nós como mediadores culturais. Estes seriam, segundo Santos profissionais com competências voltadas para o carnaval e que, promoveriam um intercâmbio cultural entre a agremiação e o mundo que a cerca. Seriam esses profissionais que gerenciariam e mediarão as operações que resulta nas modificações diárias que ocorrem no carnaval.<sup>318</sup>

A entrada desse profissional trouxe, além de seus conhecimentos técnicos, um novo olhar acerca do carnaval para a agremiação que possibilitou a Porto da Pedra acionar novas praças e chegar a pessoas que antes não conseguiria. Jorginho foi, em um primeiro momento, uma ponte entre a agremiação gonçalense e o carnaval carioca. Foi ele quem aproximou a Porto da Pedra a Paulo de Almeida, então presidente da LIESGA e também a GRES União da Ilha do Governador, escola de samba que acabou por se tornar madrinha da instituição aqui estudada.

Deste modo, com o investimento massivo da dupla Sergio de Oliveira e Jorge Lambel somado com os contatos de Jorginho do Império, a agremiação conseguiu um lugar entre as agremiações que desfilariam no grupo de avaliação do carnaval carioca. Obviamente que não

---

<sup>318</sup> SANTOS, Nilton. *“Carnaval é isso aí. A gente faz para ser destruído!”: Carnavalesco, individualidade e mediação cultural*. Tese (doutorado em ciências humanas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.



se deve deixar de lado as redes de relações, bem como as articulações políticas e econômicas que existiam por detrás desses acordos. Por conta disso, no ano de 1993 a Porto da Pedra se filiou a AESCRJ (Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro), o que, por si só, nos mostra seu intenso processo de institucionalização.

Sabe-se que naquele momento tanto esta associação quanto seu presidente Paulo de Almeida tinham interesses distintos para com São Gonçalo. Para a liga seria interessante expandir sua rede de influência. Já para Paulo de Almeida, que tinha planos de se candidatar a deputado estadual, a Porto da Pedra serviria como um grande cabo eleitoral. Vale lembra que, São Gonçalo possui mais de um milhão de habitantes.

Com a ida para o Carnaval carioca, a instituição carnavalesca Porto da Pedra passou a se estruturar cada vez mais e, desse modo, buscando parceiros e associações que lhe trouxessem benefícios. Dentre estas parcerias estão a associação com a AESCRJ (Associação das Escolas de Samba do Estado do Rio de Janeiro), LIESGA (Liga Independente das Escolas de Samba do Grupo de Acesso) e a LIESA (Liga Independente das Escolas de Samba). Além disso, conseguiu, através de alguns de seus diretores, contato com agremiações importantes como GRES Beija-flor de Nilópolis e GRES União da Ilha do Governador, sendo a segunda conclamada como sua madrinha no mundo do samba.

Para além destes fatos, a Porto da Pedra também passou a se articular com importantes nomes do carnaval, como é o caso do coreógrafo Nino Giovanetti, os Mestres de bateria Paulão e Cosme (ambos vindos emprestados à União da Ilha do Governador), o carnavalesco Mauro Quintaes, sem contar com a presença de importantes trabalhadores do mundo do carnaval que foram contratados e já tinham trabalhos em importante escolas de samba do grupo especial. Todos esses entendidos aqui como mediadores culturais, tal como Jorginho do Império, explanado mais acima.

Todo esse processo ao qual a escola de samba estava se inserindo também modificou as relações existentes no bairro homônimo a instituição. Muitos moradores do bairro e suas cercanias foram contratados para auxiliar na feitura do carnaval da agremiação. Costureiras, carpinteiros, ferreiros, entre outros, tiveram na Porto da Pedra seu trabalho em tempos de crise. Contudo, o contrário também ocorria, a vinda desses moradores do bairro fazia com que a agremiação também fosse modificada diariamente pelas vivências dos mesmos.

Entretanto, há de se pontuar que com o crescimento da agremiação no carnaval do Rio de Janeiro e a conseqüente chegada de novos profissionais transformou a lógica existente na Porto da Pedra por aqueles tempos. A vinda de pessoas de fora da comunidade ou mesmo de

São Gonçalo soou aos ouvidos daqueles que já trabalhavam na Porto da Pedra como um alerta, o que também gerou conflitos dentro da própria GRESUPP. E mesmo esses conflitos fizeram gerar no seio da instituição novas transformações, tanto para a Porto da Pedra quanto para as pessoas que ali trabalhavam e/ou residiam.

Sobre o carnaval, sabe-se que a Porto da Pedra disputou, com o enredo *O Novo Sol do Amanhã*, o grupo de avaliação da AESCRJ, em 1994, onde conquistou o segundo lugar. Esta colocação somada a problemas relativos à associação, bem como as articulações que a escola de samba gonçalense estava costurando, lhe renderam um salto de divisão, onde a agremiação foi parar no grupo de acesso UM, imediatamente abaixo do grupo especial. Com o enredo *Campo Cidade em Busca da Felicidade*, o GRES Unidos do Porto da Pedra conquista, em 1995, seu primeiro título em solo carioca. Essa conquista rendeu a agremiação um lugar no grupo especial. Pela primeira vez uma agremiação de São Gonçalo desfilaria no grupo especial, na Marquês de Sapucaí.

Por fim, torna-se importante dizer que, tal como foi proposto nas hipóteses dessa obra, pode-se afirmar que, desde sua criação até a sua chegada ao desfile no Grupo Especial, a agremiação passou por uma série de transformações, que não apenas a modificaram, mas também todo o corpo de pessoas que de alguma forma estava ligada a mesma, seja por razões econômicas, culturais, políticas ou mesmo por ser habitante do bairro de onde esta instituição era oriunda.

Estes escritos nos fazem concluir que a instituição carnavalesca Unidos do Porto da Pedra, seja enquanto bloco ou mesmo como escola de samba, promoveu uma série de mudanças em seu bairro de origem, bem como na cidade São Gonçalo. Ademais, conclui-se também que a mesma foi transpassada cotidianamente por inúmeras redes que a constituiu e a modificou. Sejam essas transformações em âmbito cultural, econômico, político e social.

## REFERÊNCIAS

GOSTINHO, Zilmar Luiz. *A roseira balançou: o surgimento dos Acadêmicos do Salgueiro no carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014.

ALMEIDA, Gelsom; NETO, Sydenham Lourenço. *Estado, Hegemonia e Lutas de Classes: interesses organizados no Brasil recente*. São Paulo: editora canal6, 2012.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & Abusos da história oral*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

ARAÚJO, Hiram. *Carnaval: Seis milênios de História*. 2 ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1999.

BARROS, José D'Assunção. *História, região e espacialidade*. In: Revista de História Regional 10 (1): 95-129. Verão, 2005

BOURDIEU, Pierre. *Como é possível ser esportivo?* In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

\_\_\_\_\_. *Os três estados do capital cultural*. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). *Escritos de educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. *O capital social – notas provisórias*. In: CATANI, A. & NOGUEIRA, M. A. (Orgs.) *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRAGA, Maria Nelma Carvalho. *O município de São Gonçalo e sua história*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Falcão, 1998

Burke Peter, *O que é História Cultural?* Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2008.

CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.

CAVALCANTI, Maria Laura V. de Castro. *Carnaval Carioca: dos bastidores ao desfile*. 4 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

\_\_\_\_\_. *Carnaval, ritual e arte*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

FARIA, Guilherme José Motta. *O Estado Novo da Portela: circularidade cultural e representações sociais no governo Vargas*. 2008. 211f. Dissertação (Mestrado em História) –

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.

FARIAS, Julio César. *O Enredo de Escola de Samba. Rio de Janeiro: Litteris, 2007.*

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *O carnaval e a modernização do Rio de Janeiro*. In: Revista Geo-paisagem. Ano 2, n 4, 2003. Disponível em: <http://www.feth.ggf.br/Carnaval.htm> Acesso em: 24/06/2015.

FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. *Um santo nome. Histórias de São Gonçalo do Amarante*. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2000.

FERREIRA, Felipe. *Inventando Carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

\_\_\_\_\_. *O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro. Ediouro: 2004.

\_\_\_\_\_. *Traduzindo o enredo: o processo de produção das escolas de samba*. In: KAMEL, José Augusto Nogueira (org.). Engenharia e entretenimento: Meu vício, minha virtude. Rio de Janeiro: E-papers, 2006: 99-111.

FRAGA, Alexandre. *Oeste: a guerra do jogo do Bicho*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014.

FRESTON, Paul. Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo. 1993.

FRUGOLI JUNIOR, Heitor. *Esboços de uma trajetória: Cidade, Pesquisa, Universidade*. Porto Alegre, Iluminuras v.12, n. 28, p. 18-40, jul./dez. 2011.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. S. Paulo: Cia das Letras, 1987.

GOMES, Ângela de Castro. *Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados*. In: *As leituras possíveis dos documentos pessoais do Seminário Internacional sobre Arquivos Pessoais*, Rio/São Paulo, CPDOC/FGV-IEB/USP, 1997.

GUIMARÃES, Alberto Passos. *Quatro Séculos de Latifúndio*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1968.

HAESBAERT, Rogério. *Território e Territorialidade: Um Debate*. GEOgraphia, Rio de Janeiro, Ano IX - n 17, p 3-5. 2007

HALBWACHS, Maurice (1877-1945). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (eds.). *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JUPIARA, Aloy; OTAVIO, Chico. *Os porões da contravenção. Jogo do Bicho e ditadura militar: a história da aliança que profissionalizou o crime organizado*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

LEOPOLDI, José Sávio. *Escolas de Samba, ritual e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1978.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003

LESSA, Carlos. *O Rio de Janeiro de todos os Brasis: Uma reflexão em busca de auto-estima*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LOUSADA, Maria Alexandre. *As praças como lugares de sociabilidade: práticas e representações*. In Miguel Figueira de Faria (coord.), *Praças reais: passado, presente e futuro*, Lisboa, Livros Horizonte.

MAGALHÃES, Felipe. *Ganhou, Leva! O jogo do bicho no Rio de Janeiro (1890-1960)*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

MAGNANI, José Guilherme. *A Rua e a Evolução da Sociabilidade*. 1993. Disponível em: <http://osurbanitas.org/antropologia/osurbanitas/revista/RUA.html>

MATA, Salvador e Silva. *São Gonçalo 1890 – 1990*. São Gonçalo: Ed. Belarmino de Mattos, 1993

\_\_\_\_\_. *São Gonçalo no Século XVII*. São Gonçalo. Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1997.

\_\_\_\_\_. *São Gonçalo no Século XVIII*. São Gonçalo. Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1998.

MARIANO, Ricardo. *Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal*. Estudos avançados, vol.18, no.52 São Paulo Sept./Dec. 2004.

MENDONÇA, Adalton da Motta Mendonça. *Transformações Sócio-Econômicas no eixo Niterói-Manilha em São Gonçalo/RJ*. 2007. 249 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. P 121.

MORAES, Eneida de. *História do carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro: 1967.

MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antônio. *Samba de Enredo: História e Arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. In: Projeto História. Nº 10. São Paulo: PUC, 1993.

OLIVEIRA, Floriano José Godinho. *Reestruturação produtiva e regionalização da economia no território fluminense*. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

PALMIER, Luiz. *São Gonçalo Cinquentenário*. São Gonçalo: IBGE, 1940.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Quem Sabe Faz a Hora... E Espera Acontecer*. In Em Busca do Brasil Contemporâneo, Rio de Janeiro, Notrya Ed., 1993.

POLLACK. Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

\_\_\_\_\_. Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval Brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007, p.71.

SANTOS, Nilton. “*Carnaval é isso aí. A gente faz para ser destruído!*”: *Carnavalesco, individualidade e mediação cultural*. Tese (doutorado em ciências humanas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.

SOUZA, Bruno Cesar. *Orgulho e Paixão de uma Cidade: A história do G.R.E.S. Unidos do Porto da Pedra*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: história oral*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1992, p. 17.

TINHORÃO, José Ramos. *Pequena história da música popular*. Petrópolis: Vozes, 1974, pp.171.

VIANNA, Hermano. *O Mistério do Samba*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar. 2012.

### **Fontes Pesquisadas**

Jornal do Brasil e Jornal O Globo: exemplares do primeiro trimestre entre os anos de 1994 até 1997;

Jornal *O São Gonçalo* e *O fluminense*: exemplares do primeiro Trimestre entre os anos de 1970 até 1997;

Atas de assembleias e de reuniões e fotografias colhidas no GRES Unidos do Porto da Pedra; Acervo digital (atas e fotografias) do Centro de Memória da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro;

### **Entrevistas**

Seu Jorair Ferreira: Jogador do Unidos do Porto da Pedra Futebol Clube (time que ajudará a fundar o bloco carnavalesco), Fundador do Bloco carnavalesco Unidos do Porto da Pedra (sem oficialidade 1973-75), fundador do Bloco carnavalesco Unidos do Porto da Pedra (com oficialidade 1978) Ex-presidente dos anos de 1993 até 1997.

Pedro Celestino: Jogador do Aranha Futebol Clube (Time do bairro que ajudará a fundar o bloco Carnavalesco), Fundador do Bloco (sem oficialidade 1973-75), Diretor Social do G.R.E.S.U. Porto da Pedra (1993-1997).

Paulo Chaffin: Comerciante do bairro (1977), fundador do Bloco carnavalesco Unidos do Porto da Pedra (com oficialidade 1978), Comprador do G.R.E.S.U. Porto da Pedra (1993-95), Diretor de apoio do G.R.E.S.U. Porto da Pedra (97-2012).

Maurício Pinheiro (Maurição): Diretor de Harmonia do GRESU Porto da Pedra (1993-1999).

Jorge Antônio Carlos (Jorginho do Império): Colaborador do Carnaval (1993-97)

Fábio Montebello: Vice-diretor de segurança no GRESU Porto da Pedra (1994-1999), atual presidente da Escola.

Mauro Quintaes: Carnavalesco do GRESU Porto da Pedra (1993-97).

Fábio Montebelo: Presidente da GRESU Porto da Pedra.

Dona Gilce de Oliveira: Viúva de Sérgio de Oliveira, patrono da GRESU Porto da Pedra.

Sebastião Bergara: Colaborador e diretor da GRESU Porto da Pedra na década de 1990.

Dona Ana Maria: Colaboradora do GRESU Porto da Pedra e Foliã dos Carnavais do bairro do Porto da Pedra.

Pedro Luís ou Pedro Gordo: Folião e colaborador do GRESU Porto da Pedra.

## ANEXO



Abre alas do carnaval de 1997 (acervo público).



Jorge Lambel na Sapucaí (Acervo Dona Gilce)



Carnaval 1997 (Acervo Pedro Celestino).











Da esquerda para a direita temos: Flor Bicudo (antigo folião do Bairro), Cláudia Mauro (atriz), Carbrinha (diretor social do GRESUPP) e Paulo Cesar Grande.

Carnaval 1996:



Jorge Lambel na Marquês de Sapucaí. (Acervo Gilce de Oliveira)



Direção do GRESUPP



Sérgio de Oliveira



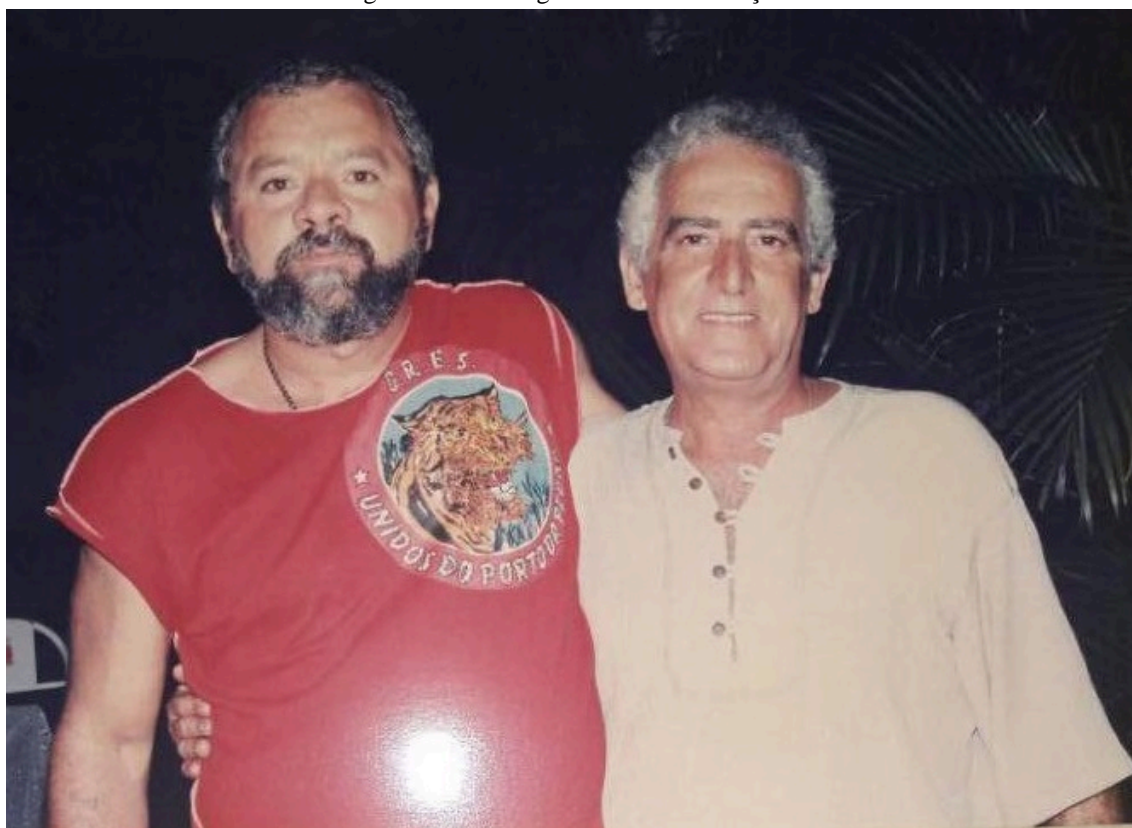
Jorginho do império (à esquerda) sendo observado por Sérgio de Oliveira (à direita).



Jorginho do Império.



Jorge Lambel e Sérgio de Oliveira abraçados.



Jorge Lambel e Sérgio de Oliveira.



Ala das baianas no carnaval 1996:





GRESUPP em contato com o mundo a sua volta(Acervo Cabrinha):



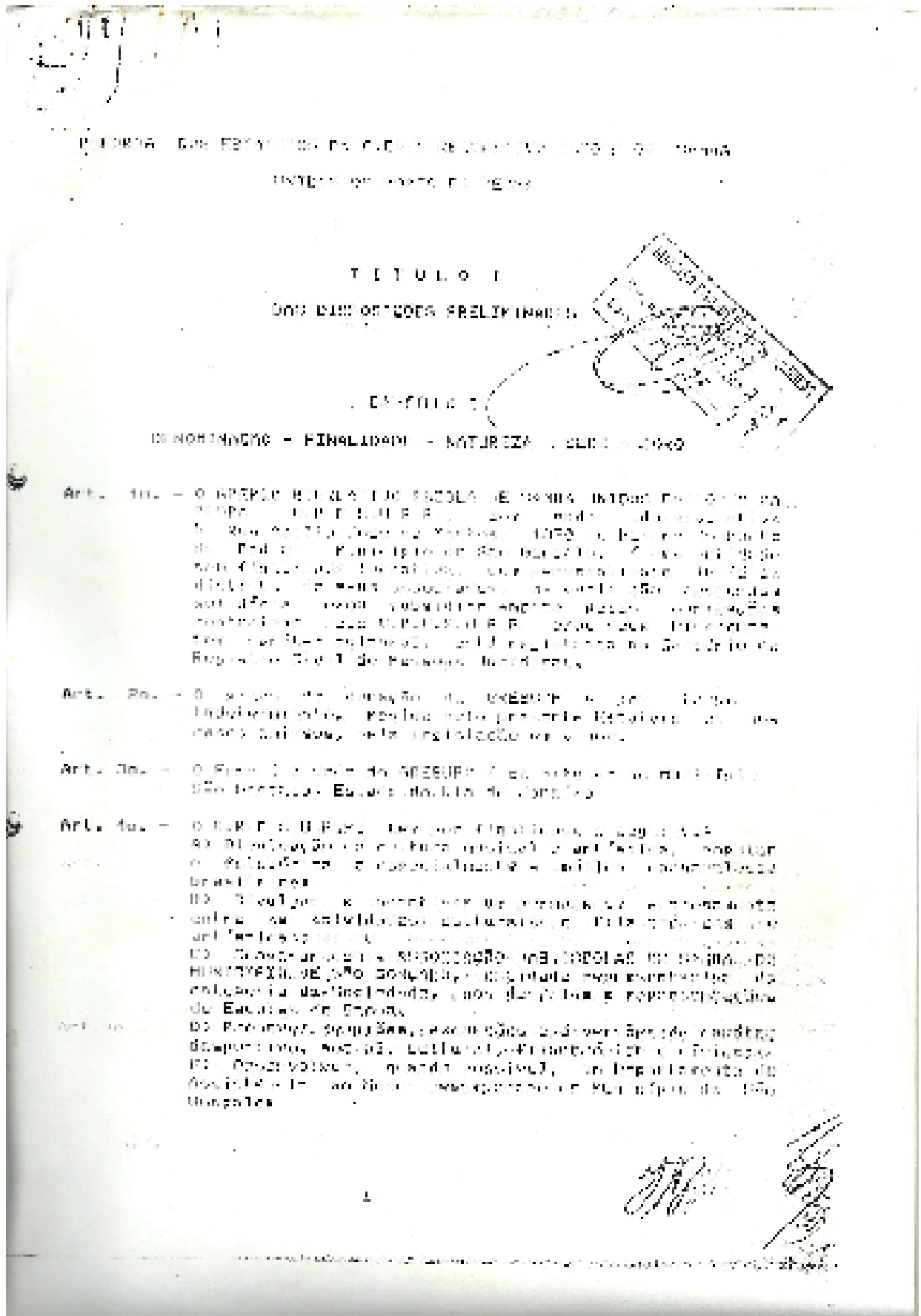


Ala dos compositores esperando a apuração do carnaval de 1997.



Dona Diná, antiga Baiana do GRESUPP: carnaval de 1997 (Acervo Cinthya Santos).

Estatuto refeito de 1993 (Acervo Jorair Ferreira):



Art. 85

As reuniões plenárias do Conselho de Administração terão caráter deliberativo, sendo as decisões tomadas por maioria simples, salvo disposição em contrário no presente estatuto. As reuniões serão convocadas pelo Presidente do Conselho de Administração para a prática dos negócios da sociedade, e a falta de quórum não impedirá a realização das mesmas, desde que a maioria dos membros estiver presente.

Art. 86

Considerando-se a alta importância de um quadro social organizado para a prática dos negócios da sociedade, fica permitida a participação no presente estatuto para o exercício do poder de administração, desde que a aprovação do presente estatuto tenha sido feita de forma unânime, e a nomeação do quadro social de direção da sociedade tenha sido aprovada por maioria absoluta dos membros do Conselho de Administração.

Art. 87

As reuniões do Conselho de Administração serão convocadas pelo Presidente do Conselho de Administração, e a falta de quórum não impedirá a realização das mesmas, desde que a maioria dos membros estiver presente.

São Paulo, 03 de novembro de 1988

**CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO**  
**EMPRESA CHIL DE PESQUISA AGRÍCOLA**  
 Rua ... nº ... São Paulo, SP

Assinado e Rubricado em ...

Assinado e Rubricado em ...

Assinado e Rubricado em ...

TABULADA 5/3/2  
 Livro de 2.286/17  
 FOLHA 32/54